LIBRARY OF CONGRESS.
Chap. PQ9697
Shelf .P7B8
UNITED STATES OF AMERICA.

BRASILIANAS.

BRASILIANAS

POR

M. DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

LIBRARY OF CONGRESS
OF WASHINGTON

VIENNA.
IMPERIAL E REAL TYPOGRAPHIA.
1863.

PQ9697
.P7 B8

OBSERVAÇÃO.

Pouco ou nenhum caso fazendo d'estas expansões metricas da phantasia, que escrevi para não deixar ociosos os momentos que me restavam dos meus trabalhos artisticos, dei-as incorrectas, como da penna me correram, aos amigos que m'as pediram, para encher algumas paginas de suas publicações periodicas; assim appareceram ellas á luz com todos os erros e imperfeições de um trabalho não revisto, e com os inevitaveis senões da minha fraca intelligencia. Agora que de novo me pedem que as reuna em um volume, tratei de expurgal-as de uma parte de seus deffeitos, para tornal-as mais d'guas de estima, e dar-lhes publicidade.

D'entre as Composições já publicadas separadamente, em tempos diversos, e algumas ineditas, fiz uma escolha do que me pareceo melhor, despresando o resto.

O nome de Brasilianas que dei a este livrinho, provêm das primeiras tentativas que se estamparam ha vinte annos na *Minerva Brasileira*, e da intenção

que tive; a qual me pareceo não ter sido baldada, porque foi logo comprehendida por alguns engenhos mais fecundos e superiores, que trilharam a mesma vereda.

Assim pois, esta pequena collecção não tem hoje outro merecimento além do de mostrar que tambem desejei seguir e acompanhar o Senhor Magalhaens na reforma da arte, feita por elle em 1836, com a publicação dos Suspiros Poeticos, e completada em 1856 com o seu poema da Confederação dos Tamoyos; porque a sua Urania data de 1847, posto que só apparecesse em 1862.

Este volume não é mais do que um d'esses mesquinhos artefactos, que só interessam á curiosidade publica pela epoca em que se fizeram.

Versado em outras disciplinas artisticas mais do que n'esta, creio-me no caso de merecer alguma indulgencia d'aquelles que me honrarem com sua benevola critica; e se for feliz, como natural é que o deseje, cobrarei animo para offerecer ao publico uma composição mais longa, mais variada, e igualmente patriotica, em que trabalho.

Dresda, 1863.

CANTO GENETHLIACO

OFFERECIDO

A SUA MAGESTADE

O SENHOR D. PEDRO II.

IMPERADOR CONSTITUCIONAL

E

DEFENSOR PERPETUO

DO

BRASIL

PELO SEU MAIS FIEL, HUMILDE E REVERENTE SUBDITO
E CREADO

MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

BRASILIANAS.

CANTO GENETHLIACO.

Cara patria, sem susto
Tua fronte levanta magestosa
Como tuas montanhas e teus bosques
Magalhaens.

I.

Medindo o céo co'o manto luminoso,
Vimos todos brilhar em Guanabara
Sidereo Nuncio, simulando um astro.
Era o Anjo da Paz e da Concordia!
Cerrado havia a quadrifronte mole
De Jano, em que a Discordia escancarara
De ha muito as portas no revolto Imperio.
Era o Anjo da Paz e da Concordia!
Os batentes de bronze sigillára

Do sangrento artefacto, onde o delirio
Co'um punhal exarára o fratricidio;
E d'onde a mão do Inferno, ourando vistas,
Afagando ambições, ao som das armas,
No campo erguera a luctuosa idéa
De o Brasil dividir para abysmal-o!
É sancta a liberdade, mas seu culto
Não deve ao fanatismo erguer altares.
De terrenos senões se eiva a belleza;
E o sol, o claro sol, tambem tem manchas.

Dura provança ha sido! Os vencedores
Co'os vencidos o pranto confundiram
Na grande introversão, e no repudio
Da triste gloria, que o porvir renega.
Hoje tudo cessou. A paz cultora
Da sublime existencia, triumphante
Já matiza esses campos de alegria;
E o nobre pavilhão que Pedro, outr'ora,
Brandira no Ipiranga ao mundo inteiro,
Acoberta esse acervo de esqueletos,
Que no seio da morte confraternam.

Do throno do Equador o rei dos rios
Ingentes braços ao Guayba estende;
Amplexo cordial une o Imperio;
E no horisonte assoma a luz propicia
Que á méta das grandezas leva os povos.

II.

Oh! que delirio sacrosancto provo
Quando subo ao teu throno, ó natureza,
Co'a paz no coração, na face o riso!
N'um sonho elysio cuido ver-te ornada
De um cocar luminoso, cujas pennas
Lambendo o disco dos planetas, fazem
Duplicar teu fulgor, tua harmonia
Nos páramos ethereos do infinito.
Nas fibras de minha alma, harpa celeste,
Magica ondulação vibrando, sólta
Da mente as azas igneas; de meus labios,
Deslisando suave um som canoro,
Aos accentos se mescla do almo orgam
Que tange no universo a mão divina.

D'onde vem esta voz tão poderosa
Que abafa o rouco som das tempestades,
Os gemidos das selvas seculares,
O ronco dos vulções e das cascatas?
D'onde surge esta voz que inspira n'alma
Gigantesca emoção, ardor celeste,
Que no peito fervendo sóbe aos labios,
E o halito converte em patrios hymnos?!

Oh! que prodigio! Nesta plaga amena,
Onde se eleva a Deos o homem grato,
Com o aspecto de um céo sempre formoso,
E a riqueza de um solo rico e fertil,
Arroubada transpõe minha alma as raias
Que ao misero mortal coube em partilha.

O Nume tutelar da Prole augusta
Nova gemma engastou no throno ethereo,
Como um padrão de gloria, igual somente
Ao que outr'ora marcara, ha lustros quatro,
No heroico sagitario, quando á terra
Sorrindo-se, baixou á patria amada

De Pedro o filho, que hoje cinge o sceptro
De benefica luz, de amor e gloria.
Hoje de novo na siderea facha
Do alto firmamento, alegres raiam
Os delphins outro lume, que derrama
No Imperio Brasileiro alma esperança,
E os festivos triumphos abrilhanta.

III.

Mas que metéoro é este que nos ares
Em turbilhões de luz alaga o polo,
E derrama do Prata ao Amazonas
Um rutilante e novo cataclysmo?!
Sôam nos ares os clarins do empyreo,
Um globo diamantino lento desce,
Librando-se supino ao Pão-d'assucar!
Rebentam da montanha effluvios de ouro;
E a mole esborcinada, que emblemava
Um canopo envolvido em saxeo manto,
A granitica toga sacudindo

Em andrajos no mar a precipita!
As ondas rebramando aos céos levantam
Crystalinas columnas, que suspendem
Não visto pantheão na azul esphera!
C'roa-lhe o cimo, qual rubim flammante,
Em guisa de acroterio, o Capricornio,
E no eterno escalão da base undosa,
Pendem as urnas dos adustos hombros
Os grandes rios que o Brasil pompea.

Do arrogante monólitho a estructura
Se converte n'um Anjo gigantesco!
Na dextra empunha o brasileiro sceptro,
Onde se firma o grypho bragantino;
Na sinistra o papyro em que escrevera
Sacros dictames o Heroe brasilio.
Suspenso o Anjo, mal tocando as plantas
Na intensa fronte do fecundo Capro,
Medio o Guanabara, e alegre dice:

„Brasil, Brasil, Brasil, alça-te, impera!
Não mais denso bulcão te obumbre a vista,

Nem teu somno alimente escuro fado.
Eras brilhantes de um porvir immenso
Teu formoso horisonte ora circulem.
Fechei as portas do funereo templo
Da bifronte Discordia; com meu sopro
Que os desertos fecunda, e anima as flores,
Sequei lagos de sangue, onde hoje brotam
Vergeis olentes, abundantes safras.
Entravei o abysmo fratricida
Co'a propria espada, e de seu punho immerso
Fiz surgir uma palma de oliveira.
No remanço da paz, e da alegria,
Por mando do Senhor, oh que bondade!
Em meus braços te trouxe carinhoso
Un Anjo de innocencia, sob a forma
De humana creatura. Eis o teu Principe!
Tão puro e tão formoso como aquelle
Rei da terra, que vio a prima aurora,
E do globo fruio a virgindade;
Primitivo conviva do banquete
Que a natura offertou, quando inda ungida
Do perfume e da essencia que lhe dera

O verbo creador d'este universo,
Reflectia do céo a diva imagem.
Elo sagrado, que se liga ovante
Á cezarea cadeia, que as idades
De coroas e sceptros enlaçaram.
Elo que encerra do Danubio as aguias,
Do Tejo as quinas, de Castella e França
Os leões, e os lyrios afamados.
Brasil, Brasil, Brasil, eis o teu Principe,
Ungido da pureza e das virtudes
De um thalamo que Deos abençoára.
De caricias lhe adorna o berço augusto.
Do arminho mais puro, e mais suave,
O seu leito acolchoa; ampara-o, e véla
Com amor paternal; canta-lhe em torno
Da avita gloria os seculares hymnos;
Inspira-lhe a grandeza, a magestade,
O amor do justo; que a seu lado sempre,
Batendo mansamente as minhas azas
Seu berço embalarei cheio de amores;
Meu bafo mesclarei aos ternos beijos
Do Augusto genitor, da Madre excelsa,

E irei na harpa celeste acompanhando
Sempre o teu canto inspirador, egregio!"

Assim o Anjo Custodio ao Brasil dice:
E ao som da sua voz sublime e grande
O mar, a terra, o ar estremeceram!
No leito em que dormia desde a hora
Em que o lume dos céos no Eden viçoso
Ferio de Eva formosa os castos olhos,
O Gigante disperta, e se espriguiça
Com medonho fragor no monte e valle.
Alli, invulneravel, resupino,
Desde o berço do sol vio a torrente
Dos seculos passar, immovel, quedo;
Estalarem os diques do diluvio,
Que em mares despedido sobre a terra,
Dos primevos mortaes fundio os ossos,
E os templos converteo em lodo e vasa.

No cabeço alcantil, onde exarara
Com o escopro dos raios repetidos
Sibyllina inscripção a mão dos tempos,

E que ora Monte-Gavea o nauta alcunha,
Uma luz volteou, como um cometa,
Que a pedra aviventou! As saxeas fórmas
Como fundidas se moldaram. Vio-se
O aspecto escabroso, a côr terrena
Pouco a pouco de rosas colorir-se,
E em carnes converter-se. As virgens matas,
Que occultavam profundas cavidades,
Em luzidas madeixas se mudaram.
Os rios, que em bolhões serpenteavam,
Como veias nos membros se esgalharam,
E a relva, e os arbustos na epiderme
Como vellos diversos simularem.
Arredonda-se a fronte, abrem-se os olhos,
Curvam-se as faces, o nariz resalta,
Rasga-se a boca, os labios se modelam,
Alça-se o mento, o collo se torneia,
Alargam-se as espadoas, desce o peito
Ondeado, velloso e palpitante;
Oscillando ao respiro o ventre empola,
E os musculos em combros se descrevem!
Como feixes de troncos enroscados

Alongam-se os titaneos, grossos braços;
As mãos se espalmam, tendem-se as phalanges,
E as pernas se prolangam, sustentadas
Por dous enormes pés, de cujas pontas
Brotam os dedos como altivos picos!
Bem como fere do Cyclope o malho,
Bate-lhe o coração dentro do peito,
E nos arboreos vasos borbulhando
Ronca o sangue em medonhas catadupas.
O bafo que lhe agita a flor dos labios
Qual galerno suave o mar encrespa,
Sólta o polen das flores, e embalsama
A gentil Guanabara com perfumes.
Nastro armillar na graciosa coma
Com fimbrias diamantinas o corôa;
Das espadoas lhe pende roçagante
Uma suberba clamyde irisada
De peitos de Colibri, lampejando
Do poente e da aurora os varios lumes.
Ornam-lhe os braços scintillantes joias,
E os pés sandalias polvilhadas de ouro.

Levanta-se o Gigante, e um passo dando
O mar invade, encapellando as ondas.
Resplende Nitheroy o mago espelho
Em que elle o vulto assoberbado mira.
Satisfeito de si, de si contente,
Eleva aos céos a magestosa fronte,
E garboso saúda o sol da patria.
Co'os olhos de condor percorre ovante
Desde o grande Amazonas té o Prata,
De seu dominio raias, e estacando,
Arroubado de encanto co'a grandeza
De um Imperio sem par, assim exclama:

„Eis-me em fim acordado! Salve, oh dia!
Dissipou Jehovah a treva espessa,
A noite millenaria que em meus olhos
Tantos evos pesara em somno ingrato.
Na sublime atalaia, que orna a entrada
Do meu immenso emporio, hoje incessante
O meu Anjo da Guarda véla, ampara
Esse filho do céo, que o céo outorga
A mim, e aos filhos meus, e que prolonga

No futuro o palladio sacrosancto
Que mais de vez a mão do inferno injusto
Intentou derruil-o, furibunda,
Sobre montes de craneos brasileiros!
Sepultado nos proprios fundamentos
Se anniquilla o padrão que um braço iniquo
Transplantar intentou do solo infausto,
Outr'ora solio do infeliz Tolteca.
Jaz mirrado esse braço delirante
Que sonhou mutilar a minha esphera,
Troncar-me o corpo, dal-o em pasto aos corvos,
Que do sangue de Abeis só se saciam.
Dissipou-se o bulcão luctuoso e infesto,
De lagrimas formado tãosomente.
Do céo rompendo o limbo magestoso,
Em meu seio se alberga a paz ditosa.
A mão de Pedro, o Generoso, o Sabio,
Benefica estendeo donoso olvido,
E os odios sepultou n'um sumidouro,
Cujas fauces cobrio de amenas flores!
Erga-se emvão o espectro da vingança,
Emvão co'a planta ardente o chão recalque,

Vestigios mais não acha do passado!
O monte, a gleba, o plaino aos céos enviam
Em odoros effluvios gratos hymnos,
Que os favonios do céo acariciam.
Ao som da ferrea enchada, que abre a terra
As searas se pautam, reverdecem;
E á voz canora das tranquillas aves,
Junto ao vergel, e á somnolenta fonte,
A esposa embala o filho, a quem o esposo
Sorrindo entrega enferrujadas armas.
Vejo nos povoados retumbando
O diurno concerto de instrumentos
Que agita em ledo affan a mão da industria;
E nos claros lyceos sentada, ovante,
A sciencia, que a espada afugentara.
Bondadoso prazer a face alisa
Da velhice, e nos olhos de seus filhos
Brilha o fulgor do patrio enthusiasmo.

„De vulcanico amor abraseado,
No throno do Equador, sentado, aguardo
Espontaneas offrendas. Quero o berço

Mais pomposo do mundo; entretecido
Dos thesouros que a prodiga natura
Em meu solo esparzio fecunda e bella.
Musa da Italia que subiste á Grecia,
E em novas harmonias te embebeste,
Desce dos Alpes á brasilia estancia,
E guia no lavor meus habeis dedos.
Em meandros gentis, entre as volutas,
E o acantho diamantino, se entrelacem
Imagens de symbolicas virtudes;
De Marco Aurelio as maximas se insculpam
Em lettras de rubins, que o sol emulem;
Em brilhantes opalias quero a imagem
Do fegundo João, do quarto Henrique,
Que serviram de norma aos reis do mundo,
E cujo sangue heroico aquece as veias
Do meu filho dilecto, e meu orgulho.

„Rompa o triumpho em prestito pomposo,
Á voz da natureza, á voz brasilia,
Nesta scena, não vista, os hymnos mescle;
Offusque-se o esplendor de Paulo Emilio,

Os triumphos de Roma, o luxo, o fasto
Desse, que em Baias, filho de Tiberio,
Sobre as ondas tyrrhenas com assombro
A noite converteo n'um claro dia!
Pomposo se desdobre; assaz terreno
Me deo a natureza; e cause inveja
Á basta, altiva Europa, cujo corpo
A sombra do meu vulto o envolve em trevas."

IV.

Surgem do mar, em fustas inteiriças,
Gigantescas matronas, cujos braços
Os limites excedem d'esses reinos
Que orgulhosos se assentam entre as neves,
Onde se espelha a Ursa, e as columnas
Que herculeo braço collocára ovante
Sobre penha alcantil, cortando mundos.
Trazem ao peito maternal, pujante,
Em ceruleo listão nobre Venéra,
Que a cruz do Salvador em astros mostra.
Amplas tunicas vestem, roçagantes,

De nitido algodão, em cujo limbo
Ardem mil gemmas, tintinando ao passo.
Scintillantes estrellas as coroam,
Que ao meneio do corpo a luz avivam,
Quando em choreas graciosas giram
Em grupos, que invejára a graça hellenea.
O mimoso colibrio que voeja
Em torno á meiga flor, pedindo um beijo
Envolvido de nectar; a phalena
Que oscúla o manacá á luz esquiva
Da lua, que tambem colhe perfumes,
Não excedem a graça e a ligeireza
Que ante o patrio Brasil no seu triumpho
As desoito matronas desenleam!
Aos ares desprendendo a voz sonora
Dest'arte ao regio Infante se dirigem:

CORO DAS PROVINCIAS.

Vem, sacrario da innocencia,
Vem, ó Anjo bragantino,

Vem, a nós divo menino,
Para o teu berço embalar.

Vaso de amor, de esperança,
Rosa celeste, donosa,
Vem, ó flor mysteriosa,
O futuro embalsamar.

Estrella d'alva, formosa,
Puro cyrio de candura,
Pharol da nossa ventura,
Vem a terra illuminar.

Effluvio da luz divina
Que penetra no futuro,
E rechaça o reino escuro,
Que nos queria cegar.

Columna de luz que guia
Um povo inteiro á victoria,
Que o fará no alvo da historia
Brilhante fasto exarar.

Do Genitor e da Madre
As virtudes cantaremos,

E o teu berço adornaremos
Do que ostenta a terra e o mar.

Vem, sacrario da innocencia,
Vem, ó Anjo bragantino,
Vem a nós, caro menino,
Para o teu berço embalar.

V.

Fronteiras ao Gigante, em renque as filhas
Se curvam ante o throno, onde sentado
Tece elle ufano o berço co'as offrendas
Que por turno apresentam: copia ingente
De quantas maravilhas préza o orbe.

Da pensil rede que atravessa as margens
Do famoso Amazonas, prompto desce
O Pará colossal, e deposita
Exquisitos perfumes, encerrados
N'um vaso em que pintara de Orellana
Os combates e os sonhos do Eldorado!
Em escudos de blende tartaruga

A baunilha, o cacáo, o arroz, o cravo,
Que o sacho da natura ali cultiva,
E em festões de mil cores a plumagem
De mil canoras e formosas aves.
Abre um cofre de lenhos multicores,
Que amostras dão dos troncos que embellezam
Seus rios gigantescos, e tirando
Da fronte adusta o kanitar plumoso,
Assim discorre com brasilio accento:

„Grande me fez a Sapiencia Eterna,
E grande me verás no orbe um dia!
Nestas arterias de oceanos doces
Ha de a luz do porvir girar ovante
Quando teus filhos n'uma só familia,
Juncto de um throno e de um altar somente,
Fizerem corpo e face á hoste imiga;
Quando o Franco valente, e o Anglo ousado
A teus pés seus pendões desenrolarem.
Não temas a invasão de ávidas hordas,
Nem o trom dos combates nestas aguas.
Do seio da floresta arrancaremos

Centos de fustas, e do monte o ferro,
Para á gloria marchar. Ah! nesse dia,
Pororocas de sangue aos céos erguidas,
Hão de os monstros sumir na voraz guella
Do sangrento kaiman. Conserva o pacto
Da união, e o teu fado entrega aos tempos.

Seguio-se o Maranhão, cujas bombardas
Na Gallia e na Batavia inda rebombam.
De alvissimo algodão um véo desdobra
Broslado de ouro com formosos lises.
Tomba a seus pés o araribá purpureo,
Transparente copal, saudaveis drogas,
Os tropheos que deixou Rivardiere,
E os filhos de Nassau, bravos, activos,
Que do fundo do mar a equorea Hollanda
Arrancaram, formando a estranha patria
Que niveila co'as ondas as ameias.

Como um grupo de Graças se avisinham
Do Parnahyba a esposa graciosa,
Que em Oeiras seu thalamo engrinalda;

Ceará, que em seus tumulos de schisto
Do globo as convulsões ao sabio marca;
Rio-grande, que o forte dos Reis Magos
Como um padrão de gloria ao mundo mostra.
Bordam-lhe o cinto, fluctuando ao vento,
Da ema que estampara em seu escudo
Os brilhantes pennachos. Jubilosas
Suas gramineas cestas entornando
Juncam o solo de modestos fructos:
E em luzentes cylindros apresentam
A vital carnaúba, cujo tronco
Ao homem presta no labor da vida
Tecto, lume, colxão, armas e cibo,

Garbosa, marcial, Olinda bella,
Senhora da Veneza brasilense,
Ao throno se aproxima, e desenrola
Os batavos tropheos que conquistara
Nos montes e nos campos Guararapes.
Pende-lhe ao flanco de Vieira a imagem,
E no seio, em tres discos diamantinos,
De Vidal, Camarão, e Henrique Dias

Os perfis venerandos. Das canoas,
De carmineo brasil atopetadas,
Tira o lenho symbolico; amontoa
De nitido algodão balas sem conta,
Fechos de assucar, como a neve pura.
Mostra ufana, dos filhos mago esforço,
Os prodigios das artes no seu gremio;
E de aurea cornucopia vasa, entorna
Melifluos pomos, rescendentes flores.
Em crystallinos vasos apresenta
De nectario fabrico varios postres;
Acipipes, que em Roma, nos triclynios
Do difficil Vitellio e de Lucullo
Gloria fariam dos festivos brodios.

A Nayade que rege o São-Francisco,
E se banha nas ondas marulhosas
De Paulaffonso, maravilha extrema,
Mostra o seu solo, que ao poente esbarra
Nos incultos sertões; mostra seus lagos
Bordados de florestas, que promettem
Nos largos troncos opulentas naves,

Gigantescas empenas e zimborios,
E tudo quanto o lenho em mãos peritas
Póde com arte procrear na terra.

A modesta Sergipe, juncto ao solio,
Com rosto humilde graciosa offerta
Metaes e fructos; e no chão estende
De um cedro o tronco colossal, que encerra
No bojo enorme uma inteiriça nave!
Mostra-lhe ao longe dominando os ermos
Ipé frondoso, co'a soberba cópa,
Onde mil aves harmonias cruzam!
Em seu tronco, que abarcam vinte braços,
Sóbe alada baunilha, simulando
Cochleado padrão, onde a natura
Embutira os annaes do novo mundo.
Dirias de Trajano ou de Antonino
As marmoreas columnas, que inda exaltam
Triumphos immortaes da prisca Roma.

Do primeiro explendor inda orgulhosa
A pujante Bahia avança e pára.

Do vulto magestoso expande as graças
Da regia estirpe, que princeza ha sido.
Seu seio maternal produz constante
Prole de engenhos, de varões conspicuos!
Tira da flava cornucopia de ambar
Gemmas do Sincorá, argenteas barras,
Estatuas de alabastro e roseo marmor,
E a plumagem das aves convertida
Em mimosos festões de varias flores.
Une ás armas, que o berço nobilitam,
O seu louro tabaco, e deposita,
Para mais realçar a sua gloria,
Instrumentos, palhetas, lyras, pennas,
O concento das musas e das artes.
Mostra um baculo em gladio transformado,
E os tropheos que saudára o gran Vieira,
Doctrinado em seus bancos sapientes.

Com ameno sorriso os céos encara;
Seu renato explendor lá via escripto.
E maga, revocando a sombra illustre
Do egregio Cairú, manda que o sabio,

No marmoreo padrão por ella erguido,
Juncte ao nome do Rei, que alli quebrara
Da noite as portas, do Bisneto o nome.

Humilde, comparece d'entre as selvas
Victoria, ainda inculta, erguendo os braços
Ungidos de perfumes, adornados
De fina prata e de irisantes gemmas.
Abre um escrinio, e respeitosa offerta
Formosas lavas e crystaes que houvera
De dormido vulção, e juncta alegre
Vasado tronco, em que o jaty pozera
O doce nectar, que no Olympo a Jove
Hebe offertava nos fertins celestes.
Para as vestes do Infante, offrece ainda
A purpura de Tyro, a tinta augusta
Que ella mesma extrahira de mil conchas
Nas praias venturosas, que acolheram
Anchieta, o apostolo das selvas,
Cujo braço se vio surgir da terra
Mostrando a cruz ás gerações vindouras!

Eis que a aurifera Minas se apresenta,
Sacudindo das vestes mil riquezas.
Gemmas do Abaeté atalham-lhe o manto
Que um reino vale, tanto é seu preço!
Tão rica e variada, que em seu gremio
Póde da terra saciar a industria.
Alli a Providencia com mão larga
Despejou lenitivo á sede humana!
Para o berço assombroso alegre offerta
Aureos saxos do Gongo em magna copia.
Granisa o solo, que simula a noite
Semeada de estrellas, com brilhantes,
Esmeraldas, rubins, topasio e euclasias;
E dos hombros depõe a lyra excelsa
Onde em laminas de ouro os nomes fulgem
De Gama, de Durão, e de um Gonzaga,
Que gemendo harmonias no desterro,
Amor eternisou.

Após, se achegam
As filhas da floresta, que internadas
No Xingú, Tapajoz e no Madeira

Bebem a lympha que deslisa em mares
Por alveos diamantinos té fundirem
A corrente grandiosa do Amazonas.
De seu thesouro occulto um toalhete,
Tecido de ubassú, gratas desdobram,
Onde luz o metal que dispertara
Mil argucias ao genio de Anhanguera.
De alabastro racimos primorosos,
Colhidos nessas grutas afamadas,
Juncta á oblata, e saúda o Brasileiro.

Toda cheia de si, de um justo orgulho,
Caminha a filha, que domina as plagas
Onde e capro celeste não dardeja
Intensos fogareos na verde messe.
Com os olhos que vêm pousar nos Andes
O sol que doura o Paraná e os mares,
Ao paterno Brasil se achega, e abre
O seio venturoso, onde afagára
Raça de engenhos, denodadas raças
Que os sertões perlustraram, quando a onça
E o silvicola livre dominavam.

Alli gemeos brincaram n'aurea infancia
Os dous Gusmãos, o secretario arguto,
E o sidereo Colombo, a quem a França
Em vão tenta usurpar do invento a gloria;
O Bueno fidelissimo; os Andradas,
A tripode immortal da Independencia:
O erudito Pinheiro, e o nobre engenho,
Que das agoas do Itú surgio sem nome
Para nobre brilhar no parlamento:
Modesto Paula Souza! Gloriosa,
Abre os roteiros, que parecem sonhos,
Das bandeiras ousadas, que venceram
A fome, a morte, azares nunca vistos,
E arrancaram primeiras as riquezas
Que Lysia devorou sem fructo e gloria.
Colhendo o riso, e anuviando o rosto,
O monte ferreo de Ipanema encara
Como quem diz em previdente impulso:
„Vales mais que o brilhante, a prata, e o ouro.

Flores vem semeando a equorea e bella
Insular companheira, um dia centro

Da maritima gloria. Ajuncta ao ferro
Da nobre Paulicea negro acervo
De luzente carvão; e aponta heroica
Para o mar, onde boia e corta as ondas
Um rodado volcão, cujas entranhas
Inflammadas o braço de Archimedes
Activa e manda a perlustrar os polos.
A seus pés, de joelhos, humilhado,
Doctrinando meninos sem amparo,
Vê-se o pobre Joaquim aos céos pedindo
Para o patrio Brasil dias de gloria.

Guerreira e altiva a nobre fronte erguendo,
Guarnecida de louros conquistados
Em seus mavorcios campos, chega e pára
Essa heroina que ha mostrado ao mundo
Da espada riograndense o poderio!
Mostra o seu lago, maravilha eterna,
Onde cem rios despejando as ondas,
Figura um tronco, que do mar plantado
Pela terra se esgalha e fructifica.
Alli, copia do Eden, bem se acclimam

Das ilhas de Benaco o figo, e as rosas
Que ao turco Solimão deram saudades;
A loura espiga que corôa Ceres,
O aureo pomo, a oliveira atheniense;
O que a Persia mandou fructo melifluo;
O nectar purpurino dos banquetes,
Rival do Malvasia e do Felerno;
A pera da Numidia; alvos morangos;
E esse pomo que Banks previdente
Da America levou á velha Europa,
E tres vezes salvou da fome a França.

Relinchantes, batendo as ferreas patas
Na terra ao som da marcial trombeta,
Mostra os corceis, que no futuro plaustro
Hão de o Infante condusir á gloria.
Mostra-lhe o armento nos coalhados campos,
E as riquezas do solo: o vital mate,
A opalia, o ferro, o cobre, o ouro, o marmor,
O carvão mineral, e quanto a industria
Na terra almeja para lustre do homem.
E tirando do flanco magestoso

A espada valorosa, que encobria
Chaga profunda, ao Brasileiro dice:
„Eil-a a teus pes; eu juro só brandil-a
„Contra aquelles que a Patria ameaçarem.

Com attico fulgor garbosa fecha
As patrias oblações a filha excelsa
A quem coube em partilha ser a guarda
Do sceptro que protege as irmães todas.
Pujante de riquezas, vê do mundo
Em seus portos as ancoras pousarem;
E os productos das artes e da industria
De mil povos com quem os seus permuta.
Ao gigante fallou: — „Dá-me esse berço,
Que eu tudo tenho para o grande empenho.
E nisto abre seus cofres orgulhosa:
Mostra do Caldas a sagrada lyra;
O plaustro sideral que á Virgem dera
O piedoso São-Carlos; a palheta
De Leandro e de Rosa; o fino escopro
Do grande Valentim, não superado,
E os raios de eloquencia que dos labios

Sampaio e Monte-Alverne dardejaram;
De Magalhaens os mysticos Suspiros,
E o seu quadro do Plauto Brasileiro
Expirando nas fragoas d'esses monstros
A quem Gallileo dice: *E pur se muove!*
Dos archivos arranca, em pó envolto,
Um angulo que tinha em aureas lettras
Esta legenda: Independencia ou Morte!
„Conheces? pergunton-lhe; e elle beijando
A divisa do Imperio, a poz no peito
Do dragão bragantino, que sustinha
O aureo berço do gentil Infante.

N'uma nuvem de aromas do céo desce
Co'as mãos n'um orgam, que imitava um serro,
Garcia, o mestre da harmonia; e todas
Ao som das vozes do instrumento sacro
Estas preces em côro entoam gratas:

CORO DAS PROVINCIAS:

Senhor, de cujos labios pende a vida
Dos homens e dos mundos que criaste!

Que ao Anjo das Nações marcas o norte
No oceano do tempo. Tu que encarnas
De cyclo em cyclo uma alma predilecta
Para vir reformar do mundo a face,
Faze com que este Filho que nos déste
Complete a obra immensa começada
No alto do Ipiranga e no Janeiro;
E que o Anjo Custodio, nosso guia,
De tua Omnipotente Mão receba
Annos de paz, e dias de ventura.

Assim seja; o Brasil responde, alçado;
Assim seja; repetem as Provincias.

VI.

Levanta-se o Gigante do aureo solio;
E esse berço, ja feito, altivo mostra
Do alto do Equador ao mundo inteiro.
Parecia suster nas mãos possantes

O crescente da lua, e um astro novo
Nos céos embalançar, cheio de brilho!
Alli do Imperio a historia artefactara
A propria natureza, descrevendo
Co'os emblemas os tempos decorridos
Desde o monte Pascual ao Ipiranga.

Á gentil Guanabara se dirige
A pompa imperial, para o triumpho.
Abrem-se selvas, montes se nivellam,
E o curso param caudalosos rios:
Tudo está prompto, e alegre. Do seu throno,
Olhando para o sul, canta o Gigante
O Hymno Nacional, mago reclamo,
Que aduna do Oyapok ao Prata quantos
Filhos briosos o Brasil encerra.

Marcha o triumpho pela esponte via,
N'um jardim encantado convertida.
A immensa aléa que o cordel não vira,

Orlada foge, variando o aspecto
Segundo os climas que atravessa e terras.
De um lado e d'outro, magestosos atrios,
Virginios lucos, que protege a deosa
Da eterna mocidade, não manchados
Pelo braço invasor; a mesta aranha
N'elles não fixa a envelhecida teia,
Tanto respiram juventude e brilho!
Alli só reina a maternal natura
Afagando a risonha primavera,
E o outono feliz! Tal pompa aclara,
Aviventa, renova o facho eterno
Que illumina o principio e o fim dos evos;
O facho que esparzio, quando brandido
Pelo punho divino, n'um momento,
Esta immensa belleza americana.

Alegre, como as faces da innocencia,
Risonho, como os sonhos da esperança,
Do Gigante Brasilio eis se aproxima
O prestito pomposo. Ao Anjo chega,
Que véla sobre o Imperio americano,

E o berço presuroso lhe apresenta,
Pelas filhas queridas adornado.
Das pupillas do Anjo se despedem
Dous raios divinaes, que a fronte c'roam
Do Brasilio Gigante; como outr'ora
A Moyses rutilaram, quando vira
D'entre nuvens e raios sobre a lage
O dedo do Senhor a lei traçar-lhe.

Do gremio divinal em que repousa
O sagrado penhor, o caro Infante,
Suspendendo-lhe o Anjo a tenra fronte,
Carinhoso beijou-a, e com ternura
Tres vezes o cingio de encontro ao peito,
Bafejando-lhe o somno da innocencia.

Aquelle que no céo, rasgando as nuvens,
Nas regiões dos Andes luminosos,
Ao sidereo condor roubasse ousado
Uma penna enflammada, poderia
Talvez apenas descrever o enlevo

Da ridente effusão do enthusiamo
Que no peito brasilio arde, e se eleva
Em impetos de amor celeste e immenso,
Que se sente, e se goza, e excede ao esforço
Da lingua, do pinsel, da lyra humana,
Por ser do Imperio imagem na grandeza.

BRASIL:

Reflexo do Senhor, Anjo querido,
Meu guarda e protector, eu te agradeço
Com todo o amor da terra o Mimo Augusto
Que por ti me outorgou o céo benigno.
Padrão de minha gloria, em cujo seio
Do Augusto Genitor, da Madre Augusta
Palpitam as virtudes, e me auguram
A palma luminosa da victoria,
A união da familia brasileira,
Os laureis conquistar de almas grandezas,
E ser no mundo — Imperio Brasileiro!

O ANJO CUSTODIO:

Da Monarchia a planta protectora
Aureo Pomo brotou: n'elle se encerra
Alta esperança de um porvir brilhante.
Em torno do seu berço, fasto augurio,
A guerra emmudecêo; e desdobrando
A benefica paz seu manto augusto
Os odios abafou: um Pai e filhos
Neste dia feliz o céo abriga.
Sobre as azas do grypho bragantino,
Vencedor em dous mundos, deposita
Esse berço, sacrario de esperanças,
Onde em somno tranquillo o regio Infante
Da innocencia deslisa os aureos dias.
Ahi, cheias de amor, sombras augustas,
Coroadas de louros e de estrellas,
Virão pousar benignas sobre a cupola
Que ao berço tecerei co'as minhas azas.
Ahi, de dia em dia, em metro altivo
No psalterio celeste irei cantando
Essa grande epopéa, onde fulguram

Os avitos primores, em que Affonso
De seu throno de luz um raio envia
Ao Neto Americano, em cuja fronte
Sublime intelligencia transluzindo,
Glorioso porvir promette á Patria.

A DESTRUIÇÃO DAS FLORESTAS.

CANTO I.

A DERRIBADA.

Na mão do escravo acicalado ferro
Brilha, e reflecte do africano vulto
Sorriso delator de interno gozo!
E sofrego acudindo á voz do incola,
Que na cornea busina o madrugára,
Antes que a aurora os montes contornasse,
Na frondente floresta se aprofunda.

Brada contente a parceiral caterva,
Prompta agitando as fouces e os machados
Que no ar lampejam quaes sinistros raios.
Mede co'a vista os seculares troncos
D'esses gigantes que laceram nuvens;
Que tantas estações, e tantas eras,
Os céos e a terra em porfiada lide
Donosos empregaram na estructura
Que tem por coração cerne de ferro,
Onde verazes os annaes do mundo
Em multiplices rolos se recatam.

Prorompe o capataz com gesto fero,
Afras canções do peito borbotando,
Que alentam do machado o golpe; troa
O hymno devastador, que em curta quadra
Lança por terra mil possantes troncos,
Timbre dos evos, pompa da natura.

Nos largos botareos, que a base escoram,
E no solo se entranham tripartidos,
Como ingentes giboias no profundo,

Talha o machado a corpolenta crosta.
Treme o chão, treme o ar, geme e se esfolha
A cup'la verdegai do amplo madeiro,
E convulso largando os verdes fructos,
Granisa o bosque com medonho estrondo,
Que as aves manda ao céo, e á tóca as feras!

Marca a funda machadada
Do canto saf'ro o compasso;
E as que o ar toldam mil lascas
Roboram do fulo braço
O golpe destruidor.

Baqueam enormes lenhos,
E centos de outros mutilam;
Trovejam; mas eis que os ferros
Já não cavam, nem fusilam
O golpe destruidor.

Sorri-se tripudiando,
O negro falquejador,
E pára o selvagem canto,

E o golpe destruidor,
E limpa do bronzeo rosto
Com a mão o alvo suor.

Rija celeuma de confusas vozes
Applaude a queda dos pujantes lenhos.
Como uma anta feroz, sibilo agudo
Arma co'os dedos nos sovados labios
O ledo capataz, e açula a turba,
Com novo metro, e variado modo,
A de um golpe extinguir o parque excelso,
Que incolume surgio do cataclysmo!

As fouces e os machados manobrando,
Vão amputando o peristilio umbroso
Da verde tenda, monumento inculto,
Que de indomitas feras fôra asylo,
E os accentos canoros de mil aves
Nas perfumadas folhas embebêra;
E onde em barbaro coro a simia astuta
Outr'ora se embalava, até que a frecha

Do certeiro Tamoio, o ar fendendo,
Co'a ponta hervada lhe enfiasse a morte.

Como columnas de arruinados templos
Jazem prostradas em confuso enleio
As grossas hastes, desmedidas, fortes,
D'essas umbellas, que subindo aos astros
No regaço do sol fruiam ávidas
Os puros raios de vital conforto!
A prenhe sombra de fragrancia e fresco,
Que cem plantas mimosas protegia,
Não mais amparará bolhão ruidoso,
Que a estiva sêde dissipava ás feras.

Oh! que espectac'lo grandioso e triste
Meus olhos, abarcando, contemplaram!
O ferro iconoclasta retalhando
A verdejante chlamyde da terra,
O seu manto sem par, — e cuidadoso
Poupar avaro inuteis esqueletos
De eivados troncos, carcomidos galhos,
Aonde a viridante primavera

Emvão tentára, em contumazes lustros,
Nos podres garfos da raiz annosa
Seu insuflo vital verter benigna!

Ruinas sacras, que eu lastimo, e adoro,
Das aves throno, e odêo harmonioso!
Hoje achanado teu sublime porte
Róla na terra os prostylões soberbos
De odoros acroterios, onde a arára,
O brilho apavonando de seu manto
Como uma flor alada resplendia!

O ferro prosternativo,
Novos prodigios mostrando
Sobre a coma dos gigantes,
Que na terra estão rolando,
De Flora novos mimos denuncia,
Que de nacar se adornam, de ambrosia.

Rescendentes de almo cheiro
Novas flores vão-se abrindo,
E pelas brandas antheras
Suave aroma expandindo,

Que delirios celestes encendendo
Vão a vida em elyseos convertendo.

Eu vi dos jardins ethereos
Bellezas, perfumes, cores,
Onde as abelhas sidereas
Colhem nectareos licores,
E onde os cherubins, de amor divino,
Ungem as azas de vapor nardino.

Sois nada, jardins do luxo,
Com vossa Flora mesquinha!
Em vossos vasos de marmor
Mofina cresce a florzinha.
Do ether não a nutre a essencia pura
Longe do vital seio da natura.

Nas flores da floresta immensa e livre
Celeste prisma desprendendo cores
De incognito matiz roscía as pétalas,
Onde de luz um raio deslisando
Gemmas simula, que deslumbram, cegam!

Como insecto em seara submergido
O homem se afigura, comparado
Co'a ingente ossada da floresta annosa
Que a seus pés mutilada fana e murcha.
Alli troncados mirram sobre a arena
Fuliginosos tóros, tapeçados
De aveludado musgo, onde resaltam,
Em forma de ramaes, e de coroas,
Raiadas parasytas, que debruçam
Em cheirosas liaças brandos feixes
De multimodas flores, onde ha pouco
O melifluo jaty zumbindo, errante,
Co'a tromba odora recolhia o polen.
Outros, curvados pelo proprio peso,
De encarnadas escamas se revestem,
De verdes lanças, de estrigadas farpas,
De roseos cachos em pedunc'los aureos,
Como em festiva noite ornado mastro.
Outros de rubro agárico se bolsam,
E nas eivadas, bolorentas fendas,
Á vista off'recem enfiados cardos.
Largas vergonteas, como enormes rocas

De sumaré palmato se nodulam,
Onde a Natura na cerdosa borla
Tenaz visgo injectou, que a industria explora.
Immensos crivos de cruzadas norças,
De estriadas butuas, camarões flexiveis,
E de aérea, arrendada cresciúma,
Semi-suspensos de pujantes troncos,
Das auras ao volver se embalam, gemem,
Como harpas eólias gigantescas.

Alli mais não virão, chirlando em nuvens,
Fugazes maritacas; nem no outono
O grisalho macuco enamorado,
Incauto a morte achar no tredo canto,
Que o sagaz caçador pipita occulto.
De tronco annoso no barbado cimo
Não virá perforar concavo leito
A cornea goiva das loquazes aves;
Nem os casulos de mimosa paina,
De finos musgos tecerá nos ramos
Susurrante colibrio furta-cores.
Da fulva rôla o compassado arrulho,

Do sahico gentil, do gaturamo
Os brilhantes gorgeios, que nas calmas
Alegravam do bosque a soledade;
Da cyclopea araponga o ferreo canto;
Da altiva capoeira a maga flauta
Não mais echoarão ricos trinados.
E a maviosa, compassiva endecha
Do terno sabiá n'esse remanso
Não mais cadenciará de tronco a tronco
Cerulea borboleta em valsa aérea.

No antro escuro de cavada rocha,
Açodada em pavor arqueja e ronca
Medonha jararaca, e despe astuta
O escamigero estojo que a reveste,
Para fugir mais leve a tanto estrago.
O esvelto veado em salto alipede
Galga nova espessura espavorido.
Grunhindo em longas varas serpenteam
Ferozes caitutús por invias mattas,
Onde o ferreo mangil tenha poupado
No ar, na terra, o succulento cibo.

Alli eterno ipê, onde mil vezes
O dorso colossal de anta membruda
Em furia abalroando, perseguida,
Nem sequer lhe abalára a cópa augusta,
No baque horrivel que arqueára angicos,
Centos de estragos descreveo, prostrando
Na queda sua brancas imbahibas,
Cujas raizes para o céo se ergueram;
E a planta esguia de estrellados braços,
Que ufana retratava na ramagem
Hebraico candelabro em synagoga,
Sobre o solo se esmaga desfolhada.
Geme grudada no carmineo grelo
Tarda preguiça, de nojento aspecto.

Oh dor inexplicavel! Sotopostos
Troncos a troncos, inda emmaranhados
Na espessa malha das tenazes cordas,
Que como enxarcias sobre a terra a prumo
O serpentino imbê do alto brotára,
Vejo um rubro tiê, que á flor purpurea
Disputa o brilho co'a louçã plumagem,

O desfiado ninho contemplando!
Como tonto, a seu lado, o ar atrôa
Canoro Encontro, lastimando a choça,
Onde incubára no amoroso termo
Tenra prole, esperança de seus hymnos.

Embalde mortal pugna trava ha seculos
Sicaria planta co'um aderno altivo.
Como enorme lacraia, nas vergonteas
O sipó-matador tenaz se agarra,
Rouba-lhe o sangue, o garbo lhe anniquila,
Mirra-lhe os membros, cresta-lhe os pimpolhos,
E abraçado co'o putrido cadaver
Do lenho que o nutrio, quer ir ás nuvens
Co'os astros hombrear, e sobranceiro
Saudar o sol, e recolher avaro
Os puros raios da manhã serena!...
Eis que o machado a base ora lhe talha,
E o sepulta de um golpe, e a afronta vinga.
Assim tredo valido o sceptro usurpa,
E n'um montão de ruinas se enthronisa;
Ergue-se ao céo no turbilhão sangrento

Que o vulcão popular vomita em jorros!
Mas, quando acalma a canibal tormenta,
Precipite de chofre cae, e encontra
Nas fauces da cratera a morte, e o nada.

Como tenue renovo, humilde planta,
Entre os gomos robustos que enraizam
Valente cabiúna, brota e alça
Tortuosa virgulta, que arrimada
Cresce e vigora, cochleando o tronco;
Manso e manso se entranha, e a seiva sorve;
Mingua do bojo obeso o pando amplexo,
Secca-lhe as folhas, atrophia o cerne,
E em nulla podridão converte, esbroa
Aquella que mil vezes triumphante
Zombou dos furacões, zombou dos raios,
E cujo firme pé baldára as luctas
E a broca activa de horridas enchentes.
Sobre as azas dos ventos caminhando,
Suspensa em nova victima se enrosca;
E de ruina em ruina rediviva
Inutil morre! Qual o avaro sordido,

Vampiro da miseria de mil homens,
Que o thesouro engrossara em porcentagens,
N'um catre estala entisicado á fome,
Sobre os milhões que aferrolhára o vicio!

Oh zona tropical, terra de encantos!
Onde a Natura baralhou grandiosa
Das estações o quadro, recompondo
Eterna primavera, eterna vida.
Se o machado cruel em mãos estultas
Só estragos fizesse, em breve quadra
A phenix vegetal do novo mundo,
Das proprias ruinas ressurgindo á vida
Verdes titães elevaria ufana,
Á cuja sombra dilatada e mansa
Valentes legiões se abrigariam.
De rubros angelins, odoros cedros,
Louras parobas, guararemas causticas,
No proprio ventre das errantes nuvens
A esponjosa guedelha iria ovante,
Antes do raio e dos trovões medonhos,
Sorver o cibo nas cinzentas chuvas.

Sem mais esforços da sciencia e da arte,
Bizantinas columnas se ergueriam,
Naves sombrias, porticos soberbos,
Sustendo a cup'la engrinaldada e mobil
D'esse portento de verdura e nardo!
Aureas grapiapunhas, que no Oceano
Mofam tranquillas do marouço inhospito;
Eburneos pequiás, jaldes canellas,
Purpureos mangalós, graunas magicas
Que illesas mil incendios atravessam;
O rouxo guarabú, alma dos plaustros,
E o purpureo brasil, que no universo
Um Imperio brotou, viçoso, e grande!

Alli do rijo lenho, eterno esteio,
Que do ferro rival lhe toma o nome;
Do roseo araribá, do copahiba,
Que o amago oleoso ensoberbece;
Do odoro saçafraz, do succupira,
E do eburneo setim, aureo-luzente,
De novo a sombra na cerrada grenha
Quieta guarida offertaria ás aves,

Vitaes biscatos á innocente prole,
Quando nos ares, pela guela intensa,
Cospe o Capro na terra os igneos dardos,
Que em fructos saborosos se transmudam.
Mas ai! o voraz fogo, a ardente chamma
Tudo destróe, calcina, extingue e arrasa!

Sublime creação, nobre proscenio
De vida, e amor, de melodia, e balsamo,
De terriveis combates! . . . . e hoje ruinas!!!
Os teus umbrosos parques e aléas
Não mais recamará de seus gorgeios,
A boscareja orchestra alegre e varia,
Nem o vate arroubado e pensativo,
Á luz esverdeada que te innunda,
Entre os effluvios da baunilha odora,
Graves inspirações, sacros mysterios,
Aqui recolherá em ondas de estro.

Teus sandalos que myrrha lacrimavam,
Navetas copiosas do thuribulo
Que em seu altar thuricrema Natura

Sobre o bafo da aragem matutina
Em ductos invisiveis meneava,
Liberal perfumando os céos e a terra,
O machado cruel, em mãos estultas,
Para sempre os ceifou, deixando um ermo!
E entre chammas expira a nota augusta
D'esse hymno eterno da virente Flora!!

CANTO II.

A QUEIMADA.

Quebrou-se a mola ao mechanismo excelso
Do secreto artificio da Natura!
O sol que outr'ora vida diffundia
Sobre a panda alcatifa da floresta,
Hoje resseca as monstruosas ruinas
D'esse templo sagrado, onde mil flores
Nas perfumadas aras entretinham,
Como vestaes, a sacrosancta essencia.

É hora do labor, fumega a terra
Mephitico vapor, que o rosto innunda
De suor, e no peito ancias revolve;
E ao afro escravo dá vigor aos membros
Que outr'ora em descampados embalára
Igneo suão da Lybia abrasadora.

Como moimentos que elevára em montes
Guerreira prole a seus valentes mortos,
Ou de insulanos, barbaros pagodes
Talhados postes, monstruosos hermes,
Que em renque affinca oriental idolatra;
Taes se afiguram os troncados toros
Que em pé deixára o cauteloso ferro.

É hora do labor, sôa a busina;
E a leda turma, que abatera a selva,
Preliba gozos na hecatombe immensa,
Que em breve as serras cobrirá de fumo,
Como se dó vestisse a Natureza!

É hora do labor, sôa a busina;
No corneo isqueiro a pederneira encosta
O guapo capataz, e alçando a dextra
Move o fuzil; rebentam as faiscas,
E no amago da mecha comburente
Se embebe o fogo, e bafejado augmenta.
Nas reliquias de putridos madeiros
Derrama a isca, cuidadoso sopra,

Activa a flamma que espadanas brota,
E de grossas vergonteas a robora.
Divide os fachos, repartindo a gente,
E co'um brado commanda o holocausto.

Por cem partes da terra nuvens se erguem
De brancos fios, que simulam plumas,
Como os penachos do crinito tyrso,
Que a palma extremam dos ubás farpados.
Estridente soido o espaço enchendo,
Dá signal ás descargas incessantes,
Que rolam, como em fogo de alegria
Nos faustos dias que a nação consagra.

Como um bosque encantado e fluctuante
O fumo de improviso se modela;
Vivas linguetas, trisulcadas, varias,
Surgem do centro como troncos igneos;
E ao som das salvas, do estampido estranho,
Dos madeiros que estalam, se ergue o incendio;
E o intenso gaz dos calidos vapores

No céo tremúla, e nas visinhas plagas,
Qual vaga crespa ao respirar dos Euros.

Na boca agita o dedo, e trina um grito
O ledo escravo, que africana crença
Na patria lhe ensinou para d'esta-arte
Chamar os ventos a engrossar o incendio!

Cresce e se alarga um nevoeiro espesso
De açafroada cor, que em largas curvas
Anovellado sóbe, e tinge o limbo
De cambiantes perolas; na terra
Lavra a fogueira, calcinando os troncos;
E aqui e alli em ramalhetes igneos
As seccas folhas pelo ar volteam.
Por entre a turva massa que se encopa
Em negros turbilhões, se expande o fogo;
Abre-se em antros de sulphureo aspecto,
Retalha-se, agglomera-se, enrolando-se
Em porfiados globos. Sopra o vento,
Descortina atravez da ardente fragoa,
Dançando alegres com brandões medonhos,

Em tripudio satanico os escravos!
Como Brontes, em rija vozeria,
Pelo bafo do inferno ennegrecidos.

Como um combate de travadas furias,
Em que a morte vomita por cem bocas
Cerrada chuva de inflammadas bombas,
De cruzados pelouros que se esmagam,
E no choque reciproco se annullam;
E alêm, nos muros de possante alcaçar
Arde e rebenta o armazem da polvora,
Toldando o ar, e estremecendo a terra;
Tal se afigura o pavoroso incendio,
Que se alarga, progressa, trovejando,
Como se um genio do infernal abysmo
Abrisse os antros em que habita a noite,
E de horidos phantasmas povoasse
Os céos e a terra com medonho estrondo.

Que estranha confusão, que accento horrivel
Á voz da ruina inopinada mescla

A Natura, e redobra o quadro hediondo,
No conflicto mostrando scena insolita!

Na escura lapa de embrenhadas furnas,
N'esses invios covis de soltas rochas
Que rorantes cascatas desabaram,
Desperta o fumo as monstruosas serpes
Que eterna guerra ao fogo decretaram!
Em amplas roscas como raios surgem
Atras sururucús varando os bosques,
Fendem os brejos, nas campinas voam,
E á queimada arremettem furibundas!
Como montantes que manobram Cides,
A cauda vibram que na terra rufa,
Como rufa o tambor em campo armado;
Arfando irosas tres medonhos roncos,
Erguem o colo, fuzilando furias,
E á chamma investem com damnado arrojo!

Nem as roqueiras que os bambús ribombam,
E o fremente estridor que o vento engrossa,
Nem o bafo da morte a furia abalam

D'esses monstros raivosos! Implacaveis
Umas co'a cauda batalhando, cegas,
Os braseiros espalham destemidas;
Outras se enroscam nos tostados postes,
E do alto de novo um bote atiram;
Aqui e alli com tresloucados golpes
O ar atroa a serpentina sanha.
Ora enroscando o chamuscado corpo
Na cinza ardente, que lhes cresta a pelle,
Jazem vencidas, e um nó gordio enlaçam;
Ora convulsas arquejando morrem
Sobre o leito inflammado que as devora;
E no exicio medonho expiram todas,
Da guela expellindo atro veneno!

Venceo o incendio dos reptis a sanha:
E triumphante, impetuoso, lavra,
Lambendo os troncos co'as vorazes chammas;
Redobra o brilho co'investir da noite,
E o céo de fogo colorindo e a terra,
N'um pelago de sangue envolve tudo!

Entre rolos de fumo rebenta
Das taquaras o estalo medonho,
E o estrid'lo longinquo, enfadonho,
Rufa salvas de fila no ar.

Colubrinas de fogo crepitam
Estridentes faiscas na terra,
E a montanha de fumo que a encerra
Em andrajos se rasga no ar.

Como ingente canhão ribombando,
As tabocas estouram mil roncos,
Que abalando do solo mil troncos
Outro incendio revolvem no ar.

Espadellas de fogo se engrossam
Atravez de espiraes de atro fumo,
Que seguindo das nuvens o rumo
Vão dos astros o róscio seccar!

Zune o vento, a fumaça se espalha,
E os cepos dos troncos inflamma,
Como em aras egypcias, e a chamma
Á raiz se recurva a queimar.

Sóbe o monte o incendio lavrando,
Com um throno infernal se assimelha!
Róla toros de viva centelha
Que braseiros espalham no ar.

D'esse monte de brasas, e flammas,
Ampla tenda se alarga, e se estende,
Rouba aos astros a luz, e pretende
Negras trevas no céo condensar.

Como outr'ora o Vesuvio lastrando
Em Pompeia, Resina, e Hercolano,
Tal o incendio, n'um igneo oceano,
Muda o céo, e a terra, e o mar!

Tudo é fogo, tudo é fumo,
Tudo estronda, tudo treme,
Tudo queima, tudo freme,
Tudo é cinza, tudo é ar!!!

CANTO III.

MEDITAÇÁO.

Vinde commigo, Brasileiros sabios,
Ao logar onde outr'ora se ostentava
Cheio de vida, de fragrancia e esmalte
Monumento votado a infindos seres,
Odoroso theatro, onde mil scenas
A terra erguera ao som do hymno eterno
Das varias estações! Vinde commigo
Prantear d'esse templo viridante
As ruinas magestosas, convertidas
Em toros calcinados, e alva cinza!
De arte mesquinha, de alinhadas formas,
Do breve escantilhão, recta esquadria,
A misera influencia nem de leve
Seu porte amesquinhou, quando soberbo
Meneava nos céos floridas grimpas,
E da luz, do calor, do fresco orvalho,

O insuflo vital que recebia,
Co'o proprio aroma grato perfumava.

Amavel Freire, companheiro errante
Sobre o cimo das serras de Petropolis,
Que adoras a Natura, e lhe consagras,
Sabio e artista, culto tão sublime!
Vem, amante de Flora, vem commigo
Mesclar teu pranto, teus gemidos graves,
Sobre os delubros do formoso bosque
Que o céo da patria aviventou benigno.

Profundo e solitario Frei Custodio,
Que estudas a epopéa grandiosa
Das idades da terra, e que penetras
Co'a mente aguda nos vitaes mysterios
Da varia creação, lendo na crosta,
Que arredonda este globo, os hieroglyphos
De occulta historia, e na estructura saxea
Co'o dedo mostras os annaes do mundo!
Archeologo profundo, que os sepulcros

Dos priscos seres estudando attento,
Novos seres restauras, não mais vistos;
Novos só para nós, ultimos incolas
Do globo em que habitamos, cujos fastos
Dice Deos a Moysés, e este nos dice!
Vem, chronista da terra, vem commigo
Mesclar teu pranto, teus gemidos graves,
Sobre os delubros do formoso bosque
Que o céo da patria aviventou benigno.

Querido Magalhaens, irmão d'esta alma,
Que vezes tantas no ditoso exilio
Meu peito arrebataste co'a torrente
Que teu genio borbota, quando altivo,
E abrasado na flamma do improviso,
Milhões de idéas, mundos, o universo
Abraças, exhalando nobres hymnos!
Vem, amigo saudoso, ao teu amigo
O pranto mitigar co'o lenitivo
Do augusto poderio da amizade!
Tu, a quem tantas vezes arroubado
Nas plagas escutei de estranhas terras,

Sobre o mar, em cidades populosas,
Sobre os nevados craneos dos gigantes
Montes que a Italia escondem, que clausuram
No seu throno hibernal o Eden da Europa
Ao Germano engenhoso, e ao marcio Gallo;
Tu que commigo em carinhoso amplexo
Libaste nos sagrados cenotaphios
De Dante, Galileo, e Buonaroti,
Osc'los de um nectar que desperta a gloria! . .
Que ausente agora tua fronte espelhas
No meu patrio Guahiba! . . . vem commigo,
Gloria da patria, orgulho de meu peito,
Mesclar teu pranto, teus gemidos sacros,
Sobre os delubros do formoso bosque
Que o céo brasileo aviventou benigno.

Meu nobre Silva, meu patricio caro,
Que a passos graves triumphante marchas
Por entre legiões de augustas larvas! . . .
Silva que eu amo, e a quem meu canto offerto,
Deixa os sepulchros dos helleneos astros,
E do reino da morte a lousa fecha,

Os doutos soliloquios suspendendo.
Teus ouvidos affeitos á magia
Da voz de Homero, dos antigos vates;
Tua alma emmaranhada nos prodigios
Das creações archetypas de um mundo
Onde do genio o diamantino escopro
Entalhou maravilhas, desprendendo
Suave melodia, aureo perfume.
Mal podem supportar meus rudes versos.
Commigo á erma campa vem saudoso
Da floresta, onde a prodiga Natura
Do seio maternal brotára em copia
Sobre um solo infeliz tantos prodigios,
Que a mão do homem co'o incansavel ferro
De dia em dia empobrecido torna!
Oh filho de Linneo, vem, meu amigo,
Mesclar teu pranto, teus gemidos graves,
Sobre os delubros do frondoso bosque
Que o sol da patria aviventou benigno.

Eis o retrato dos sagrados bosques
Onde os Cimmerios, em sombrias furnas,

Do porvir os arcanos insondaveis
Com mystico artificio decifravam.
Eis de Carthago, e Babylonia, e Troia,
Da sacra Thebas, da purpurea Tyro,
D'essa antiga Albion, a triste imagem!!!

Supera o humano braço ao raio em ruinas!
Erostrato incansavel, dia e noite
Em padrão luctuoso estampa o homem
Novos triumphos, derrocando insano
Tantos thesouros, que ás vindouras raças
Gritos de maldição, em desespero,
Aos céos farão soltar inconsolaveis....
No solo onde soberba dominava
Gigantesca floresta, em cujos hombros
Entre perfumes repousavam evos,
Rasteira messe humilde arado pauta,
Que dobrada não paga um só madeiro.

Nas mãos do bruto escravo, e da ignorancia,
Sega o ferro sacrilego, e profana
Dos virgens bosques a belleza, e o preço;

E no barathro infindo da sevicia
O timbre americano se aprofunda!
Onde fetos, palmeiras graciosas
Nos céos se espalmam, cadenceam livres
Como em dia de amor, em aurea liça,
Um vulcão se ateou que tudo assola.
Mudas leis, que o porvir de trevas cobrem,
Cavam abysmos, sorvedouros abrem
Ante o futuro d'este Imperio immenso!
D'este Imperio que abarca meio globo,
E encostado no oceanico Amasonas,
Frue com seus labios gigantescas ondas
N'esse atlantico doce, cujas margens
Beijam as ricas, portuosas orlas
Dos verdes mantos, grandiosos, virgens,
De dois Imperios, que a cobiça espertam
A fingidas amigas, que nos trahem!...

Eu não praguejo a provida lavoura
E o braço creador, infatigavel,
Que as artes alimenta, e que converte
Com magico poder um grão em ouro.

Homem sou, e do fructo que a cultura
Da terra colhe meu sustento fórmo.
Conheço o medio termo, a sã balisa
Que os limites contêm ao siso humano:
Mas improvidas ruinas, sem proveito,
Sem plano, sem futuro! — sim, lastimo-as,
E a perda irreparavel de elementos
De invejavel grandeza! Vejo campos
Semeados de arbustos ociosos;
Vejo nos montes aridos roçados,
Largos valles de inuteis capoeiras,
De reptis e de feras povoados,
Sem que a mão do cultor, mão poderosa,
Em ferteis regiões destra os converta.
Chóro dos bosques a riqueza immensa,
Chóro das fontes o benigno amparo,
Dos rios a riqueza, e o ar saudavel
Que as florestas expandem de seu seio.

Mananciaes fecundos, insondaveis,
De balsamos vitaes e diascordios,
Que na crosta, raiz, folhas, e fructo

Laborou a Natura, e que algum dia
Em vão invocará no enfermo leito
Moribundo mortal, gemendo anciado.
Do agro camará, da quina tonica
Extingue a raça o misero colono,
Juncto a cabana em que desliza a vida,
Sem na terra enxertar um garfo ao menos.
Na humana lista do incansavel sabio,
Que Pison e Margrave começaram,
Que o justo Saint-Hilaire, o douto Martius,
Á culta Europa jubilosos mostram,
Vejo alistados cem Galenos patrios
Estudando, ensaiando os especificos
Que a vida escoram neste amargo exilio:
Vejo de um nobre impulso a marcha augusta
Benigna despontar; mas vejo o ferro
Talar-lhe em breve o glorioso esforço!

Um dia chegará, incola insano,
Que o suor de teu filho a estrada banhe;
Que arquejando, cansado, em longos dias
Em vão busque um esteio, que levante

O herdado casal curvado em ruina!
Um dia chegará que a peso de ouro
Compre o monarcha no seu vasto imperio
Estranhos lenhos, que mesquinhos teçam
Dos fastigios reaes a cumieira!
E os templos do Senhor o pinho invoquem
Para o altar amparar das tempestades!
Um dia chegará, que imigas hostes
Intentem deshonrar-nos, leis impondo,
E nós, bradando em furia, sem podermos
Em grossas naves de canhões bordadas
A affronta repellir, rasgar-lhe em face
O ousado pavilhão, e conculcal-o!...

Ah! se a esperança de um brasileo peito,
D'este peito ancioso, ardente e firme,
As azas multicores chamuscasse
No tição infernal que um monstro empunha;
Se os meus delirios não se ungissem n'ella;
Se de alegres visões não a cercassem;
Se um sombrio crepusc'lo no horisonte
Sinistro espectro debuxasse ao longe,

E a patria me envolvesse em negras trevas, . . .
Estalara de dor meu peito anciado . . .
Antes a morte que uma vida indigna.
Não é vida ante os olhos ter constante
De um horrido esqueleto a arida imagem,
E um quadro carcomido e lacerado
Pelo trado do verme do egoismo;
E ouvir ao longe foragida, e erma,
Soluçar a virtude, o heroismo
Ante o altar do escarneo definhando! . . .
De um antro onde a razão fallece em trevas,
Dubio reino onde imperam mil sophismas,
E a verdade estrebuxa entre torturas,
Fujamos para sempre, e alçando os olhos,
Pela patria, por ella a Deos roguemos.

Tu és, ó patria querida,
Um mimo da Providencia!
Tu és da belleza a essencia,
Um vaso de almo esplendor!

És o Creso das nações,
O orgulho de toda a terra;
Tudo o que é grande se encerra
No teu seio creador!

Nos teus rios diamantinos,
Nas tuas montanhas de ouro,
Se ajuncta o maior thesouro
Que o mundo póde invejar!

Nas tuas florestas virgens
Tens mil esquadras, mil pontes,
E nas entranhas dos montes
Tudo p'ra um mundo comprar!

Combate, supplanta, esmaga,
N'um sec'lo de vandalismo,
O vil, sedento egoismo,
Que no teu solo se alçou.

A pigmeos não consintas
Traçar teu futuro e gloria;
Que no templo da memoria
Mesquinha mão não entrou.

Ainda teu solo esmalta
Da virtude a planta augusta;
Com tal germen nada custa
Á nobre estrada volver.

Freire, Serrão, Magalhães,
Silva, vamos trabalhando;
Pouco importa, se luctando
Acabarmos por vencer.

Nossa fé se reanime
N'esta lucta grandiosa;
Que uma idéa gloriosa
Exalta o nosso labor.

Essa idéa, ó Brasileiros,
É toda pura harmonia,
É diva como a poesia,
É da patria um sancto amor.

O CORCOVADO.

Subamos — Que vastissima paizagem!
A tantas sensações extasiada,
Minha alma se sublima, e se converte
N'um hymno harmonioso,
Em louvor do Senhor da Natureza,
Magalhães. — S. P.

CANTO I.

A SENSAÇÃO.

Do mundo as terreas scenas desparecem
Sobre este corucheo, que erguêra a terra
Supino á méta aérea, onde se chocam
Pejadas nuvens, engendrando raios.
Aqui bebendo a tragos magestosos
Ether olente, saturado em lume,
Um pelago de vida enche meu peito.

Insolito pregão fere minha alma;
Pairar me creio ovante sobre o mundo,
Ter meu solio n'um astro, e ler n'um dia
Sobre a convexa pagina da terra
O grande panorama, a scena insolita,
Que estreou Magalhães e Ruy Falleiro,
Quando co'a quilha audaz em virgens mares,
Um circulo traçando sobre o globo,
Um mundo ao mundo deram gloriosos.

Aqui da rasa esphera dos humanos
Os miasmas não sobem condensados!
Constante, odoro zephyro bafeja
Esta elysia mansão, que a Natureza
Entre a terra e os céos creou benigna.
Aqui duplíca o dia os seus fulgores,
A aurora se antevè, tarda o poente
No leito do horizonte: o primo e o extremo
Raio de luz, que o sol desprende ao home:
Nos meus olhos se embebe, e co'elle a ir
Da pallida Natura semi-envolta
No manto opaco da estrellada noite,

Quando vejo a meus pés aniquilados,
Rastejando quaes vermes, os zimborios
De graniticos templos, e os reductos
De bronze e ferro que torneam praças;
Quando vejo co'a relva nivellados
Os diques, e os fastigios dos palacios,
Parece-me esmagar n'um passo as moles
Que pedra sobre pedra evos ergueram,
E o mundo conculcar! — Pujante força
Meu ser robora, e o fortifica, e exalta
N'este immenso theatro, que me acclama
Um ente sobranceiro á humana sorte.
A meus olhos se rasga aureo sipario,
Grandioso offertando estranhos quadros.
Um delirio celeste acolhe, applaude
A ridente visão que se desdobra
N'este augusto proscenio. Um sonho angelico,
No cerebro me ferve! — Oh Natureza!
Eu te saúdo, extatico de gozo,
De cima do teu throno, sobre o tópe
D'esta escada eternal de asp'ro granito,
Esmaltada de bosques e de flores;

Sobre este eterno assento do teu templo,
Que ás azas do Condor impõe limite,
E devassa da terra a immensidade;
Sobre este ponto, incolume, do mundo.
Que vio do prisco Enoch o berço, e ao longe
Do diluvio fatal fervendo as ondas
Pulverisar dos reprobos os ossos,
E de um sorvo extinguir a humanidade!

Como aos pés de um heróe, em plaustros de ouro,
Geme curvado um Satrapa vencido,
Assim se dobraria aniquilada
Minha alma ante a grandeza, e a magestade
D'este immenso scenario, que me assombra,
Se um decreto de Deos, sagrado aresto,
Não lhe houvesse outorgado as igneas azas
Do sancto enthusiasmo, e o poderio
Da traita que a remonta além dos astros,
Fruindo e desprendendo melodias.

Eu te saudei, Parthênope risonha,
Sobre a crista inflammada e fumegante

Do sulphureo Vesuvio! Vi a aurora
Polvilhar de ouro e purp'ra os teus zimborios;
Teu golpho incendiar de luz e esmalte;
E em tuas ilhas, e jardins helleneos
Festivas barcarolas se animarem.

Eu te saudei, ó Roma renascida,
Entre o augusto esqueleto d'essa Roma
Que tinha por suggesto o mundo inteiro,
E na ponta do seu temivel gladio
O centro d'esse circulo sangrento
Que traçára no mundo avassallado!
Eu te saudei da grandiosa cup'la
Que plantára no céo plastico Dante;
Sobre o teu craneo augusto, o Capitolio,
E do teu Palatino, ermo de Cesares!

Eu te saudei, da torreada Fiésole,
Etrusca Flora, que te espelhas no Arno!
Valle ditoso onde pullulam genios;
Berço das artes, maravilha italica;
Veneravel asylo, ama piedosa,

Que em teu seio abrigaste a errante proa
No Bosphoro roubada ao mauro alfange;
Jardim das lettras, templo magestoso
De illustres cinzas, de preclara raça.

Eu te saudei, Genebra encantadora,
Atravéz do Simplão varando nuvens!
Nas aguas do teu lago que ennobrece
A estructura dos Alpes gigantescos,
Em cujos flancos serpentêa o Rhodano.
Eu te saudei nas regiões celestes
Entre os prismas de neve que coroam
Tua eterna muralha, e que inspiraram
A Saussure e a Rousseau tantos prodigios.

Eu te saudei, Lutecia hospitaleira,
Sobre o bronzeo padrão de teus trophéos,
Onde a victoria cochleára as lides
Dos teus bravos sem par, e aos céos eleva
No largo abaco a portentosa imagem
Do teu genio invencivel nas batalhas!
Sobre o teu Pantheão, cofre de cinzas

De tantos sabios que dão lustre ao mundo,
Que hão de eterna fazer tua memoria.
Vi teus parques e foros, teus moimentos,
O teu povo de marmor, tuas pontes,
O teu crivo de estradas, e os prodigios
Que em teu seio pujante nobre encerras.

Eu te saudei, industriosa Londres,
Sobre a escura lanterna que domina
Teu templo ennegrecido, e semeado
De mudos tum'los, de vaidosas campas,
De poentos trophéos que cobrem, guardam
Centos de heróes na subterranea crypta.
Babylonia moderna, Tyro ingente,
Em teus humidos plainos vi do mundo
O ouro convertido em monumentos,
E nas salobras aguas do Tamisa
Os pavilhões dos povos floreando.

Plagas ridentes, merencorias plagas,
Errante percorri por longo espaço.
Ora no fresco valle entre mil flores,

Voluptuoso aroma recolhendo;
Ora na escura gruta entre mil ondas
Orvalhado de effluvios; ora no alto
Em que se aninham aguias, entre as nuvens,
Como uma ave que fende o ethereo páramo;
Ora na rocha undisona que açouta
Espumante escarcéo com furia eterna;
Ou nos ermos delubros, nas ossadas
Do cadaver de emporios, vendo as sombras
Do passado, atravéz do manto escuro
Da morte, errarem nas fendidas moles
Que touca amargo tojo e abrolho esteril,
De viboras guarida. O tempo lavra
Incessante, incansavel, dia e noite,
Sobre os tectos, columnas, baluartes,...
Roteia o chão que geme enraizado
De largos alicerces, de aqueductos,
E thronos pulveriza, como as cinzas
De soberba hecatombe ao ar esparsas,
E ahi planta o deserto, que devora
Sumptuosos padrões de bronze, e mármor.
Vi dez solios; oitenta e seis cidades

No mundo visitei peregrinando.
Vi as do humano engenho maravilhas
Pelas artes creadas, em mil annos.
Vi esses decantados monumentos
Que entalhára a Natura sobre o globo!
Ridentes lagos, magestosos rios,
Sitios agrestes, sitios encantados;
Colhi horas felizes, aureas paginas
De arroubo feiticeiro; prévia lagrima
Saudosa me orvalhava o rosto, vendo
A nevoa do futuro, e um oceano
Interpor-se entre mim, e as scenas gratas
Que meus olhos bebiam namorados.
Flamma electrica em extasis divino
A mente me abrasava, endeosando-me!

Como um sonho que sonhos atropellam,
Calidoscopio rutilante e vario,
Sempre bello, risonho, esperançoso,
Minha vida adornou. Saudei jazigos
Que memoram possantes realidades;
Ignoto atravessei moveis celeumas;

Ouvi da industria o malho no ar troando,
Saudei da Natureza a fonte augusta,
Onde um Claudio, um Cogniet, no bello estuo
Que dá magia á tela, se espelharam.
Mas meus olhos não viram quem te iguale,
Divina Guanabára, em teus encantos!

Por onde começar?! Minha alma inteira
Assaltam d'improviso mil bellezas,
Qual assaltam de tarde nuvens de aves
No oceano um penhasco solitario.
Faltam-me os olhos, a linguagem falta.
Quizera ter qual Briareo cem braços,
Pulsar cem lyras, alinhar cem vozes,
E um só hymno exalçar, pasmando o mundo.

Céo azul que me cobres, céo brasileo,
Recamado de gemmas rutilantes,
Dá-me um astro benigno, um cirio eterno,
Que em meus versos salpique luz celeste.

CANTO II.

O PANORAMA.

Que sublime visão minha alma assombra!
Nos céos a immensidade, e no oceano
Um páramo de luz que atermam nuvens!
Douradas ilhas, espumantes syrtes,
Traiçoeiros alfaques, serras, bosques,
Picos, lagôas, praias, enseadas,
Dimensões gigantescas, grandiosas,
Em derredor me cercam, esmaltadas
De crocea luz, de tropical magia.

Sessenta milhas minha vista mede!
Se no azul horizonte um raio enfia,
Centos de leguas n'um volver abraça!

Se a mão espalmo, uma montanha encubro!
Se os olhos fito, descortino um reino;
Róla a meus pés variegado enleio,
Virentes valles, transparentes aguas,
Talhadas rochas, portuosas angras,
Piscosos lagamares, prados, quintas,
E um immenso archipelago, ostentando
Redondas fragas que encapellam ondas;
Como titaneas frontes ressonando
N'um leito de crystal somno eviterno.
Não: eu não exagero! aos céos o juro,
Aqui juncto dos céos; a Natureza,
Ao receber o toque sublimado
Do pomposo ademan com que a ornára
A mão do Creador, dice, espelhando-se
Nos céos, na terra, e de si mesma ufana:
„Serás, ó Guanabára, sempre e sempre
„O brilho dos meus olhos, e o sorriso
„Da terraquea belleza no universo.“

Aqui, n'esta atalaia alcantilada,
Beijei, tres lustros faz, a mão augusta

Do Fundador do Imperio Brasileiro!
Sereno o vi, pensoso, contemplando
Este quadro sem par! Talvez sua alma
N'este immenso oceano divagasse,
Um pensamento audaz então volvendo.
Talvez secretos echos lhe ondulavam
D'esse raro despego; talvez fosse
Um recondito adeos á terra amada,
Que ia deixar, tão nobre respeitando
Esse padrão de gloria que elle erguera
Na livre margem do Ypiranga heroico!

Como d'entre a mortalha do passado
Mestos quadros a mente me perturbam;
E a Natureza d'improviso envolve,
Os céos e a terra de neblina espessa,
Para mais concentrar meu pensamento!

Cerrada nuvem me acoberta, e esconde
O vasto panorama que ora eu via!
Caliginoso escudo o vento erguendo,
O tope da montanha adarga, e tece

Impervia região á imagem bella
Que o meu ser circumdava extasiado!
Qual dourada chimera em sonho caro
N'um subito acordar se desvanece,
E acusmaticos sons após soltando
Nos espaços reflecte a vaga imagem
D'esse mundo escoltado de mysterios!...
Tal a nevoa roubou-me, inesperada,
Este alegre conspecto, doce enleio
Que em minha alma vibrava accordo insolito.

Como a um cego exilado em erma rocha
Sómente a seus ouvidos vem mesclar-se
Os gemidos dos euros, e o marulho
Que as ondas mugem no tenaz embate
Sobre o bojo escabroso de seus flancos,
Tal agora me vejo! Tudo é nevoa!
Apenas n'este assento arido e rispido
Vislumbro adusto feno, e entre vapores
Confusas massas que de quando em quando
Incertas bruxoleam pelos ares

Grisalhas sombras, recortados vultos,
Espectros e phantasmas, onde ha pouco
Espessura ridente meneava
Verde touca de flores matisada.

Tirita o corpo meu gelado sopro,
Hibernal sensação me cala o peito.
Esperemos... Mas ah! o dia surge!
Carda-se a nuve, em flocos se lacera,
E uma restia do sol doura-me a fronte;
Traça no espaço um iris rutilante,
Almo calor diffunde, alma alegria,
E. . . . tudo se apagou! Reina um diluculo
Atravéz do nevoeiro! sópra o vento,
Roncam nas praias roladoras ondas,
Os céos, o mar, a terra é tudo nevoa!
Esperemos . . . . . .
O vento que agglomera
As nuvens sobre os montes, e encastella
Supina borriscada, o mesmo vento
Em andrajos retalha a densa massa;

Volatiliza e varre do ether puro
Esses gigantes, transitorias larvas,
Que a noite arrastram, e senhor do dia
A terra aos céos off'rece em luz envolta.

Qual véo virgineo que ondulando ás auras
Eburnea espadoa descortina, e mostra
Tenro peito, macio, onde em palpites
Arfa o pudor os pomos amorosos,
E outra vez esquivando-os brandamente
Á tez se adhere, e morbido se amolda
Sobre as fórmas, que abrolham mil feitiços;
Assim brincando no ar a nuvem volve
E me offerta com magica apparencia
Em brandas côres, prateados longes
Plagas ethereas, vaporosas fórmas,
Transparentes paineis, sitios aéreos,
Phantasticos vergeis, um mundo novo,
Não sei que de translucido e celeste,
Que embarga da palavra o nobre escopo!

Qual ao nauta cançado, em claro dia,
Pouco a pouco pullulam no horizonte
Ceruleos pontos que se alargam, sobem,
Recortando confusos espinhaços
D'ingente serra, e manso e manso avultam,
Debuxando collinas, bosques, varzeas,
Niveas mansões que no seu peito infundem
Prazer immenso que aviventa e dobra
O borborinho alegre, que nos ares
Estrugem plaustros e corceis fogosos;
O tintinar das torres, e as cantigas
Que o bateleiro adusto cadenceia.....
Tal qual ante meus olhos se desdobra
N'um magico tapiz, scena indizivel,
Da calva Gavia ao lagamar de Freitas!
Um antro a nuvem rasga onde resplende,
Bafejado de luz, painel ridente,
Que extatico saúdo, e um hymno entôo
Que n'alma repercute em mudos echos;
Sacra emoção que tolheria o vôo,
Se em meus labios humanos assomasse.

Oh! que scena risonha, que contrastes!
Que ventura sem par me infunde esta hora!
Ao travéz de caligem lacerada
Beijar c'os olhos, ao clarão do dia,
Da terra a imagem! cantos mil tecer-lhe,
E ante a obra divina, ante o transumpto
Transportado de gloria! . . . Oh! Providencia!
Inexhaurivel fonte de bellezas,
Assás para minha alma fôra a pagina
Que ora escreves com lettras radiantes;
Sim, assás fora, se estes céos não vira,
E a luz etherea de milhões de cirios
Que pendem no zimborio do universo,
Para humilde curvar-me ante o teu throno,
E adorar tua infinda omnipotencia.

N'um mar de azul saphirino
Douradas ilhas ondeam,
Povoadas de mil aves
Que ao som das ondas gorgeam.

Engrinaldados nos ares
Niveas gaivotas adornam
Suas fontes lapidadas,
Que mil regatos entornam:

Seu aspecto gracioso,
Sua nobre soledade,
Parecem ninhos dos astros
No centro da immensidade.

Parecem no ar suspensas
Co'a fusão da terra e mar,
Parecem no firmamento
Seus vultos balancear.

Como é bello o mar sereno
Que as côres do céo repete,
E de topazios se junca,
Quando o sol em si reflecte.

Páramo de luz radiante,
Do infinito imagem pura.

Onde a lua em fachas de ouro
Duplica de formosura,

Onde esparge a aurora rosas,
Quando rompe no oriente;
Onde rubins inflammados
Chove a nuvem do poente.

Sempre, ó Mar, sagrado culto
Votei-te cheio de pasmo;
Sempre, a tua grave imagem
Redobrou-me o enthusiasmo.

Em tua macia face
Minha esperança desliza,
E n'ella voando a mente
Longinquas praias divisa.

Sempre propicio foste ao peregrino,
Que ora de gratidão te envia este hymno.

Tudo está claro; matutina brisa
Ao vento succedeo. Lume suave
No coração embebe doce enleio.
Os varios dons da Natureza e da arte
A mente emparaísam; renascida
Parece a meiga terra, e no seu rosto
Estampa a luz do sol grato sorriso.

Á dextra, por entre o bosque
Que tapiza ingente monte,
Mescla a ressaca o seu ronco
Ao ruido de clara fonte.

Vejo o céo rompendo o dado
Que o cimo da Gavia ostenta,
E a seus pés fervendo a espuma
Do mar, que em furia rebenta

Brancas velas no horizonte,
Como cysnes alvejando
Nas ondas puras do Eurotas,
A terra veem demandando.

As frotas encastelladas,
Terror de tantas nações,
Sobre o mar, d'aqui, parecem
Undivagos mergulhões.

Quaes balêas fumegantes,
Costa a costa contornando,
Se cruzam negros Vapores
De euros aversos zombando.

Na gárrula praia a vaga
As rochas borrifa, e treme,
Como calcada iserpente
Que se enrosca, ronca e geme.

Em nuvens sobre estes bosques
A meus pés, rasos, mesquinhos,
Os ledos gorgeios soltam,
Mil aéreos passarinhos.

Qual um beija-flor no aderno
O homem se me afigura!

Da terra a imagem grandiosa
Aqui vejo em miniatura.

Pautados sulcos, lamedadas vias,
Como em curto jardim canteiros breves,
Bairros extensos os meus olhos ferem.
Invios trilhos, estreitas azinhagas,
Lacrimosos regatos, verdes hortas,
A cidade, seus templos, a bahia
Matizado tapete delineam:
Qual habil virgem brosla em niveo crivo
Caprichoso entrançado de arabescos
Entre mil laçarias de ouro e prata.

A membruda mangueira que se envolve
De verde manto, de dourados pomos,
E obumbra o flanco da montanha e valle,
Rasteiro cogumelo se afigura!
Negreja o homem como um ponto movel,
E o fogoso corcel que o plaustro rola
Como terreo esc'ravelho se me antolha.

Das virgens mattas qual rasteiro musgo
Se estende o pavilhão virente e odoro:
Sidereas imbahibas o recamam
Como em noite de Julho ao céo os astros.
Jaldes massas, renovos multicores
Aqui e alli mil flores simulando,
Da intonsa coma o apparato explendem
Como em festivo dia o sacro templo.
Das séricas antheras que distillam
Sobre a grenha do ipé balsamo odóro,
Douradas nuvens de amoroso polen
Sacode a viração, e sobre as baixas
Em choviscos de aroma derramando-o,
Vida e fragrancia sobre o solo espalham.

Virentes c'roas de espessura toucam
Tonicas moles de granito e porphido;
Dos aridos mamillos que as augmentam
Nos embrechados cimos pendem cardos,
Costados fetos, emplumadas palmas,
Onde se enroscam venenosas serpes;
Onde apenas repousa ave emigrada,

E o astuto sagui se embrenha, e frustra
Do sagaz caçador certeiro tiro.

Aqui, em frente ao mar, entre dous montes
Que achanada restinga abraça e prende,
Vasta cratera se aprofunda, e mostra
No amago ridente argenteo lago,
Espelho transparente onde se mira
A rainha da noite em calma estiva.
De Rodrigo-de-Freitas guarda o nome
Este bello logar, em que algum dia
Ha de moles corinthias, aureos kiosques
A mão das artes semear ufana:
Qual no lago de Como, ou de Benaco,
Ou nas aguas tessinas de Baveno,
Esses vergeis formosos e palacios
Que parecem por Fadas engendrados.

Pelo mar alongando a vista esbarra
Sobre pando rochedo, que supporta
Nivea atalaia que no céo resplende,
Luminoso ostensor, astro que ao nauta

Os equoreos propyleos patenteia
Que a entrada guardam do Janeiro ufano.

Viceja alamedado á dextra o parque
Templo de Flora, elyseo do universo,
Onde o sabio cultor decifra arcanos,
Colhe mysterios na odorosa prole
Que na quadra ridente esmalta os compos.
Mensageira de amor, zumbindo a abelha,
Prende nas azas os fragrantes beijos
Que a flor á flor envia pelas auras,
E no adejo sonoro vai tecendo
Da primavera o thalamo melifluo.
Alli ruflando as azas coruscantes
O mimoso colibrio se embriaga
Do nectar matutino, que lhe offerta
No tenro calix a amorosa esposa;
Como regio sultão no harem florido
Contempla esvoaçando gracioso
As varias fórmas, a belleza, o cheiro,
As vivas côres da colonia exotica

Que alli mandára o mundo, e representa
Estavel primavera, encanto estavel.

N'esse calmo remanso, em horas gratas,
O cançado burgucz repouso encontra;
E a virgem folgazona entre seus parques
Colhendo flores, saltitando alegre,
Como innocente borboleta vôa,
Delirante e risonha em seu recreio.

Lacrimosa, em recanto solitario,
No lago filtra o crystallino pranto
A Fonte da Saudade; prisco arcano,
Amorosa legenda em sons confusos
A tradição echôa. Alli, nos contam,
Que dous entes em horas solitarias
Libaram entre lagrimas saudosas
Um beijo extremo que finára o exilio.
Alli, perante os astros, se juraram
Secretos esponsaes, votos eternos,
Que tyrannico fado então frustrára.

Entre um claustro e um tumulo guardaram
A baldada esperança, té que aos céos
Abraçados subiram, e ditosos
Foram junctos gozar de seus amores.

Rodando a vista á sestra, descortina
Rescendente chaneza limitada
Pelo mar, e o dorso descarnado
Do monte Martha e da cadeia alpestre
Que da barra os propyleos fórma, e escuda
A magestosa entrada d'este emporio.
São-Clemente se chama, poiso alegre
De uma eterna verdura e de ar sadio.
Em risonha Xareta as avenidas
Como em aureo tecido as linhas cruzam ;
E a nitidez das casas salpicadas
Pela vasta planicie, representam
Um charoneo xadrez d'eburneas tabolas
Sobre o collo dourado de um Kalifa
Nas margens perfumadas do Indo bello.

Entre rolos de espuma muge e brama

Na curva praia a onda buliçosa:
Copacabana o nauta appellidára
Essa plaga deserta e descarnada.
Juncam-lhe o seio variegadas conchas,
Purpureos ostros, esmaltados búzios,
E a polida muralha que a ressaca
Desnuda, encapellando em furia as ondas

Ladeando a fauce undosa da abra ingente,
Dous monstros de granito se levantam
Como egypcios colossos sobre as ruinas
De antiga capital, ou sobre a campa
De extincto imperio, mesto argamaçado,
Do pó do tempo e de esb'roadas moles.
Sobre o mar prateado se recortam
Os pardos vultos de lavradas rochas,
Que ornadas de lanciz, de curvas lages,
De grisalha foligem, representam
Negras Exphinges, emborcados idolos,
Fendidos pantheões, curvados templos,
Pyramides vetustas que se truncam

Sobre cabos desertos, e recordam,
Essas ribas fecundas e alagadas
Do delta fabuloso que abre o Nilo.

Da Babilonia a rocca inexpugnavel
Fronteira ao Pão-d'Assucar sorprehendente,
De Santa-Cruz o pico bipartido,
Que curvas praias sobre o mar debucham,
E eternos molhes sobre o mar levantam,
Minha alma insaciavel n'elles frue
Gozo indisivel, impressão grandiosa,
Co' a belleza sem par do vulto augusto.
Qual helia meta, tropical balisa,
Magestoso e pujante se levanta
Saxo pyramidal que as nuvens carda,
E no mar mergulhando o flanco eterno,
Revelins marciaes á flor suspende,
Onde em cada redente, em ferreos leitos,
Bronzeas bocas aguardam, em silencio,
A morte vomitar e o exterminio
Ao nauta insano que sonhar affrontas.

Salve, nobre penhasco, emblema eterno
Do Rio-de-Janeiro! monumento
Que do mar devassando os horisontes
Vais, benigno ostensor, ao lasso nauta
N'esses plainos remotos, nesses longes,
As portas franquear do rico emporio
Que em seu seio oceanico, seguro,
Pode do mundo acobertar as frotas.
Na silhoéta austera, e sublimada
Do teu vulto sem par encontra a mente
De Memnon o colosso que achatava
Da altiva Thebas, os sagrados templos.

Na tua calva fronte carcomida
De dia em dia o matutino raio
Harmonias inspira ao plumeo bando,
Como outr'ora no berço de Amenophis
A estatua desferia sons canoros,
Saudando a Osiris nos dourados planos.

Se á dextra encaro, bruxoleio lagos,
Longinquas praias, azuladas ilhas,

Promontorios remotos que se esfumam,
Que se perdem, confusos sobre a linha
Que mal traça no céo sereno oceano.
Se á sinistra me volto, um circo encontro
Aonde a Jurujuba em catadupas
Ondas limpidas mescla á salsa espuma
Na undante arena que entre os montes brilha,
Qual disco argenteo n'um florído campo.

Eu não te invejo, ó Libano sagrado,
Que a undicola Phenicia e a Syria talhas,
E que avistas por cima dos teus cedros
Dous mares e dous mundos! nem a gloria
Que ha tantos sec'los, á porfia, os vates
Em seus hymnos te offertam pressurosos.
Do filho de Buzi, ao som dos ferros
O canto ouviste em Babylonia reproba;
Sobre as azas dos ventos te orvalharam
De Jeremias lagrimas propheticas.
Trezentos claustros nos teus flancos pousam.
Entre grupos de louros, e cyprestes,
A voz do Maronita em sacros hymnos

De ascetico fervor te sanctifica.
Desde o valle do Hammana ao Tiberiade,
Onde entorna o Jordão as sanctas ondas,
Belleza triste ostentas. Teu céo puro
De islamico alfange atravessado,
Não vence na pureza o céo brasilio.
Essa luz do oriente, que esclarece
De tantos genios veneraveis berços,
Que no espaço rutila augustas sombras
Quando a mente penetra esclarecida
Os sacros columbarios do passado;
Essa luz que ha mostrado á humanidade
As sendas fortunosas das ciencisas,
Da moral, do heroismo, agora offusca
Os olhos cubiçosos e ferozes
De erradios alarves que pernoitam
Nos marmoreos sepulcros de cidades,
Que outr'ora ao mundo deram bastos lumes.

No teu turvo horizonte se reflecte
A luz occidental, qual na Siberia
Nocturna aurora, boreal metéoro,

Crepitando nos céos seu froxo lume,
Co'um ephemero alvor a terra engana.
Aqui dorme a esperança sobre um orbe,
Tendo no seio do oceano a chave.
Um mundo, qual não viras no passado,
Guarda o futuro nas entranhas ferteis;
Este eterno donaire, e eterna pompa,
Que a Natura escondera tantos seculos
Aquem do oceano, reservado estava
Para um centro de luz, para um destino
Tão grande como o seu giganteo porte,
Tão rico como as minas que enthesoura,
Tão nobre como os rios magestosos
Que aviventam seu seio, e que mão impia
Em vão intentará toldar-lhe as aguas.

Como nos labios me percorre um nectar
De feiticeiro encanto, e no meu peito
Mil sorrisos derramas, Guanabára?!
Princeza americana, que entre os astros
Radiando as tranças fulgidas, acolhes

Do rei dos céos os osculos prolificos,
E o corpo gracioso reclinando
No vitreo thoro, inveja de mil povos,
Te miras sobre as aguas magestosas
Do teu reino invejado, e a leda imagem
Do teu rosto formoso, que nas ondas
Reflectido duplica os teus encantos,
Vagar n'um doce enleio ufana deixas;
E ahi nobre pousando no aureo leito,
Teu braço gigantesco branda inclinas
Sobre o marco do sol, onde a Natura
Com astros emblemára um Capricornio,
E o teu solio de luz firm u eterna!

Que ufania não sentes, quando as auras
Pujantes naves no teu paço impellem,
Que submissas parando ante o teu throno,
E os pandos linhos portuchando, exalçam
Pela voz do canhão grave homenagem,
Que sete vezes repercute e atrôa
Teus salões de granito, e deslizando
Em alvas nuvens, o estandarte osculam.

Que em teus muros floreia triumphante.
Tua ampla magestade, tuas aguas,
De eviternas pyramides ornadas
Que ao de Meris prodigio sobrepujam;
Teus montes, paradeiros inconcussos,
Que a furia quebram dos medonhos euros,
Reflectindo nos céos, deixando illesas
Arfar nas ondas do universo as frotas,
Que em teu porto ancoradas mal ão temem:
Acclamam-te no mundo, isenta de emulas,
A rainha, o primor da Natureza.

N'um argenteo vapor se envolve a rocha
Que ao nauta indica as fluminenses ribas,
— Cabo-frio, — que aguarda em breve tempo
Um destino eminente, o ser do Imperio
Telegrapho maritimo no mundo.
Alli virão fundear nas ermas aguas
Do seu porto magnifico mil naves,
Os britanios paquetes, mil vapores,
Sem azares correrem na derrota,

E mais breve missão, mais curtos dias
Em seu mobil destino preencherem.

Entre margens ceruleas se espreguiçam
Em leitos de setim amenos lagos;
Aérea tona seus contornos cobre,
Suáve lume bafejando o céo
Em seus plainos pulidos bruxuleia
De dantescas visões traslado iconico.
Pertininga, Taipû, o mundo inteiro
Saudado tem mil vezes suas margens,
Seus risonhos contornos que amenizam
Do emporio hospitaleiro as regias margens.

A vista, no horizonte perlustrando,
Montes e montes fatigada encontra,
Que sotopostos como um mar em furia
Vão d'encontro esbarrar ao dique ingente
Que cinge da Bahia o bojo immenso.

Como barra azulada a serra estende-se
Fimbrada de obeliscos, e nas nuvens,
Os agudos redentes mergulhando
Orlar parece o crystallino manto,
Que da espada pendente do Janeiro
Se alarga desdobrando maravilhas;
E em cujas dobras recurvadas vertem
Dos altos leitos, que recamam gemmas,
Vinte rios as aguas sonorosas,
Que as plantas beijam de sessenta ilhas,
Mitradas de vergeis, e de palmares,
Que vencem na belleza e nos perfumes
Essas do mar hellenio, aonde outr'ora
Na vaga egêa Dedalo engenhoso
Vio do céo submergir-se o alado filho.

Em tenue facha serpejando alonga
Sua margem serena, entre dous montes,
Essa Praia-Vermelha, onde se eleva
Mole romana que a desgraça ampara;
Suberbo monumento que mil bençãos

De coeva gratidão conquista, e tece
Sobre a fronte de Pedro, o bemfazejo,
Laurel eterno, luminosa fama,
Que irá repercutir Gloria aos vindouros;
E sobre a fronte activa e providente
De Clemente Pereira, compartindo
O nobre premio, o caridoso esforço,
Sua gloria tambem nos evos firma.
Alli ergue o alvanel sagrado adyto
Que a imagem guardará d'aquelle Joven
Que as mãos sagradas espalmando, entorna,
A par do riso que seus labios orna,
Indulto ao fraco, e á miseria arrimo:
Primor d'arte, que a dextra sapiente
De Pettrich abrolhou no duro marmor.

Triplice amphiteatro em margem leda
Botafogo, Flamengo, e a Gloria ostentam
Amenas quintas e jardins fragrantes,
Feiticeiras mansões que a aurora acolhem,
E ao ciciar das auras pelos renques

Das plumeas casuarinas, riso eterno
Ao incola feliz gratas derramam.

Do louro Tibre, do azulado Bosphoro,
Da marcia Roma, de Stambul dourada,
Os zimborios, pinaculos celestes
Que estranha prole levantou na campa
De abatidos gigantes; d'essa Baias,
Onde Roma em delicias se engolfava,
Os palacios triumphem; vença o orgulho
Marmoreo de um tyranno, que no adobe
Sangue humano mesclara. Sim, supere
O lavrado artefacto á singeleza
Dos teus parques risonhos e formosos,
Onde em ocio tranquillo se deslizam
Sobre o leito da paz horas ditosas,
Sem ver pendente a espada de Damocles!

Em minha alma não verte doce engodo
A mesta escrava que em coxins dourados,
Coberta dos thesouros do Oriente,
Circulada de escravos e de eunucos,
Simula um riso, porque o algoz lhe veda

Prantear um passado venturoso.
Um craneo adereçado de brilhantes,
Sobre um leito de arminho, de ostro, e de ouro,
Ressumbrando perfumes pelas orbitas,
Onde outr'ora seus olhos luz bebiam,
Onde a rosa espandio suave aroma,
Onde o pomo estilou melifluo nectar,
Um arido deserto representa,
Um chaos medonho, um astro deseixado,
Ou a do inferno imagem descarnada,
Que cresta da esperança as azas aureas! —
Que encantos póde ter? Misera escrava!
Falta-lhe um sim nos labios, e o sorriso,
E os magicos accentos que em nossa alma
A vida divinizam!... Não fascina
Como a formosa Eva pura e sancta,
Como a esposa christã, que livre canta,
E o filho embala á sombra da palmeira,
E a terra emparaíza, e eleva o homem.

Como um prisma luzente sobre um cómoro,
Octogono branqueia o ledo templo

Que á Gloria de Maria outr'ora erguera
Devota dextra, arrependida, exsangue!...
Orna-lhe a baze bairro rico e nobre
Que seu nome conserva, e abre a entrada
Do pomposo Catete, que ha de um dia
Com Moscou contender, com Hayde-Parque.
Entre glebas frondentes se aproximam,
Serpeando em vergeis, jardins odoros,
Do Cosme e Laranjeiras os suburbios,
Onde o sol derramado delineia
Risonho toporama, alegre quadro.
Em amplas curvas, flanqueando os montes,
Se alonga murmurando o aqueducto
Que recebe o Carioca, e o despeja
Em tanques de granito, em bronzeas bicas
Ao feliz fluminense: mole excelsa,
De alvenaria serpe gigantesca,
Que a mão de Bobadella fabricára,
E entre o Monte Therezio e o Franciscano
Ao seu proprio triumpho ergueo com arcos
Que hão de eterna fazer sua memoria.

Se a vista arqueio sobre um mar alegre
Onde boiam mil fustas, mil galeras,
Contemplo Nictheroy saudavel, bella,
Delicias estendendo na peninsula
Que o monte da Armação nobre remata;
Vaga minha alma em redobrados gozos,
E de amena saudade se repassa.
Como um alcacer de ouro, do mar surge,
Coroado de um templo, o sacro ilhote
Que da Boa-viagem guarda o nome.
Seu vulto pictoresco dá realce
Ao verde litoral que o avizinha,
E ao marcio Gravatá, que aterma a curva
Aonde São-Domingos aprazivel
Seus remansos assenta entre mil flores.

Quando as fragoas da Arêa o ferro fundem,
Negros jorros de fumo ao ar lançando
Em retro ao monte da Armação, parece
Que um vulcão de improviso rebentando
Do seio do oceano, no ar estende
Inflammado sudario sobre os tectos

Da joven Nictheroy, e ameaça, e tenta
Em lava e cinzas sepultal-a inteira,
Como outr'ora o Vesuvio fez a Stabia.
Mas eis que corre no arenoso molde
O liquido metal, o vulcão cessa;
E da mente se esvai o novo quadro,
Que belleza e horror n'alma infundia.

Vês tu, ó Brasileiro, entre essas ilhas.
Que parecem nadar n'um mar de azougue
Pela luz prateado, alli, n'um grupo,
Como rainha cortejada, a ilha
Dos amores chamada pelos vates;
Como um florido Oasis na erma Lybia,
De vergeis rodeado e de esperanças?
A linda Paquetá, delicia, orgulho
Da tua Capital, do Brasil todo!
Onde o puro Evaristo e o egregio Andrada
Foram dias fruir de ameno pouso,
Refocillar a mente atormentada
Pelo moto veloz e inconsequente
Da versatil politica! Mas, longe!

Longe vá um passado merencorio . . .
Franqueia a foz piscosa e a baixa, que abre
O curvo Inhomerim, e beija a margem
Onde a Estrella se assenta, berço ignoto
De São-Carlos, o vate cuja lyra
Fortunosa encontrou no patrio solo
Os prodigios do céo, e o paraizo,
Quando ascetico arroubo a dedilhava.

Ahi, entre penhascos e espessuras,
A rival do Simplão flanqueia as serras,
E sobre botaréos, arcadas, muros,
Accesso ao viajor offrece, e um reino
Que. acroceraunias plagas dominando,
Não sente do trovão a voz em pino,
Nem do torrido capro o bafo estivo
Que os membros do colono em suor banha,
E verga do athleta a força herculea.

Alambreadas aguas fertilizam
Os valles fortunosos, que entre as cristas
D'esses montes ethereos se prolongam.

Suave clima amadurece os pomos
Que nos vergeis da Europa a Asia enxertára,
E entre as virgens collinas ora avulta
A infantina Petropolis, que hospeda
Cimbrica prole do Danubio e Rheno,
Prole que ao som do sacho, e de hymnos patrios,
N'um elysio converte essas devezas
Onde ha pouco serpentes sibilavam,
Onde as feras rugiam, e que hoje a regoa
Traçando ruas, planteando paços,
Canalisando rios, por encanto
Ergue aos céos uma prospera cidade.

Oh! que ternas saudades associas,
Temperada Petropolis, n'esta alma!
Perenne gratidão ferve em meu peito.
Deslembrar não me é dado horas ditosas,
Que a par de amigos, do meu nobre amigo,
Em teu supino assento almo fruindo,
No meu peito acolhi doces venturas.
Eu vi da illustre mente a idéa illustre
Radiante surgir, crear no espaço

Teu porvir glorioso, e protegida
Por mão augusta, esvoaçar ovante,
E em teus ermos poisar, tecer teu berço,
Teus muros levantar, e sobranceira
Mais um centro de luz erguer no Imperio.

Jamais de contemplar-te, ó Natureza,
Cançaram olhos meus! jamais minha alma
Que te exalça mil votos n'este peito,
Onde chammas sagradas se alimentam,
Deixará de cantar tua belleza.
Oh magestosa Patria, eu te venero!
Minha alma adora em ti do Eterno a dextra;
E um pensamento, no universo, enxerga
Que da mente de Deos ovante surge
Em cada folha, no pistillo adoro,
Na curta gleba aonde o lirio medra,
No seixinho que forra o alvéo ao rio,
Na fuligem do tronco, no alto cedro,
Na planura, no monte que se touca
De opaca nuvem que fuzis lampeja,
Na onda buliçosa, no polypo,

Em tudo o que os sentidos meus abrangem,
Nos céos, na terra, e nos mysterios d'alma,
Do dedo do Senhor o sello encontro!
Vejo a sua palavra aviventada
No admiravel archeo, seu echo divo
Os creadores sons repercutindo
Do hymno eterno que o universo anima,
E do qual uma nota harmoniosa
É meu ser entre os seres do universo!

Que celica eloquencia, que altas provas
Este mar, estes montes não dardejam,
Calando no meu peito estavel crença?!
Esta serra vallada de mil rios;
Estes picos que ao céo se erguem, e rasgam
Co'a cuspide eternal nuvens de fogo;
Estas virgens florestas, que aos viventes
Milhões de outónos prodigas franqueam;
Este fluxo e refluxo, equorea pendula
Da terraquea existencia, e que simula
Palpites de vulcanicas entranhas;
Este conspecto virge, esta grandeza,

Que ás proprias feras magestade incutem,
E sempre aos olhos sabios do estrangeiro
Pasmo inspirando, enthusiasmo arranca,
Em minha alma ora sacro lume acendem,
Como as reliquias da cidade eterna,
Como um marmor de Phidias, ou Canova
Como o genio de Homero, e Buonaroti,
Como de Raphael os divos rasgos,
Como tudo o que é bello e grandioso!

Prosigamos no afan; o amor não cança,
Antes novas delicias n'alma infunde;
Que um premio é mais o afortunado ensejo
Do vate quando ao som da nobre lyra
Canta o nome da Patria, e mostra ao orbe
Que elle amou, e foi grato á mãe querida.

Como escada celeste, do alto desce,
Em recortados planos no horisonte,
A Serra dos Botáes, e ante seu vulto
Ergue a fronte o Tinguá, em cujas fraldas

Paira meu coração, e grato envia
Ternissima saudade ao nobre amigo.
Da Madureira a serra, intercalada,
Rouxeando pousios, se aproxima,
Té que antepondo-se a Tijuca, alarga
As graniticas faldas, que se travam
Co'as ilhargas possantes das da Gavia,
E tece regiões que maravilham!

Alli em curto estadio abrange o homem
Os esparsos primores com que a Europa
Alardeia no mundo. Anios ruidosos
Fazem, do céo rolando em catadupas,
Como em Tibur supina, mil cascatas.
Essas fragas talhadas a caprixo,
Do Tirol pictoresco emulam, vencem
Os romanticos sitios na beldade,
No sublime, no austero, construindo
Na incerta fórma, nas profundas covas
Alpinas grutas e caucasios valles.
De frondentes cabeços, que nos ares
Enfumaçadas grimpas bruxuleam,

Formosos Niagaras se despenham,
Effluvios espandindo; qual na Iberia
A eça de Pyrene, que mergulha
Nos céos as grimpas, e na terra os flancos,
Que ao mar entornam do Adur as aguas.

Qual um tronco adornado de folhagens,
Boiar parece a grandiosa ilha,
Que do Governador conserva o nome.
O machado cruel ceifou seus bosques,
Que outr'ora um galeão no mar lançaram.
Alveja-lhe no centro o gran mosteiro
Dos filhos de São Bento hospitaleiros.
De seus claustros na terra americana,
Mafra illusoria o Rei João fazia.
Do Bom Jesus a ilha franciscana
Ladeada de outras florecentes,
Seu niveo templo, seu deserto claustro
Triste se espelha n'azulada vaga.

Por toda parte estronda em baque horrendo
Sobre um solo deserto a pedra-d'ara!

No pulpito eloquente e edificante
Tece a aranha o seu leito em sujas teias;
E onde a voz potente trovejava,
Tibio silencio só se encontra agora.
Capeia mão sinistra fallaz tromba
Que a ruina entôa dos sagrados templos.
Passeia triumphante sobre a terra
Mortal indifferença, e nas pegadas
Que imprime n'este solo, abre cem covas
Que se entulham co'as pedras demolidas
Dos templos do Senhor! A cruz sagrada
De extinctas raças, de finada crença
Parece um simulacro!!! e... Deos Supremo,
Amparai esta terra; soccorrei-nos,
Que esta terra é da Cruz, do Filho vosso!
Amparai-a, Senhor, com vossa graça,
Com vossa graça que restaura a vida,
E que ao cego infeliz a vista outorga.

Perfilando co'a vista a costa ingente
Que franjam cem regatos, e termina
No florente Aguaçú, que madre serra

De seu seio desliza ao mar salgado,
E ao claro Merity, vejo a planicie
Onde pousa a Pavuna entre seus combros.
Eu vejo o Novo Engenho florecente,
De vergeis, e de quintas adornado,
Como verde pellucia sobre um thalamo:
E as curvas praias, graciosas, bellas,
De jardins recamadas, convergindo
Á Ponta-do-Caju, augusto pouso,
E á Ilha dos Ferreiros que insuflára
N'alma pura do Dutra a flamma occulta
Que o seu ser devorou, amando uns olhos!
Cruel flagello que em seu peito ardendo,
Como o fogo callinico, inextincto,
A vida pouco a pouco devorou-lhe.

Em virente chaneza, alamedada,
Da regia augusta os torreões alvejam,
Que plantára na roca a mão do homem,
Entre odoros vergeis, ficticios lagos.
Remata-lhe o alto cimo, oh nobre idéa!

Do livre americano o raro invento,
E de Hipparco a estellifera morada.

A lança de Franklin encantadora,
Que dos trovões invade a plaga ardente,
E o raio insuperavel arrancando
Quebra-lhe a sanha, a força decompõe-lhe,
E humilde, encandeado, mudo, escuro,
O sepulta na terra inoffensivo;
D'aqui lubrigo, e a lado seu hasteado
O augusto pavilhão aurivirente
Tremulando no céo as patrias cores.
Da parte opposta brilha em vitreo templo
De Galileo o tubo, que ultrapassa
Do Lynce e do Condor a vista aguda.
Alli, no claro céo, Augusto Joven,
Da sciencia escudado, o céo perlustra;
Penetra a mente nos vulcões da lua,
Percorre as regiões sidereas, gira
Sobre o anel de Saturno, conta e marca
Em torno ás fachas que circulam Jupiter
Novos planetas aos Chaldeos ignotos,

Á douta antiguidade, e ao mundo coevo
D'esse illustre Pisano, honra da Italia.
E qual Anjo que desce das alturas,
Antes de ao leito demandar repouso,
Co'as sacras mãos, co' o bemfazejo peito
Mil bençãos sobre os subditos derrama
Do elevado terrasso, onde o diluculo
Da rosea aurora a gradinata esmalta,
E as marmoreas estatuas aviventa
Que c'roam do aposento a alta cornija.

No centro excelso do modesto paço,
Nos seus nobres salões, em torno ao throno,
Não penetra somente aulico incenso,
Nem das côrtes o ardil, a inveja, e os vicios!
Do bello a imagem pura alli se preza,
No gremio augusto as artes se acalentam,
E as sciencias um templo n'elle encontram.

Eu te saudo, habitação querida,
Sacrario brasileiro, onde repousa
De nossas esperanças o futuro;

Chrysol adamantino onde se apuram
Magestosos exemplos, sanctos germens,
Que as nações regeneram. Tu n'America,
Es o sacro Oasís, o linitivo
De nobres peitos, corações ardentes;
Jamais em teus umbraes vingar veremos
O sonho corruptor, sanguisedento,
Que as almas tinge de versateis cores
No lago impuro do sedento egoismo,
Onde em ondas de sangue ferve, e espuma
O incansavel fragor d'insanos Tantalos,

. . . . . .

Nem estulta mirage no horisonte
Refractar a seus votos illusorios
O phantasma de um throno, o altar purpureo,
Que um Jupiter de lodo usurpa, e mancha
Co'a mão calosa, co'a sanguinea planta!

Luz suave, benefica, tranquilla
Do teu seio dimana, e d'ella foge
O esqualido vampiro, a hypocricia
Que adora a noite, e nutre-se de sangue.

Mais de uma vez o inferno capeado
Pela astucia da treda hypocrisia,
N'esses aureos sophitos, n'essas regias,
Insano pendurou com ferreos elos
Rasteiro bacoráo, que em vão tentava
Aguia romana simular n'um vôo!
Das proprias nuvens que supino erguera,
Da propria tempestade que forjára,
Vio o inferno luzir, no choque horrivel,
Um raio inopinado, e no ar em cinzas
O falso simulacro esvaecer-se,
Em claro dia transformar-se a noite,
Pairar nos céos o bragantino grypho,
E em luz engolphar-se e em magestade.

Os aquilões erguidos nos desertos,
Que em turbilhões ferozes levantaram
Trombas de sangue n'este vasto Imperio,
Em branda viração se transmudaram,
Purificando a terra! As niveas azas
No céo batendo o Tutelar Archanjo,
— Victoria, nos bradou — Eis teu Palladio!

E um Infante mostrou-nos sobre o throno
Radiando a pureza de sua alma!

Fechemos este canto: a chave de ouro
És tu, vasta cidade, que te estendes
Immensa e rica n'esse ameno plaino,
Nivelando co'as serras azuladas
Tuas torres e cupolas altivas.
Lambendo mansamente as tuas plantas
Vem a vaga pejada d'esses mares
Em teu emporio permutar thesouros;
Pousar em teu remanso essas florestas
Que tremulam nos topes variegados
Os brasões do universo. O sol agora
Sólta das crinas de ouro em teus fastigios
Um paramo de luz, e sobre as faces
Das vitreas claraboias reflectido
Marcheta de mil soes a tua fronte,
De estatuas, e de tempes ennastrada.

Marmoreas azas abre ante meus olhos
O Genio que plantou na Grecia e em Roma

Palmas de acantho, e doricas columnas,
E que os ares fendendo foi sumptuoso
Sobre as margens do Sena e do Tamisa
Transplantar seus thesouros. Vejo um seco
Um seculo de crença e de futuro,
Planejando em teu seio amenos parques,
Monumentos plantando, e em tuas ruas
As pontas alargar do aureo compasso.
Vejo a pompa cesarea e bisantina,
Do Neva e do Moscova ao sol dos tropicos
Empapar-se de luz, de duplo esmalte;
E do Elba e do Danubio as maravilhas
Em teu gremio pousar, sem que o inverno
Co' a mesta mão a fronte lhe polvilhe.

Infantil qual tu és, inda no berço,
Eu te amo e te adoro; um viço eterno
Ressumbra no teu rosto: a formosura
Que espande a virgem no verdor dos annos
Transluz na tua tunica singela,
Que fórmas venusinas denuncia.
D'esta tua bahia a Providencia

Quebrou no espaço o molde; e no universo
Outro todo não ha que iguale ás fórmas
De tanta louçania e magestade.

Que te importam as eras fabulosas,
Extensas tradições, diffusas lendas,
Escuros fastos, monumentos ermos
De confuzos Etruscos e Sclavonios?
Que te importa não ter remota estirpe,
Se és de facto a Princeza Americana?
Que importa que a pegada adusta do incola
Não deixasse em teu craneo soberano
Encanecidos mythos que se esfumam
E se perdem no berço das idades,
Se és rainha de facto, e soberana?
N'um sugesto de purpura sentada,
Vês os filhos dos reis, de longe vindos,
Porfiarem a mão de tuas filhas!

Ainda hontem deitada sobre a falda
D'esse eterno padrão, eterno emblema
Do teu berço de ouro, repousavas

N'um leito de sapé teus jovens dias
Á sombra da palmeira do deserto!

Ainda hontem, para sempre, rechassaste
O filho de Calvino, esboroando
Co'a lusa dextra os baluartes galos,
Que, intruso, em tuas aguas levantára,
E a nuvem tenebrosa de Tamoios
Congregada nas selvas e nas brenhas,
Que co'o sopro infantil desvaneceste.

Ainda hontem o grande Bobadella
Fez correr em teu céo potaveis aguas;
E o nobre Vasconcellos, convertendo
Em risonho jardim um negro charco,
Exarou seu amor, sua saudade
E um legado deixou-te precioso.

Ainda hontem nos teus augustos braços
A foragida estirpe dos Reis Lusos
Carinhosa acolheste. E ouviste o brado
De Independencia ou Morte no Ypiranga!

Ainda hontem cingiste o diadema,
Rainha do Equador, e no teu gremio
Prole Cesárea, em orfandade, fida,
Meiga embalaste, e a deffendeste heroica!
Tão moça e tão grandiosa já brotaste
Basta raça de genios, de guerreiros.
Rainha do Equador, ergue-te, marcha,
Circumdada de um prestito solemne!
Pois és no mundo anthartico o sacrario
De tudo o que é sublime, justo e sancto.

Ainda hontem nasceste, e hoje risonha
Já franqueas da gloria o amplo estadio!
Inda na infancia ouviste os sacros threnos
Do Rei propheta, ao som da harpa sagrada.
Psalmear portentoso o sabio Caldas,
Que raro entre os mortaes ungio seus labios
Co' as vozes de David e de Chrysostomo!
Em teus templos se animam, se engradecem
Os canticos sublimes que um Garcia,
Um Roza, um Portugal, e um Arvellos
Anotaram co'a dextra sapiente.

Franqueando os espaços luminosos
Da sublime epopéa, vês teus filhos,
Ou na lyra de amor brotando assombros:
Já no metro suave de um São-Carlos
Resuscitar edenicas delicias;
Amor e Primavera sobre os labios
Do teu douto Villela; e na eloquencia
Que em phrases de ouro trovejou Sampaio.
E o grave Montalverne, os previos louros
De uma idade maior. Brindaste á Lysia
Co'um faceto Aristophanes: oh! mágoa!
Do horrivel Torquemada um cruel filho,
Novo Druida atiçando ardente fragoa,
Ao som dos psalmos, e sagrados cantos,
O ledo vate converteo em cinzas!

Como um favo de mel, pende da boca
Do nobre Maricá verdade eterna,
Archetypa moral, thesouro immenso
Pelos annos colhido, e pelo estudo.
Róla ainda em teu rosto a justa lagrima
Que ha pouco te arrancou teu Januario.

E o exicio imprevisto do bom Dutra,
Que do berço se ergueo triste cantando,
E ao céo subio; taõ cedo a nós roubado.

Dos teus tectos agora em aureas nuvens
Odorosos effluvios se levantam,
Melodias vibrando pelo espaço.
Eu as ouço, eu as vejo pelo mundo
Adejando, a encantar peitos estranhos.
Ouço a voz grandiosa de um amigo,
E em torno á sua voz um coro acorde
Que com elle se eleva ao céo da gloria;
És tu, meu Magalhaens! C'roa-te um seculo,
O futuro te applaude, e do passado
Vem a voz de um Cairú, de um Evaristo,
Fechar de teus laureis a facha de ouro!

D'aqui, sobre este monte alcantilado,
Entre o teu pavimento e o céo, ó Patria,
Eu quizera exprobar-te; mas não posso!
Vence amor em meu peito este combate.
Da gratidão o nectar vem aos labios,

Adoçar minhas vozes, e as transmuda
Em sagrada oblação, votos ardentes:
Fados brilhantes só te dê o Eterno.

Descamba o sol: a noite desenrola
O seu manto de sombras azuladas
No seio das florestas e dos valles.
É o preludio festivo do silencio,
São as gallas que estende a tarde aos astros,
Na hora em que o colono dorme, e o sabio
Chama á luzerna o universo inteiro.
O mar, do céo espelho, já colora
De cinzentos listões a vitrea face;
E os picos das montanhas, simulando
Petrificadas Pyrrhas que superam
O aspero dorso de sulcadas serras,
De um gorro luminoso a fronte adornam.

Trina a meus pés a estrophe que arremata
O hymno dos aligeros cantores.
Bate as azas nas trevas o vampiro,
Sorri-se á escuridão; o céo negreja;

Adejando sinistro sólta o mocho
Sinistros ais; e pipitando tibios
Os fofos bacoráos na terra vagam.
Cala nos troncos o clangor sonoro
Bronzeada cigarra; e na garganta
A cornea flauta o sabiá sopíta.
Nos empapados brejos lampejando
Erram mil pyrilampos; e nos ares
O verde cirio o vagalume estende.
No rosto da natura já se embebe
Da frouxa luz o senho merencorio.
Só não muda do mar o ronco eterno,
Nem da espadana, que pranteia a rocha,
O unisono embate entre os penedos.

Cançada está minha alma, estão meus olhos,
De tanta magestade! Inda esta aurora
Um pelago de nuvens agachadas
Envolvia a meus pés a terra e as aguas;
E aqui e alli varando a branca massa,
Negros picos surgiam, como syrthes
No meio do oceano; veio a brisa,

E essas ondas ephemeras erguendo,
Em effluvios aos céos mandou co'um sopro.
Evoluções aéreas, como sonhos,
Minha musa as saudou. — Eu te agradeço,
Oh destino feliz, que me guiaste
A este Panorama. Serei grato;
Um hymno entoarei a seus primores,
Um hymno, que adejando além dos mares,
Va na terra de Iwan pousar contente,
E ao nobre amigo mitigar saudades.

1847.

O HARPOADOR.

Nem no mar a baleia está segura?
Magalhaens. S. P

Cessou no mar a ardentia,
Já canta o sultão plumoso
Sobre o poleiro, cioso,
Dizendo: Lá vem o dia.

Da aurora o raio primeiro,
Como um beijo da esperança,
No monte prateia a lança
Do magestoso coqueiro.

Das verdejantes ilhotas,
E do leito procelloso
Ergue-se o bando afanoso
De atobás e de gaivotas.

Em grinaldas graciosas,
Pelos ares balançando,
Veem voando, veem voando
Para as praias ubertosas.

Lá da Armação da baleia
Toca a sineta a alvorada;
Acorda a gente apressada,
E para a lida se arreia.

Botes, lanchas e escaleres
Já no mar estão banzeiros;
Armados veem os remeiros
De farpões e outros misteres.

Sobre o cimo da atalaia
O Vigia arguto e attento
Examina o mar e o vento,
Governa a gente da praia.

É chegada a estação. Geme nos Pampas
O rijo minuano; as folhas voam;
Desnuda-se a floresta; o céo é chumbo.
Nas terras magalhanicas desdobra
O manto algente tiritante hinverno:
Peneira sobre a terra alvo graniso,
As fontes crystalisa, e touca as penhas
De espessa carambina. O fogo estrala
Juncto ao solar do Patagão tristonho.
Sentada sobre ingente caramello,
No oceano empanado de átras nuvens,
Boia a morte faminta, circumdada
De horriveis tempestades, que rechassam
Do fundo do oceano, espavorido,
O elephante das aguas, a baleia.

É chegada a estação. Proam na margem
Esguios lenhos, tremulandó alegres
Os festivos pendões; á uma, em rhythmo,
Rebôa na enseada o ledo canto
Dos ageis timoneiros, que em cadencia

Á voz sonora de robusto chefe
Correspondem, no ar brandindo os remos.
Na dextra do Harpoador lampeja o ferro,
O ferro da victoria. Ao vel-o, esbelto,
Scintillando nos olhos a coragem,
Garbo apollineo, parecia um nume
Nos campos de Illion, qual vira Homero!
Guaxará se appellida. Em regio assento
A estirpe entronca, de remota origem.
Quebrou-lhe Mem-de-Sá o sceptro avito,
Quando o Franco abateo da rocha undosa,
Sangue tamoio derramando em rios
Nas aguas do formoso Guanabara.

O HARPOADOR:

Prega os olhos, Vigia, no mar,
Lá do cimo da altiva atalaia;
Se a baleia no mar fumegar,
Dá signal aos meus bravos na praia.

CORO:

Timoneiro do mar não tem susto,
Sua lancha é gaivota temivel,

E seu remo, espadão invencivel,
Corta as ondas e os ventos sem custo.
Guaxará é rei do mar,
Tem no braço o raio e a morte;
A baleia ha de matar,
Mal que vibre o braço forte.

O HARPOADOR:

Sinto a raio nas veias correr
Quando escuto os meus bravos cantar;
De um só golpe hei de o monstro acabar,
De um só golpe: vencer ou morrer.

CORO:

Como um astro, o teu ferro polido
Já nos diz que é segura a victoria;
Já nos diz que do monstro o mugido
Ha de ser o teu hymno de gloria.
Qual guerreiro triumphante,
Entre vivas e alegria,
Aos braços da tua amante. . . .
— Baleia! — grita o vigia.

Eis, de um salto, na prôa o Indio armado
De buido farpão. Batem os remos,
Amestrada igualdade os braços move;
Voeja o lenho, qual um pato-arminho,
Fremendo as azas pela flor das aguas.
Seguem-lhe a esteira da reserva as lanchas,
Que nervosa phalange activa a um tempo,
E o mar converte em chamalote argenteo.

Do recesso dos céos, em negra nuvem,
Como sabidos do futuro evento,
Baixam mil corvos á Armação, e em linha
Na esguia cumieira o pasto aguardam,
Crocitando e polindo os cevos bicos
No musgoso telhado: o brodio aventam,
Que hão de em breve offertar-lhes sobre a arêa
Sovadas carnes de cetáceo enorme,
E o residuo fumante das caldeiras.

Nos longos armazens lestos obreiros
Grossos troncos atulham, e os abrasam
Nas gargantas tisnadas das fornalhas.

Outros encebam os possantes cabos,
Que se enrolam no seio dos guindastes.
Aqui rangem as serras, alli chiam
Nos rebolos os ferros faiscando;
Tinem as facas, os cutellos brilham;
O ar é fumo, e um borborinho de ordens.
Na sala do Armador, em vitreo copo,
Que o vinho purpurisa, colhe o premio
O ditoso vigia, cujos olhos
Os longes medem, que o condor devassa.

„Cia, cia, no mar!“ murmura o Indio,
Já visinho á baleia, em cujos flancos
Fervem as ondas com fragor medonho,
Das blendes espadanas agitadas.
Na lide affeito desde a infancia, o Indio
Suspende o esquife, observa, e qual golphinho
Se emerge n'onda, de farpão armado;
Busca o fundo do pégo, e n'um arrojo
Fere co a lança o tenro baleote,
Que apenso á madre, não espera a morte

Pungido pela dor, convulso foge,
E a mãe, que o vê em convulsivas vascas
Verter a vida, rouxeando as aguas,
Em torno volta, desce ao fundo abysmo,
Busca o tredo inimigo que a affendera
Na prole amada, e remontando aos ares,
Equoreos borbotões ao céo eleva,
Como irado tufão no mar da China!
Mas o destro Tamoio a salvo estava.

Montanha ambulante, colosso dos mares,
As ondas retalha co'a cauda brilhante;
Das ventas espirra coqueiros de espuma,
Que o sol abrilhanta de facha irisante.

Amor no seu peito gigante se nutre,
Immenso, que afaga a prole querida,
Por quem mil combates affronta animosa,
Por quem barateia nos mares a vida.

Vulcão derramando torrentes de lava,
Cobrindo cidades, cidades ermando;
Leão mal ferido, não tem essa furia
Da irada baleia, seu filho vingando.

Ah! não lhe bastava a guerra continua
Que faz-lhe nos mares o fero espadarte;
Mais esse inimigo, peior do que todos,
O homem terrivel, que a fere com arte!

O filho acompanha, que foge ao zunido
Da corda do ferro que vôa em espiras,
E para seguil-o suffoca em seu peito
As furias, as dores, as ancias e as iras.

Lá vão demandando do mar os desertos,
Levando a reboque a lancha atrevida,
Á corda ligada, que a arrasta, e se estica,
Segura ao harpêo que abrio a ferida.

Mas eil-o que volta sem tino, em meandros,
Em serras de espuma as aguas alçando,
E a par furiosa a madre constante,
Até que n'um banco se esbarra, encalhando.

Ao choque na arêa, os dorsos immensos
Surgiram ao lume, ás nuvens subiram,
Quaes conhos roliços, alpestres, lançados,
Que as neves eternas co'as ondas poliram.

As lanchas sobre elles voando, despedem
Cem dardos, que o sangue derramam em rios,
Que o gelo da morte lá dentro vertendo,
Os tornam á vista cadaveres frios.

Eil-os a secco, immoveis, adernados,
Alguns minutos, quaes perdidas naves
Que a morte tripulou! Manobra o chefe
Com precauto saber; e manso e manso
Os dextros timoneiros se aproximam.
Mede o Indio, da prôa, um novo golpe
Co'o certeiro farpão; penetra o ferro
As cevadas camadas; desce ás carnes,
Afunda ás regiões onde circula
Do monstro a vida millenaria, e corta
Um estame da vida; e esse estame

Doloroso estalando, ergue-se o monstro,
E rebate as possantes espadanas,
Que alli de espuma e de fragor ergueram
Um outro Pauloaffonso, como aquelle
Salto inaudito que prolonga o ronco
A vinte milhas, e no céo condensa
Perpetuas nuvens de subtis effluvios!

Ciam de rojo as voadoras lanchas,
Ganham o largo, contemplando as iras
Do cetáceo, que lucta, e que deslembra,
No transe horrendo, o desditoso filho.
N'aquelle esforço, e batalhar insano,
Como o de um louco encorrentado, o monstro
Mete, enterra no abysmo a fronte ingente,
E no ar suspende a convulsiva cauda,
Qual partido penhasco, balançando
Ao embate das ondas marulhosas.

Sóbe a maré, entretanto,
As ondas sobem de nivel;

Volve-se o monstro temivel
No baixo parcel, em quanto
A altura d'aquellas aguas
Não lhe dá folga ás espadoas.

Eil-a, que a cauda mergulha,
Que despega a fronte ingente,
E já movel pela enchente
Co'as espadanas marulha;
Mas como se juncto á arêa
A prendesse uma cadêa.

Avulta a maré; la cóbre
Os meandros de Iguassú,
Os mangaes de Macacú,
E as praias da antiga e nobre
Capital do novo imperio,
Balisa do sol ethereo.

A nado, a baleia alçada,
Pelas aguas vai voando;
Toma a barra, o mar ganhando,

Leva com sigo espiada
A gente da baleeira
Na perigosa carreira.

Era o curso tão ligeiro
Pelo vasto mar azul,
Como entre os ventos do sul
É sempre o veloz pampeiro!
Da terra já tanto dista,
Que dos montes não se avista.

No meio de um tal tormento,
Em sangue toda esvaída,
Já quasi no fim da vida,
Volta-lhe o amor um momento;
Busca o filho desgraçado,
Que deixára abandonado.

Busca o filho, e regressando
Á bahia do Carióca,
Como horrenda pororóca,
Pela barra foi entrando,

E a onda que levantava
Sobre os picos se quebrava.

O que mais era espantoso
Em scena tal que atordôa,
Era ver firme, na prôa,
A harpoador animoso,
De braço armado, estendido
Como de bronze fundido!

Catadupas afrontavam
Seus avós em fragil tronco,
Sem temer a furia e o ronco,
Dos mares com quem brincavam:
Eram Tamoios valentes,
Guerreiros, vates ardentes.

Chega ao ponto a baleia em que deixára
O filho, e o não encontra. Morto, exangue,
Boiando, e a reboque á praia o levam
Com festivas canções os timoneiros.

A custo, a triste mãe a esteira segue
Do cadaver do filho; aduna as forças,
Redobra o impulso; mas fallece, pára,
Aderna, e mostra o flanco ensanguentado.
Fóge-lhe a aura vital em rubras ondas
De oleoso sangue, que espumante jorra.

Ordena o Harpoador que o cabo colham;
E ao rasgar da ferida, em vão se agita
O aquatico monstro muribundo.
De nova lança armado, salta o Indio
Sobre o dorso da presa, e, deslisando,
Sobre os molles tecidos, dá tres golpes,
Complecta a obra, confirmando a morte.

Da cinta desprendendo agudas facas
Os feros timoneiros, vaõ-se ao monstro;
Mergulham a través da guela hiante,
Talham, furam, e cabos enfiando,
Ligam, cerram o concavo gasnate,
A fim que a onda não lhe invada o buxo,
E ao fundo a leve de uma vez, sem cobro.

A postos, recruzando jubilosos
Mutuos emboras ao valor do chefe,
Batem os remos, compassando os vivas.
Dá signal á Armação o Indio ovante,
E os sinos e os foguetes e as rouqueiras
Com festivo rebombo o victoriam.

Em renque as lanchas marcham, rebocando,
Pelos fortes proizes espiadas,
O colosso do mar: desenha o vulto
Um cometa de sangue sobre as ondas.

CANTAM OS TIMONEIROS:

Quem é este mortal atrevido,
Cujo braço não treme, não erra;
Que triumpha no mar e na terra,
E a seus pés cai o monstro veneido?!

No seu peito destemido,
Nunca o medo atravessou,

Nem lhe as faces macerou,
A pallidez do rendido.
Da onça o feroz rugido,
O bote da audaz serpente,
Do tapir a furia ingente,
Do caitutú o grunhido,
Seu valor não quebrantou,
Nem sua alma acobardou!
Antes em valor redobra,
Como o bronzeo jacaré
Quando encova e espreita os ovos
Nas margens do Guaporé.

Guaxará, Guaxará, rei do mar,
É capaz de no céo pelejar!

Como a serpe damnada que atalha
A fogueira que vê no terreiro,
Ou no matto co'o incendio batalha,
Té mirrar-se no proprio braseir

Assim elle sobre o mar,
Fronteiro ao mortal perigo,
Quando ataca o inimigo,
Investe, sem recuar!
Ninguem o vio trepidar;
Tamanduá impassivel,
O tigre cruel, flexivel,
No posto espera e o abraça,
E co'as unhas lhe traspassa
Morte tenaz e terrivel.
É raio na tempestade,
É tufão, sendo agressor,
É pai, irmão, na amizade,
É pomba no seu amor.

Guaxará, Guaxará, rei do mar
É capaz de no céo pelejar.

O HARPOADOR:

Oh minha doce Isabella,
Vem, oh bella,
Minha fronte ornar de flores;

Co'a tua boca mimosa,
  Cor de rosa,
Dá-me um Sim, um Sim de amores.

Vem, oh bella, vem donosa,
  Graciosa,
Ser o premio da victoria;
Que se a vida barateio
  É que anceio
Que tu sejas minha gloria.

Minha bella é mais formosa,
  Mais donosa
Do que um alto burity;
Mais que a rosa matutina,
  E a bonina,
Mais doce que o sapoty.

Nos seus olhos o sol brilha;
  Maravilha
De seu canto a melodia;

Tem sua alma tal doçura,
  Tal candura,
Que me prende noite e dia.

Quando baila é tão mimosa,
  Tão garbosa
Que parece um cherubim;
Sua boca um ar desprende,
  Que recende
Como o aroma do jasmim.

É ella quem me sustenta,
  Quem me alenta
Quando ás baleias me lanço;
Por ella lucto sem medo,
  E a pé quedo
Por ella a victoria alcanço.

Vem, minha doce Isabella,
  Vem, oh bella,
Minha fronte ornar de flores.

Co'a tua boca mimosa,
Cor de rosa,
Dá-me um Sim, um Sim de amores.

Julho de 1846

O CÉO.

Lume é lassú che vesibile face
Lo creatore aquella creatura
Che solo in lui vedere ha la sua pace.
Dante.

Vai triste o vivente, que a fronte abatida,
Os olhos na terra, não volve-os aos céos,
Aonde fulgura a imagem de Deos,
N'um ether de lume, de amor e de vida.

A vista dos céos é grata e sublime;
No peito diffunde tranquilla esperança;
Dissipa tristezas, conduz á bonança,
E idéas sagradas, continuas, exprime.

O homem colloca n'um throno celeste,
A terra converte n'um Eden de amores,
E o mesto horisonte de pranto e de dores
Das côres ethereas alegre o reveste.

A estrella que brilha no páramo azul
É socia da mente que vive a pensar;
É uma harpa que, muda, nos vem libertar
Do espirito infenso, que houvera Saul.

É um tacito hymno de altiva eloquencia,
É o lume dos olhos de Archanjo formoso,
Que accende mil lumes; pharol venturoso,
Que guia nossa alma á meiga innocencia.

A vista dos céos, de noite e de dia,
É o livro mais bello, e o mais variado;
É fonte onde o genio, feliz e arroubado,
Se engolpha em torrentes de altiva harmonia.

Dos astros, das nuvens, no estavel remanso
A forma incansavel eterna varía;

A noite é tristeza, amores o dia,
Prazeres a aurora, e a tarde descanço.

Se o lume desponta da aurora rosada
Aos hymnos canoros das aves contentes,
As feras se alegram, e as alvas torrentes
Mais doces murmuram na selva encantada.

Se a pino radia o sol creador,
E alaga de brilho a cup'la asulada,
Fremente a campina, na chamma abrasada,
Em doces perfumes se espande de amor.

As selvas levantam a massa virente,
Vão junto dos astros mais vida fruir,
E ao meigo favonio ahi desferir
Co'a fronte odorosa um hymno cadente.

Se a tarde purpurea, brilhante e inflammada,
No peito derrama saudade e tristeza,
Co'a noite querida mais calma belleza
Ostenta fagueira Lucina argentada.

Oh lua propicia, Castalia perenne,
Que nunca sacias a sêde da mente,
Que és phenis perpetua, fanal permanente,
Que Deos accendera na hora solemne.

Do mar as arêas, do céo as estrellas,
Os versos não marcam que tens inspirado;
Tu és sempre a Musa do canto magoado,
A corda que vibra as notas mais bellas.

Es sempre a Diana do joven cantor;
Es sempre a seus olhos a amante querida;
Teus beijos de lume ao genio dão vida,
Endeixas germinam, inspiram amor.

O vate na terra ao fado obedece,
Os céos interroga, sua alma incendeia,
Na lyra divina os sons cadenceia,
E a ti as primicias do genio offerece.

O rei desthronado, que vê a seus pés
O imperio deserto, a c'roa quebrada,

Escravos fugirem, fugir sua armada,
No céo só encontra allivio ao revez.

Os olhos vezados a nunca soffrer,
Affeitos do alto a ver, e a imperar,
Da terra, que os nega, se vão asylar
No céo onde os grandes mendigos vão ser.

No céo, onde Cesar não tem magestade,
Não tem lisongeiros, nem ouve a mentira,
E onde seu braço, aos raios da ira,
Não brande o cutello; que é tudo igualdade.

O martyr, que ás feras de pasto servia,
E aos olhos de Nero de grato festim,
Da dor ja vencido, tocando a seu fim,
O céo encarava, para onde subia.

O céo, quando a esp'rança do peito se ausen
Das almas quebradas é o meigo consorte;
É o thalamo sancto na hora da morte,
Repouso, refugio da terra cruenta.

O céo é guarida da pura innocencia,
Asylo seguro do filho da terra,
Sacrario, onde a gloria divina se encerra,
E fonte perenne da eterna clemencia.

E o nectar eterno da fonte da vida,
O porto que salva do horrivel naufragio,
Thesouro insondavel, do pobre apanagio,
Do filho de Eva a plaga querida.

O homem pungido de atrozes remorsos,
Na marcha da vida caminha acurvado;
O mundo o fatiga, seu passo cançado
Só vê sobre a terra perigos, destroços.

Se um riso ligeiro lampeja em seu rosto,
Veloz desparece, que o livido senho
O monstro retrahe, pesado, ferrenho,
E mais hediondo retorna o composto.

A larva do crime seus olhos carrega,
Em atra masmorra sua alma escravisa;

A terra lhe treme, se a terra elle pisa;
Se chora, seu pranto ao céo não entrega.

A vista do impio, vampiro sangrento,
Dos céos o aspecto não pode aturar,
Que Deos já em vida o faz encarar
As fauces do inferno no seu passamento.

Na escura gehena seus olhos terrenos
Fixados, esperam castigos cumprir,
Não saem do abysmo, não podem fruir
Do céo rutilante os lumes serenos.

O justo, que o riso na face estampara,
Durante as tormentas do mar da existencia,
Na morte o conserva, conserva a excellencia
Da sua pureza, e o céo ledo encara.

Encara-o risonho, soltando sua alma,
Que o céo para o justo é Sancta Sião,
De Deos a cidade, a eterna mansão,
Aonde florece de Débora a palma.

Na hora em que o tempo e a luz me fugir,
Se á terra meus olhos cançados baixar,
Será, Deus Eterno, para perdoar,
Porque só meus olhos te devem seguir.

Mas que é isto? onde estou eu?
Que céo é este que vejo?
Não és o céo que desejo;
Tu não és o céo que é meu.

És um sudario, um céo frio,
Que amortalhas a Natura,
Que não tem a formosura
Do céo do meu patrio rio.

No meu formoso Brasil
Tenho um céo todo harmonia,
Um céo claro noite e dia,
Um céo sereno e gentil.

Um céo onde brilha a cruz,
Orago da minha terra;
Que é bello, que tudo encerra,
E onde Deos se reproduz.

Lá não paira nevoa algente,
Nem da morte as frias cores;
É meu céo um céo de amores,
Que protege um sol ardente.

Odora, suave brisa
N'elle habita esvoaçando,
Que vida ás flores vai dando
E as aguas sonora frisa.

Quando negra tempestade
No meu céo se alarga, e muge,
O raio serpeia, estruge
Como a voz da eternidade.

Sobre a terra desce, e alaga,
Tudo treme, tudo aballa;
Derepente foge e cala,
Rompe o sol, e tudo afaga.

Renascida a Natureza
Parece n'aquelle instante;
É tudo alegre, brilhante,
Tudo harmonia e belleza.

Os bulcões da Hybernia fria
No meu céo não vão campar;
Lá não vão campos nevar;
Que o meu céo flores só cria.

É tenda que ao peregrino
O leito cobre do pouso,
Que protege no repouso
Ao velho, ao pobre, e ao menino!

Sempre bello, sempre igual,
Infunde n'alma a alegria;
Jamais entristece o dia
Co'um docel de funeral.

Oh! meu céo, meu céo querido,
Quando a meus olhos brilhares,
Minha alma irá pelos ares
Beijar teu solo florido.

Hei de com patria alegria
Um canto de amor votar-te;
Hei de ser por toda parte
Uma nota de harmonia.

Minha velha mãe proteges,
Proteges os meus amigos,
E a liberdade que reges
Lá não tem crueis imigos.

O meu céo é um céo de amor
Para toda a humanidade,
Asylo da liberdade,
Céo formoso e protector.

O dia não tarda, o dia gazil
Em que eu, affrontando crueis elementos,
Sem medo das iras do mar e dos ventos,
Irei venturoso saudar o Brasil.

1836.

O VOADOR.

BARTHOLOMEO LAURENÇO DE GUSMÃO.

Oh gente forte e de altos pensamentos,
Que tambem d'ella hao medo os elementos.
Camoes, Canto 20.

Nos abysmos do mar, entre mil selvas
De vermelhos coraes, niveas madréporas,
Juncto ás locas nocturnas em que pousam,
Em leitos de ambar, de perdidas perlas,
Monstros não vistos; tu plantaste, oh homem,
Saxeas raizes, gigantescas moles,
Onde as vagas os flancos pulverisam,
Sem que a rocha da industria abalo soffra!

O elevado aposento da aguia augusta
Que a nuve esconde; o escalvado imperio
De eternos caramellos, throno e assento
Dos raios e tufões, escaladaste,
Qual impune Titão, fitando o Olympo.

A despeito da morte, a ferro e fogo
A terra broqueaste, rechassando
Negra filha do chaos, a noite infinda.
Fizeste retinir tua alavanca
Nos jazigos de um mundo acobertado
Por campa millenaria, e perfuraste
Os muros encendidos d'esses antros
Onde fervem vulcões e ardentes lavas.

As vívidas arterias de alma lympha,
Tua mão desviando-as do seu curso,
Em marmoreos conductos reprezaste;
Nivelados co'os montes, rebentaram
Em sonoras bacias, dando ás praças
Belleza e vida, e alimento ás côrtes.

A indomita cerviz do grande oceano
Co'a ponta do teu iman encantado,
Pujante avassalaste-a . . . Mais ainda!
A onda converteste em nova força,
E com ella as entranhas animaste
Do ferreo monstro, que assoberba os euros,
Galga os montes, e encurta o tempo e o espaço.

Do bibulo, rasteiro e fragil lodo
Cimbres criaste, em cujo dorso sobem
Jardins risonhos, sumptuosos templos
Sobre a margem do Euphrates, d'onde Belo
Estampára nos céos os dose signos!
Dest'arte ergueste ao defraudado oceano
Batavia undosa, construindo um berço
Por Deos immerso, e só por ti alçado!

Ao som da picareta e da alavanca,
Viste as rochas em templos transformados,
E os ares semeados de zimborios,
De esguios corucheos, de bronzeas grimpas,
Que se elevam além do chopo annoso.

O ar em harmonias converteste,
A luz em mil debuchos variados,
O vapor em potencia, o fogo em alma,
As aguas em corceis, o ferro em homem,
E a Natura em escrava do teu genio!
Tudo, tudo, oh mortal, teu almo esforço
Refundindo, creou um novo mundo.

O Italo, o Franco, e o Britano
Conquistaram o orbe inteiro!
Mas a conquista dos ares
Deo-a Deos a um Brasileiro!

Mais feliz que Phaetonte,
Aos céos ovante subio,
Sobre as azas de nova aguia,
Que o seu genio construio.

N'um ar mais leve firmado,
Que extrahio da Natureza,
Foi á morada das aves,
E espantou a redondeza.

O espaço virgem que o vidro
De Gallileo perlustrou,
Bartholomeo mais ousado
Com seus olhos o enxergou.

E vio, a seus pés, serena
A Natura variada,
Sorrir-se em fachas de lume,
De um lado e de outro nublada.

O subtil ether fendendo,
Lá na mansão sideral,
Foi coroar com mil astros
Sua fronte divinal.

Vio o sol prateando as aguas,
Campos e selvas dourando,
E o raio por entre as nuvens
Sigmas de fogo lançando.

Se um famoso Americano
Soube o raio escravisar,
Primeiro, Elle, do raio
Foi as zonas dominar.

Montgolfier celebrado,
Filho da grande nação,
Só após quatorze lustros
Seguio no vôo a Gusmão.

Que insolito painel, que alma grandeza
Seus olhos descobriram, quando a pino
Á pujante Lisbôa, devassaram
Como uma aguia a extensão do vasto emporio
Onde outr'ora os destinos do oceano
Decretava, suberba, a gente lusa!
A onda popular, rija celeuma
Estrondava nos ares, recordando
Aquelle dia em que voltára o Gama
Do periplo immortal á patria excelsa.

Como cyrios ardentes flammejavam
Da multidão os olhos, reflectindo
Somente o Voador, sol d'esse dia!
E elle, suspenso, e absorto contemplava
O painel grandioso, que a Natura

Em ondas circulares desdobrava!
Sua alma extremecia, e um sacro enlevo
Mil encantos na mente lhe acendia.

Vio a seus pés, quaes pontos movediços,
Enxames de mortaes, e as altas grimpas
Da fé christã, e do poder mourisco,
Como esparsos crystaes na relva humilde.
As aguas sonorosas do aureo Tejo,
A magestosa nava do oceano,
O espinhaço fragoso das montanhas,
O serpeado argenteo dos ribeiros,
As cup'las das florestas, o ondeado
Das messes, dos vergeis, tudo, em fim tudo
Como um mappa a seus pés se debuchava.

Que scena singular! A terra e os mares
Cresciam, e as montanhas se achanavam.
Em discos gigantescos, progressivos,
Como aquelles que a pedra n'agua fórma,
O horisonte crescia. O rio ameno,
Qual polida, guerreira colubrina

A flexuosa ponta mergulhava
Nos castellos da Iberia anuviados.
As cidades do reino se estreitavam
Em pontos; e n'um ponto, quem diria?
Divisava Lisbôa, a dupla côrte,
A rainha dos mares, que na fronte
Cingia um diadema, cujos aros
Do mundo as quatro partes symbolisam.

Similhante a renovos que pullulam,
Coroados do orvalho matutino,
Na orbivaga visão lhe prorompiam
Moles esparsas, dispertando eventos:
Cintra, qual ninho de aguia, assento excelso
Dos senhores do mar; o immenso oceano
De opulentas esquadras adornado;
Mafra, o poema do alvanel dedaleo,
Onde o tempo em mil vozes se annuncia;
Sagres, o Nebo do Moisés dos mares,
Que a terra dilatou á voz de Henrique:
Evora, a filha da cesarea Roma;
Palmella, a cavalleira, e o Guadiana

Raio de gloria, que limita o reino;
Santarêm, odalisca convertida
Pela espada de Affonso; e, mais ao longe,
Alcobaça famosa, asylo outr'ora
Da virtude e saber, hoje do ocio;
Aljubarrota, o campo da victoria,
E o templo da Batalha, primor d'arte!
Coimbra, a sabia, que illumina o Reino;
O Porto heroico, que domina o Douro;
E Braga a antiga; Portugal inteiro,
Tudo n'um só olhar descortinava!

Subio o Voador, subio tão alto,
Que só o via El-rei, n'elle fitando
De Mecio o tubo. No recesso ethereo
Abysmado, no espaço immaculado,
Onde o raio não cruza, onde só giram
Os favonios do céo em pura esphera,
Ninguem o via! O atalaia agudo
Da supina Albaran, que véla o reino,
O sineiro da Sé, e os que vigiam

Nos sete montes, o perderam todos;
Nem o gageiro das altivas gaveas,
Affeito aos longes, lhe descobre a sombra!

Sua alma arrebatada em nobre enlevo
De delicia em delicia se innundava!
Parecia que Deos ante seus olhos
Da creação a scena repetia,
Quando o Nada co'um gestò aviventando,
Fez no espaço surgir a Natureza!
Parecia-lhe ouvir a voz divina
Nos tempos retumbar, e encher a terra
De luz e vida, e infindas maravilhas.

Oh gozo sem igual!.. Só Deos e elle
No imperio dos astros dominavam!
N'esse arroubo, que a mente deifica,
Descêo a vista ao mundo, e absorto dice:

„Quem é que n'est'hora me póde igualar?
Eu sou um conviva do ethereo festim.

Cheguei onde o raio não póde chegar,
Ergui-me ás estrellas, como um cherubim!

Se alargo dous dedos, um reino compasso;
Se fallo, parece que os povos me escutam.
Ácima dos homens, não sei se no espaço
Agora por odios, ou ouro disputam.

Planeta humanado no claro recinto,
Eu quero entre os astros meu canto entoar
Á gloria do Eterno; que o homem faminto
Aqui, juncto aos astros, não vem profanar.

O sol, as estrellas são aras formosas
Do templo que habita Jehovah Creador;
E agora meus labios são cordas donosas
Da lyra que exalça o Eterno Senhor.

São notas do hymno da eterna alegria;
Idéas que em mundos se hão transformado;
São filhas da mente da sabia harmonia,
São lettras que dizem seu nome sagrado.

Aqui sempre o dia tem lume perenne;
Não tem triste occaso, não tem feia aurora;
É um hymno sidereo, constante, solemne,
É o dia celeste, que tem só um'hora.

No eterno silencio aqui se clausuram
Mysterios sublimes, segredos de Deos,
Que nem mesmo aos olhos dos sabios fulgura
Lá quando da terra se elevam aos céos.

D'aqui se confundem a infamia co'a gloria;
O amor co'o desprezo; o rei co'o vassallo;
O tempo co'a morte; o olvido co'a historia;
E echo terreno não sôa, se fallo.

Os males da terra na terra ficaram!
Sou livre, e não temo doestos humanos;
Aos meus detractores a fronte calcaram
Meus pés, e venceram seus perfidos planos.

Por gloria tão nova, tão grande, e tão alta,
Mil graças vos rendo, Senhor de bondade!

Mas para louvar-vos aqui só me falta
A lingua dos Anjos e a da eternidade.

Oh celicio doloroso,
Que rasgas os seios d'alma!
Vejo em funebre cypreste
Convertida a ovante palma.

Lá onde o Tejo se estreita,
Onde Toledo famosa
Alça os muros de tres reinos,
Vejo uma scena dorosa.

Vejo alli, n'um pobre leito,
No exilio, em agra dor,
Expirando entre mendigos
O preclaro Voador!

Expirando como outr'ora
Na enxerga de um hospital
Morreram tres grandes glorias,
Tres glorias de Portugal!

Lusitania cruel, porque exaraste
Nas portas do hospital esta legenda?
„Do engenho e do valor unico asilo.“

Mas não; Madre de heroes, de altos engenhos,
Magdalena, que, em lousas venerandas,
Hoje pranteas o nefando imperio
D'esses tempos de lodo e lentejoulas,
Em que o nescio capuz cobria a c'roa,
Em que o nobre era esbirro do assassino,
O genio perdição, e a luz um crime!
Rutilante nas aguas soberanas
Do Tejo, Guadiana, Minho e Douro,
Outro lume fulgura, e não o lume
Da fogueira infernal, que infando bonzo
Dos Estáos accendia: Hoje resplende
O lume da divina liberdade,
No qual, phenis de amor, grata renasces.

Não mais resurgirás, hoste sangrenta
De alfagemes que os ferros afiavas

Nos altares de Christo, convertendo
O Evangelho de paz em voz de guerra,
A caridade em sordida avareza,
A fé em despotismo, e a sancta igreja
N'um covil monstruoso de bandidos.

O throno da sevicia e da ignorancia,
Da hypocrisia o sceptro estão por terra,
E sobre as suas ruinas execraveis,
Revestida de gloria a Tolerancia
Diz aos homens: Pensai, Deos o ordena.

1843.

AO MEU AMIGO

D. J. G. DE MAGALHAENS.

Tivoli. Maio de 1835.

Como é bella a Natura!
Póde o parto de um genio em febre intensa
Rivalisar taes scenas?
Ver das aguas a queda ruidosa
Deslizar entre seixos, formando
De crystal mil festões, que se esmaltam
Da palheta do iris, pintando
Retab'los, onde o toque da mão mestra
Em matiz variado delineia
Successivas bellezas, como a idéa

Que outra idéa disperta, vinculando
Das sensações o quadro reanimado;
Onde terna saudade em ledo arroubo
Volteia esperançosa
Sobre as azas divinas da memoria,
Que em seu gremio renova eras passadas;
Mysteriosa phenix de nossa alma!
Propercio e Cinthia,
Catullo, Horacio,
Mecenas, tudo
Do antigo Lacio
Patente sobre as ruinas vejo errarem
Como nuvens de phosphoro ceruleo,
Ou vapores n'um lago, matutinos,
Ou nas selvas nocturnos pyrilampos.

E tu, oh linda Zenobia,
Que com teu pranto nutriste
Estas aguas sempiternas,
E solitaria carpiste
Tua corôa, teu sceptro,
Armadas, marmoreos paços,

Vastos templos de Palmyra,
Que Roma fez em pedaços.
Já foste Palladio, e idolo
Do teu povo soberano;
Mas quebrou-te o templo, e as áras,
O iconoclasta Romano.
Vem, princeza desgraçada,
Vem solitaria commigo,
Vem chorar a antiga gloria,
Que eu tambem choro um amigo.

Se ora invoco teus manes neste ensejo,
Não turbo as regias cinzas, que humilhadas
No exilio findaram sem moimento.
Como tu, solitario a vida gemo,
E a passada ventura, que gozára
Entre amicaes amplexos, venturoso.

Mas que voz na soidão remonta aos ares?
Celeste Cherubim baixa do céo,
E na frauta divina exalta o hymno
Que a terra a Jehovah diurna envia.

Mas não; alto prodigio se levanta;
Providente Natura
Companheiro me envia; alado vate,
Homero da floresta,
Em melodico metro o estro exalça,
Meus suspiros conforta, e adoça as magoas.

Salve, oh vate Rouxinol,
Salve, á luz mysteriosa
Deste archote, que de noite
Faz a terra duvidosa.
Salve, oh Lua alvinitente,
Mãe de amor, do vate amante,
Do silencio grata esposa,
Salve, salve neste instante.

Mas quem turba teu manto de silencio,
E a voz levanta em prolongado ronco?
São as do Anio
Tartareas aguas,
Que sempre vivem
Quaes minhas magoas.

Da historia imagem,
Das estações
Vivo retrato
Seus borbotões;
Qual vida, e morte,
De vaga em vaga,
Se esconde, e surge,
Se accende, e apaga.
Assim batem as aguas rugidoras,
Que os atomos confundem, dilatando
A continua torrente, que retrata
Do infinito a imagem!

Onde está o infinito, oh Deos Eterno?
Esse marco onde esbarra a mente humana,
Que sem tino volteia titubante,
E no abysmo do peito se aprofunda,
Face a face encontrando a consiencia?
Oh consiencia, ao teu clarão se rasga
O véo das illusões! Elle nos mostra
Das paixões o tropheo dentro do tumulo,
E ao pé quadro da vida, que demonstra

O nada da vaidade, e o desengano
Magestoso sentado
Na cadeira da escola da verdade,
D'onde colhe a virtude os seus dictames!

Pallida lua, teus suaves raios,
Que placidos se esbatem nas campinas,
E as fugitivas ondas argenteam,
Da consiencia nossa a imagem pintam,
Que falla ao coração com tal potencia,
Sem nos labios volver um som de phrase.

Mysterioso accento, alta harmonia
Desenvolve a Natura em seus concertos;
Emquanto a voz unisona do Anio,
Que em equoreos cylindros vai rolando,
Entre seixos ribomba,
De medonho fragor o ar pejando;
Canoro rouxinol preludio exalta,
E sublime se accorda ao som horrivel
Que as aguas tangem em continuos vortices
Entre o limo e as arêas das cavernas,

Variando as estrophes; lá prolonga
Suavisimo gorgeio, que se perde
Em ventrilocos echos; quaes soluços
De enamorada virgem, que receia
Do coração trahir ternos affectos.

Volve a paz, o silencio, ronca a onda
Em perpetuo murmurio:
Da fadiga repousa o alado vate,
E inspirada canção alto redobra.

Mais sublime retoma o retornello,
Em agudos sibilos elevando-se;
Quebra a voz; vem morrendo suspiroso;
Doce, e doce remonta, enche o espaço;
Magestoso se espraia, floreando;
Qual rojão que remonta além das nuvens,
E no ar arrebenta um firmamento
De ephemeras estrellas luminosas.

Volve a paz, o silencio, ronca a onda
Em perpetuo murmurio;

Da fadiga repousa o alado vate,
E inspirada canção alto redobra.

Melancolico entôa em nova escala
Doçorosa canção, que amor inspira,
Té que alfim pipitando se arrebata,
Entrecorta o trinado, e pouco a pouco
Em fluente florido se evapora.

Volve a paz, o silencio, ronca a onda
Em perpetuo murmurio;
Da fadiga repousa o alado vate,
E inspirada canção alto redobra.

Mesclado effeito de sublimes notas,
Ora forte, ora lento, vai soltando.
Finge o pranto, sorri-se, e desenvolve
Insolita harmonia, que assimilha
Batalhões com clarins, rufos, e timbalos;
Emmaranha um confuso regorgeio,
Que se perde n'um som prolongadissimo.

Triumphante cala a cithara,
Desparece qual relampo;
Ronca a onda sempre a mesma,
E o silencio toma o campo.

Oh Rossini das aves, tu que buscas
A soidão, e o silencio,
Para teu canto ornar sem o marulho
Da vigilia do dia; e como um genio,
Que no leito desdobra mil prodigios
Ao cançado mortal em grato sonho,
N'esta hora me recordas
Ao coração lanhado imagens ternas,
Tão tristes, que ante mim se desenrolam,
Qual pennacho de fumo
De apagado brandão junto ao esquife,
Que um cadaver de virge' avaro occulta.

Oh Rossini das aves, que linguagem
Teu discurso soltou? Não é da terra.
Ah! cantas por ventura
Os fastosos annaes, a decadencia,

Os triumphos, e a queda dos Romanos?
A saudade, as delicias da amizade,
Ou a historia amorosa de uma victima?

Marmoreos atrios, aureos peristylos,
Conquistas d'essa industria, que assoberba
A terra, o mar, os montes, e os abysmos,
Tudo o tempo desfez co'a mão dos seculos.
Sibylinas paraphrases
De mysticos oraculos,
Que o futuro previam, não previram
Essa mãe de desastres
Cimitarra de Tótila,
Que a Palestra, o Nymphêo, a Academia,
E os mais d'arte primores derrocara
N'esse mundo do bello, que Adriano
Collocara engenhoso sobre a encosta
Das ridentes collinas, que te adornam,
Oh decantada Tibur!
Qual tumulo sagrado, o viajante
Vem teu solo beijar, e espavorido
D'esses restos augustos que te cobrem,

Vai na patria narrar taes maravilhas,
Maldizendo a ignorancia e Caracalla.

Esta, outr'ora soberba, aurea cidade
Minha imagem retrata em quadro iconico!
Onde está teu Lyceo, onde o teu Foro?
Os teus templos e muros formidaveis?
Que sepulchro encerrou os Paladinos?

Eleva, eleva moles gigantescas,
Pelo engenho das artes inventadas,
Oh vaidoso mortal! marca os teus fastos
Com marmoreos padrões; que o dia chega
Em que, a um leve aceno do destino,
Co'os teus feitos irás dormir na terra.
Novos combros de arêa gera um vento
Que outro vento derruba, nivelando-os.

Muros reticulares
De calcinada argila,
Que arrendadas abobadas sustentam,
De grinaldas de silvas adornados,
Em vão querem mostrar primeva pompa.

Onde outr'ora tangeo Horacio a lyra,
E Tibullo chorou ternos amores,
Mortaes serpes se enroscam,
Aguardando findar pastor incauto,
Que a fadiga do sol chama ao repouso.

Sobre o alto das collinas,
Que em torno ao Anio vecejam,
Vis choupanas, restos sacros,
Inda gloria mal lampejam.

Teus acanthos de Corintho,
E o teu luxo oriental,
Jazem na terra, e aos insectos
Servem hoje de pousal.

Mas, oh Deos, se a vista volvo
Ao Catilo, e ás suas aguas,
Lá no templo da Sibylla
Vão findar as minhas magoas.

Supina Tibur, espraia
No horisonte larga vista,
Vê como geme na terra
A rainha da conquista.

Como tu, mudei de aspecto;
Já me viste rico, e ufano,
Quando junto ao meu amigo
Te saudei lá do Lucano.

Onde vás, Peregrino estudioso?
Em que albergue feliz pedes pousada?
Acaso sobre um tumulo deserto
Entre rotos soffitos,
Na cithara brasilia merencorio
Teus suspiros a Deos grato sublimas?
E baixando ao amigo, tambem sentes
No adyto do peito,
Como elle, trespassar-te agra saudade?
Se a mansão de Petrarca,
Nas Collinas Euganeas, visitares,
No marmoreo portal grava estas linhas:

Se junto, ou longe,
Da Laura diva,
A lyra altiva
Tangeste sempre:
Qual tu, o amigo
Saudoso agora,
De mim se lembra,
E por mim chora.

A VOZ DA NATUREZA.

CANTO

SOBRE AS RUINAS DE CUMAS.

Palpebras minhas, lividas de pranto,
Deixai a triste inercia que vos pesa;
Deixai que os olhos meus livres se estendam
No sangrento horisonte que me estreita.
Lavai, lagrimas minhas,
O funesto painel que se me antolha
N'estes mal esbroados monumentos,
Reliquias colossaes do augusto imperio,
Que outr'ora o Palatino sustentava:
Limitado embrião, depois crescendo,
O flagello tornou-se do universo.

Gemêo espavorida a humanidade,
Quando vio baquear o vulto immenso
Do gigante romano; titubante
Arripia abalada, e se aprofunda
No tenebroso cháos da barbaria,
E co'os evos respira lento e lento!
Tal peregrino incauto ouve e estrondo
Da fendida montanha que ruíndo,
Um rochedo atravessa ante seus passos!
Ou qual virgem, que flores recolhendo,
Vê o raio a seus pés abrir um fosso;
Foge-lhe a mente do gelado corpo,
Mas alfim gyra e sangue, pensa, e marcha.

Tu, que oscillas nos tropicos luzentes
Sobre as azas do sol, Anjo canoro,
Que os metricos arpejos cadenceias,
Vem minha harpa tanger, guiar meu canto,
Que entrecortam suspiros e soluços!
Despe as vestes da aurora,
E as das trevas trajando, luctuosas,
Vem pairar, merencorio, sobre a campa

Da morta, grega Musa!
Vem, oh Anjo canoro,
Sobre a fronte insuflar torrente pura,
Espelho transparente, onde as estrellas,
A terra, a humanidade,
Em perennal cadencia
Em vortices harmonicos circulam.

Reminiscencia, abri vossos arcanos;
Sobre a trolha da historia revolvei-me
O induito de ouro e lodo,
Crimes, virtudes, prantos e sorrisos,
E sobre os mal cobertos alicerces
Os templos levantai, thermas, e paços,
Amphitheatros, circos, maravilhas
Do compasso e sinzel do grego engenho.
Surgi, sombras romanas!
Agitai vossas cinzas,
E as barreiras da morte atravessando,
Passai da eternidade á luz do dia!
Collocai vossas scenas
Ante os olhos brasilios.

Narcotico silencio, noite eterna,
Fugi, fugi, que eu canto.
De sonhos lisongeiros, de esperanças,
Acalentai-me a voz, oh cara Patria!
Solitaria viuva, mãe querida,
Do peregrino filho aceita os carmes.

É co'a historia e monumentos
Que o genio á posteridade
Traça a esteira luminosa
Dos annaes da humanidade.

Alçando a lousa do olvido,
Rasga-lhe o manto da morte,
Patenteia á luz do dia
De antigas nações a sorte.

Que magico prodigio se levanta
Sobre o dorso das ondas inconstantes?
Em triplice camada o arco-iris
Se apavona dos polos ás estrellas,

E as cores emmaranha, descrevendo
Auroras boreaes, raios mesclados;
Lá do centro dispara
Uma voz, qual trovão, entre relampos.

O HORISONTE

Sou sepulchro, sou berço ao firmamento;
Entre a terra e os céos marco os limites;
Eu sou da eternidade a vera imagem;
Póde o homem correr evo após evo,
Jamais encontrará balisa ou raia,
Que o começo e o fim marque a meu reino!
Livro ethereo, em que o tempo successivo
Com luz e trevas seus annaes compassa,
Posso eu mesmo dizer quanto se ha visto,
Ou mandar que m'o digam sem detença.
Narrai, oh terra, mares, promontorios,
Ilhas, vulcões, planicies, rios, montes,
Dos fastos vossos o sangrento mappa.

Cada dia em que o sol beijou-me a fronte,
Cada noite em que a lua dei á terra,
Novas scenas os astros me trouxeram;
Transições de anathêmas, d'hymnos gratos,
Ora impreca, ora exalça a humanidade!

Quindi monte Circello orrido appare
Col capo in cielo e con le piante in mare. *)

CIRCEUM:

Outr'ora o mar beijou-me a rija base,
E de nastros phosphoricos as ondas
Meus pés endereçavam.
Prodigios desdobrando a maga Circe,
Deslisava em meu tergo frescas aguas
Entre leitos de opalias e saphyras.
Com louros, myrtos, rosas,
Dadivosa a Natura ornou-me em torno.
Sylphos odoros aves simulando,
Entre os lindos acanthos se aninhavam

*) Tassoni, canto X, st. XXIV.

Do prostylão soberbo, templo augusto
Que a oceanida maga
Erguera de um aceno ao pai do dia.
Ulisses penetrou-me as saxeas visceras,
Com Tiresias fallou no averno paço,
Co'Anticleo, e Agaménon, gregas larvas,
E os guerreiros que á patria deram lustre.
O soberbo Tarquinio, em cuja fronte
Um crime filial quebrou a facha,
Minhas terras encheo de alta colonia;
E do antigo esplendor ora me restam
Reliquias sacras, a infernal caverna,
Helleneos javalis, outr'ora nautas;
E a vaga gemebunda, que na praia
Com horrorosa nenia me compunge!

GAETA:

Sou funebre atalaia ao mar tyrrheno;
Os ossos consumi da ama de Eneas.
Em marmoreo padrão marquei os ventos;
Dei abrigo e refresco a mil esquadras.

O calvo Scipião, o nauta Lelius,
Em gratos brincos de infantil encanto,
Sobre mim deslisaram almos dias.
De Scauro e de Adriano vi palacios;
Hoje curvadas ruinas,
Sobre a terra gemendo, se esboroam.
Eu vi de Conradino o punho ungido
Lavar co'o regio sangue algemas gallias.
O fabuloso Livis em seus charcos
A Mario proscriptor refugio dando,
Que o Cimbro respeitara
Na famosa Minturno.
Não tenho uma só pedra, um grão de terra,
Que lavado não fosse em sangue humano.
A Hespanhoes, Allemães, Sardos, Francezes,
Em furioso assedio dei a morte.
Narrar-te almejo, em summa, para opprobrio
Das nações e dos homens,
Meus fastos sanguinosos, mas não posso;
Paroxismo de morte
Emmudece o meu genio, e o desaza.
— Do paladino Orlando encara a torre!

Negrejava entre o azul do aéreo espaço
O supino padrão, tumulo outr'ora
De Plauco, que manchara
De Censor a missão severa e sancta.
Sobre as saxeas ameias se elevava
Um pennacho de fumo, negro, e espesso,
Que no ar fluctuando agglomerado,
Mil phantasmas creava e desfazia.
De repente, inflammado em mil coriscos,
Igneos andrajos darda,
E a meus olhos esboça um quadro horrivel!
Qual n'um baixo-relevo carcomido
Pela lima do tempo,
Vi por terra deitada uma liteira,
Ensanguentado escravo baqueando,
Sobre a estrada sicarios, pais de crimes,
E o tribuno Populius, que no peito
Do pai da patria o tredo gladio embebe.
Margens fataes ao genio e á virtude,
Que a Cicero dão morte, a Mario o dia!

O OCEANO:

A vaga que remonto e de outra a envolvo,
Hydraulicas muralhas, pharos, templos,
E os rochedos que esbrôo,
As scenas do universo representam.
Ora liquidas campas abro e fecho,
Na garganta de um monstro a morte pondo;
Ora me envolvo do tranquillo manto,
Onde os astros se miram, reflectidos,
E a meu grado consinto em leda esteira
O rostro deslisar sobre o meu dorso.
Em leitos de ambar, de coraes e perlas
Mil thesouros vedados tenho á terra.
Nem a estrella Acarnar, nem Syrio e a Ursa
Meus segredos conhecem.
Penetro dos vulcões o negro abysmo;
Subo ao cimo das serras nevoadas;
Tenho minas profundas que atravessam
Em calidas correntes todo o globo.
Um aceno da mão que rege os astros
Faz meu leito mudar, mudar a terra,

E as primevas cidades que ora encubro
A secco deixarei, sorvendo novas.

O TUBERÃO:

Insepulto não fica o nauta ousado,
Que a cubiça conduz ao mar fremente!
Das batalhas navaes sou vivo tumulo!
As carnes devorei, fundi os craneos
De Phenicios, de Gregos, de Romanos;
No cabo tormentorio ao Luso audace
Em meu ventre mil vezes dei sepulchro.
Quando o Anjo da morte sobre as ondas
Tetrico paira, as fauces abro, escuto
Se o canhão a meus dentes manda pasto;
As mandibulas rinjo co'a mitralha;
No festim d'um cadaver que eu devoro,
É meu hymno o furor, meu nectar sangue.

UMA COLUMNA DORICA:

Este, que vês curvado sobre a terra,
Marmoreo espectro, enferrujado tronco,

Tarquineo peristylo outr'ora ornava!
Não é do tempo o limo, o pó dos evos
Que o meu corpo cingira em rubras listas.
Ensanguentadas togas dando aos ares,
Criminosos duendes noite e dia
De infernal symphonia me rodeam,
E no concerto horrivel apregoam
O diluvio de crimes
De Tarquinio, o soberbo.

O ROUXINOL:

Sobre um olmo fabrico o meu paço,
Que illuminam os cirios do céo,
E cantando adormeço contente
Quando a noite desdobra o seu véo.

Com meus hymnos saudei esta aurora,
De mil flores o odor respirando,
E agora o silencio da noite
Novos hymnos me está inspirando.

Quão ditoso o amante que espera
O seu bem pela noite; e o réo
Quão tristonho não sente o seu fado
Quando a noite desdobra o seu véo.

Astro ephemero vivo na terra,
Mas ridente no berço cantando,
Passo a vida contente, e a morte
Novos hymnos me está inspirando.

Ah! canta, canta, oh genio da innocencia,
Mais feliz que o mortal que pensa, e rega
Esta terra de pranto e de desastres.
Tua voz no deserto exalça um hymno,
Que prolonga-se a Deos em curta escala;
Tua vida é um som melodioso,
E a Natura lhe frue a extrema nota.
Chóra a flor, chóra a planta, e o lago chóra
Quando a morte te quebra a flauta aérea,
E sem imprecações baixas ao nada.

PONTIA:

De jardins coroou-me Circe a fronte,
O tempo os consumio. De Roma ergastulo,
Devorei entre lagrimas as victimas
Que a justiça e a vingança me trouxeram.
De Germanico ao filho primogenito
O espectro da miseria
E o abutre da fome
Vi em torno girar, roer-lhe a vida!
De Tiberio e Sejano
Vi com magoa vinganças realisadas.

PANDATARIA:

Graça, doçura, espirito, belleza,
Eu vi em negra furna definhar-se.
Do paterno rigor Julia foi victima,
Victima de seus crimes,
Crimes que a natureza lhe infundira.
Lugubres scenas, do remorso filhas,
Ante os olhos giravam da beldade.
A turba lisongeira, os seductores,
Os cortejos, theatros, jogos, risos,

Em delirios saudosos lhe assaltavam,
Ora em astros voando, ora em duendes:
Tal póde a reflexão depois dos sonhos.
Sempronius Gracchus, que de Agrippa o thoro
Inundara de sangue, sobre o gume
De ferreo gladio terminou seus crimes.

UMA GAIVOTA:

Surgia o sol nas purpuras da aurora,
Qual escudo argentino em mar de sangue
De guerreiros que a morte traspassara.
Sobre a tona das aguas voejando,
Ao brando camarão, tenues peixinhos,
Com meu bico fisgando, dava a morte,
E d'est'arte cumpria a lei da fome.
Ufanosa trireme auri-purpurea
Ovante deslisava o salso argento,
Qual um cysne deslisa á flor do Eurotas;
Cem braços lateraes remos moviam,
Debuxando grinaldas de alvas flores.
Cavalleiros gentis no convés firmes
Floreavam pendões pingues de sangue;

Em fileiras orlados os trombetas
Concertavam melodicos, unisonos
Hymnos, que os sistros, flautas redobravam,
E na dourada popa se elevava
Caligula, do imperio arbitro augusto.
Jamais ondas fendera náo tão bella!
Estava o céo tão puro e crystallino,
Que os receios da mente afugentava.
Fagueiro o vento as velas empolando,
Do baixel apressava a singradura.
Subito, no horisonte negra nuvem
Apparece e co'o vento se aproxima.
Cresce a mais o negrume; eis surge ao perto
Furibundo tufão, medonho, horrivel,
Lá donde a noite surge, ennegrecendo
Co'o tartareo princel a luz do dia.
Tremenda tempestade ás nuvens sóbe,
E a plumbea face mira no oceano,
Atro aspecto pintando na apparencia.
Co'as ferreas mãos premando a atmosphera,
As nuvens sobre a terra fera calca,
Acanha a Natureza, o mar affronta,

Que inflado de furor espuma e ronca.
Da barathra caverna cruza irosa
Tramontana infernal com sopro horrendo,
O mar ergue em columnas que ameaçam
Co'os brancos capiteis tocar ás nuvens,
E perdendo o equilibrio, que as levanta,
Tombar, quebrando a náo em mil pedaços.
Ronca o polo, ribomba no horisonte
Vagaroso trovão, fuzila ao longe;
Recurvo furação nocturnas vestes
Traja, e do sol extingue a claridade.
Tudo é noite e furor, tudo é desordem!
Crescem as ondas, montes se accumulam,
Jogam de lado a lado uns contra os outros;
Surgem mais altas as undosas serras,
E em vezuvios de espuma e de ardentia
Ao ar espirram, sibilando a morte!
Zune, assovia no maçame o vento;
De bombordo a estibordo arfa-se o lenho,
Sorvendo as ondas pelas fendas todas.
Ringem da náo as madeiraes costellas
Co'um gemido que as carnes horripila.

Alpendram-se as maretas
Sobre o pando convez; anhóta a nave
Entre rijos caxões saracoteia.
Vergam-se os mastros, tezam-se as cordagens,
Fraqueam das adernas ferreas unhas,
Estala o mastaréo, que a ré sustenta,
E lascado nas cordas se emmaranha!
Tolda-se a ordem; o pavor no peito
A uns lagrimas filtra, a outros dicta
A Neptuno e aos Penates holocaustos.
Só reina a confusão; perde o compasso
A phalange remeira ensarilhando
As vogas, qual se encruzam na peleja
Travadas lanças, onde luz a morte.
Sôa a trompa arrojada
Do palinuro audaz: arborea flamma
Se despenha das nuvens, cai de xofre
Sobre equoreo cylindro, que se enrola
Entre selvas de espuma, e no costado
Abalroa mugindo furibunda.
Treme a náo, estremecem as entranhas,
E as ondas no convez de novo saltam.

A esperança até-li esvoaçando
Luminosa nas mentes, se escurece
Em deliquio mortal temporisando.
Mas alfim outra vaga se levanta,
Frustra e trasfega o sestro augurio, dando
Ao navio o balanço, ao leme força.
Recolhe pouco a pouco as negras vestes
O oragão furioso;
O sol enfia um raio, o mar beijando,
E sobre a vaga azul ouro polvilha:
Fóge o medonho aspecto, e a Natureza
O senho desenruga; ri-se, e manda
Alegria, esperança ao nauta afflicto,
Que na praia ja toca salvo e ledo!
A turba alija a náo, e Caius Cesar
Aurea prancha conculca, e baixa á terra.

PANDATARIA.

Modesto columbario as cinzas guarda
De Agrippina e de Nero.
Filial gratidão, amor fraterno
Caligula fingia;

Co'as proprias mãos, em urnas de alabastro
As reliquias augustas deposita;
Lacrimoso se embarca,
E á pentagona Ostia dá de rota;
Pelo Tibre remonta, e as urnas guarda
No de Adriano tumulo soberbo.
Caligula sensivel, grato, humano,
Sobre uma acção tão pia emfim repousa,
Qual repousa a serpente juncto a estrada.

PONTIA.

Venerando Severo, justo e sancto
Com seu sangue christão lavou-me as pedras.
Jamais verei um dia tão sublime!
Sidereo peristylo, alcaçar de ouro,
Entre as nuvens se abrio, mostrando á terra
Celestes cherubins de luz envoltos.
Amplas alvas dos hombros lhes pendiam,
E nitidas estrellas nas madeixas
Em concerto perenne voltijavam
Em torno a um sol, que á fronte resplendia,

E a facha adamantina rematava!
Jamais ouvio a terra tal linguagem,
Jamais a terra ouvio tal melodia!
Floreavam na dextra verdes palmas,
E na sextra capelas ostentavam,
Que de aroma celeste o espaço enchiam;
Palmas do céo, do martyr, que a victoria
Com fé ganha, esperança e caridade.
Assim ao céo os Anjos conduziram
O filho do Pastor, que no Calvario
Co'um suspiro mudara a face á terra.

PANDATARIA:

Carnivoro festim, horrido brodio
Sobre a mesa infernal Nero aparelha.
Obolo criminoso engrossa a somma
Do mealheiro satanico.
Beijos devora nos sangrentos labios
De Nero a criminosa esposa, a horrivel
Poppea, feminil monstro nefando.
Iconoclasta plebe abate em Roma
Da nova esposa estatuas,

Em triumpho remonta ao Capitolio
Da incestuosa Octavia o vulto augusto,
Incesto, que forjara entre torturas
E a calumnia o esposo monstruoso,
Para em pasto folgar de orgias novas;
E firme repousava sobre o infame
Aniceto, milhafre que roubara
De Agrippina a existencia, á Octavia a honra.
Mas a historia co'a mão da alta verdade,
Já que a vida não póde, a honra outorga
Com solemne apotheose, e altares sacros,
Onde a posteridade humilde incensa
A virtude, o heroismo, o genio, o merito.
Crueis centuriões, duros algozes
Ligaram sobre um tronco os tenros membros
Da casta Octavia, membros que contavam
Quatro lustros, e outr'ora contendiam
Co'o marmore de Paros na brancura.
Volve a voz aos algozes,
Protestos balbucia de innocencia,
Entre a magoa e o pudor que alma lhe obumbra.
Surdos são, qual deserto ao viajante.

Anathema ao mortal em cuja estrella
O egoismo resplende e a vil baixeza!
Maldição sobre a fronte que impudente
No intresse mergulha os olhos e alma!
Anathema ao sicario e ao vil escravo!
Cede a rocha, o leão, quando agua ou lagrima
Sobre o flanco lhe embate, ou chóra a madre;
Recua o cimbro a Mario; mas á Octavia
Os barbaros ferozes não se adoçam.
Tigres cevados em neroneas jaulas
As veias abrem da infeliz esposa;
Mas o sangue não corre, só goteja,
Que todo o sangue em lagrimas vertera.
Para apressar-lhe a morte,
Em mephitico banho a mergulharam!
Tal, transmontando o sol, Octavia morre
Quando o rubro poente tinge os mares.
De Tiberio feroz e Domiciano,
Sepultei longas victimas em vida,
Sobre as aras dos odios immoladas.
Esta, que vês, caduca, carcomida,
Desamparada torre,

Qual remorso isolado ante a alma erguido,
Onde o mocho e o noto em triste accordo
Sinistras nenias pela noite exhalam,
E que em hora aziaga
Phosphoricos phantasmas a povovam,
O barb'ro repellio, ganhou victorias!
Degenerados netos dos Romanos
Ora habitam meu solo; indiff'rentes
Dormem na terra, se no mar não pescam.

UM PASTOR:

(cantando e tecendo uma corôa de rosas.)

Toca a hora; silencio! A hora sôa
Em que o globo inflammado,
Que o dia á terra mostra,
Do ethereo oceano ao fundo rola,
E das celestes vagas ja levanta
As gotas luminosas que borrifam
O vasto firmamento!
Salve, estrellante noite,
Que do berço da aurora resurgindo
De um manto adamantino te apavonas

Nas ceruleas campinas!
Vagai na immensidade, ardentes cirios,
Que só a immensidade ora me encanta.
Mesquinha á mente a terra me parece.
Mysticos sonhos, celica harmonia,
Adejai vossas azas,
Resoai no infinito;
Sombras de amor, passai, passai ligeiras,
Dançai, e repeti em muda lingua
O Nome que idolatro.

Como rapida a mente rola e paira
Sobre o mar do silencio!
Como brilha nas trevas
De insolito explendor o simulacro
Que da imaginação hardido surge
Em ideaes effluvios,
E magico voltija, vai-se, e volta!
Mãe da contemplação, da paz, oh noite!
Ah! quão ditoso sinto o movimento
Que o coração agita a par dos quadros
Que desenrola a mão de alma saudade!

Do porvir aureos paços me franqueas,
Que o cinzel da esperança, a phantasia
Com mystico arteficio adorna, e doura!
Doce esperança, espectro luminoso,
Coroado de estrellas caroaveis,
Tu no peito me escreves
O nome que idolatro.

Tua imagem só vejo em toda parte:
Do limpido regato a nivea espuma
Na corrente descreve em alvas lettras
Sobre um fundo de azul teu caro nome.
Doçoroso murmurio é o teu sorriso,
E o teu olhar um raio de ventura.
A flor que cede ao zephyro, e balança,
Retrata o teu donaire gracioso;
E o perfume que exhalam suas petalas
Teus dictos innocentes assimilha.
A saudosa elegia
Que entôa o rouxinol entre mil flores,
É o hymno de ternura da tua alma!

Tua image, anteposta á Natureza,
Divinisa, embalsama-me a existencia.
Do rio a crespa vaga que deslisa,
Minha doce esperança representa,
Correndo de hora em hora té que chegue
Ao mar delicioso, em que vogando
Solte as velas da vida, e feliz frua
De teus labios o halito de rosas;
E abraçado me entregues...
Cessai, sonhos de amor! vinde a meus labios
Em suspiros morrer mysteriosos.
Fere, lyra amorosa,
Entôa co'o meu canto em puro accordo
O nome que idolatro.

Invoquei, minha bella, a eternidade;
Entre os Anjos pairar almejo agora.
Meu amor ja desdenha a terra nossa;
Só posso refrescar a calma intensa
Entre os lucidos astros,
Effluvios, que levanta do universo
A eviterna torrente.

A noite eu invoquei, para nas trevas
Do silencio occultar as divas scenas,
Que vehemente paixão me volve n'alma.
Amor eu invoquei, sylphos sidereos,
Diaphanas visões, que em ronda aérea
Me envolvem de almos sonhos.
Invoquei-te, esperança, e a ti me volvo,
Ente mysterioso, já que longe.....
Mas que digo?! jamais longe não podes
Viver do teu amante.
Mais proxima que a luz e ar que respiro,
Eu te guardo no adyto de minha alma!
Invoco ora saudoso
O Anjo consolador, Anjo do vate,
Que desdobra em minha alma as azas igneas
Para escrever no céo entre as estrellas
O nome que idolatro.

Passa, e repassa, pisa as frias cinzas
Do romano explendor, mortal ditoso,
Que em teu amor só pensas.

Penetra essas abobadas que encerram
Em fusão indistincta, lei da morte,
A virtude e a infamia,
A traição e o heroismo.
Ah! não volvas atrás o pensamento
Sobre as scenas que traça a eterna historia
Do horroroso passado!
Gratos hymnos concerta, tece a c'roa
Para a fronte esmaltar da tua bella,
E deixa a humanidade nas tormentas
De guerras, de paixões e de egoismo.

O AMPHITHEATRO:

Tripos, curues cadeiras mais não ornam
Meu circulo marmoreo; nem tão pouco
No meu ermo precinto
Em vaidosa attitude morre o escravo
Aos applausos da plebe e dos patricios.
Odorosas florinhas espalhadas
Sobre o manto de relva que me cobre

Apenas me dão vida, e o chopo esguio
De globiferas parras adornados
Que o meu ambito traça e me deforma.
Como Roma caí; hoje só sinto
O sopro algente de eversoras eras
Que me abate, e me esbroa, destruindo
Meu antigo explendor, minha grandeza,
Hoje jazida de traidoras serpes.

PITHECUSA:

De caduco vulcão o fogo interno
Primavera continua me conserva.
Mirrada enfermidade
Minhas aguas intensas desvanecem.
Gregas nymphas, dançando em torno aos sistros,
Tecem delicias, mil paineis offrecem
Ao peregrino artista que as contempla.
Pyramide das ondas, eu conservo
Do cinzel da Natura mil ornatos.
Outr'ora pranteei de um casto genio
O amor mais que humano;
Mas ora a taça fruo dos prazeres.

PROCHYTA:

Eu vi nuvens de dardos se encruzarem,
Muralhas de elmos, lanças, gladios, settas,
Obumbrarem do sol a magestade;
Cachões de sangue revolvendo as ondas
Arrojarem-me ás praias
Navaes biscatos, rostros de biremes.
Menecrates, Calvisius manobrando,
Contemplei abordadas, habeis luctas,
Esporões estalados,
Bordas, remos em tiras,
E victimas sem conta
Sobre aras vingativas immoladas!
Menas traidor, vencendo a Menecrates,
Que em despeito nas ondas se sepulta;
Tal expira o orgulhoso por vindicta.
Batendo as azas, corvos applaudiram
O banquete que a guerra lhes deixava,
Investiram os corpos
Espicaçando os membros

Dos bravos mareantes, que na areia
O arcabouço encalhavam, quaes cavernas
De gallera, que em syrthes acha a morte.

CAPREA:

Passatempo innocente Augusto dera
Em meus sitios á hellenea, joven turba,
Antes de em Nola conculcal-o a morte.
O sanhudo Tiberio, ermo da côrte,
Insultando a Natura,
Á devassa existencia aqui deo azos,
Até que o inferno recolheo seus crimes.
Na cerulea caverna inda rebôa
Luctuosa canção, pranto de crimes,
Que a vaga volve em vortices continuos.

Quantos voejam pelos ares Genios,
As azas tremulando,
Vem-me ás fibras da mente, harpa d'esta alma,
Os sons emmaranhar de estranho accento!
Das fendidas arcadas, das ruinas
Ergue a flor um suspiro, um ai a campa;

Suspiro modulado em triste nota,
Que da terra se eleva aos céos, e foge
Como a vida fugira d'estas ruinas.
Que mixta ossada concatena os tempos!
A pedra esconsa do Pelasgio errante,
O arco inteiro da sombria Etruria,
O fastigio do Grego, e o alto zimborio
Do Romano, aqui estão fallando aos evos!
Aqui estão, como o lar do beduino
No deserto, marcando os varios passos
Da triste humanidade. Em meus ouvidos
Já não sôa a lingoagem d'estas pedras:
Uma nova harmonia hoje se escuta
N'este assento e sepulchro de outros homens.
Vicissitudes, astros transitorios,
Cometas, que incendiam quanto encontram,
Eviternos na elypse do universo,
Onde continuos gyram
As trevas e a luz, o riso e o pranto;
Sois chaos da barbaria,
Creação do explendor,... vida do mundo.

O VESUVIO (ao longe):

De sulphureo vapor arborea nuvem,
Coroada de raios,
Obumbrei as estrellas,
O sol escureci; tremeo a terra;
Vomitei minha colera inflammada,
Jorrando grossa lava, e cinza ardente.
O deserto mandei cobrir os lectos
De Hercolano, Pompei, Resina e Stabia
Gregas cidades, onde o vicio impune
Libidinosa taça tinha aos labios!
Os jazigos abri, tirei os mortos,
E os vivos enterrei nas sepulturas.
Escavai, homens de hoje, essas planices,
Descobri as reliquias
Que á historia conservei, té que de novo
Vossos crimes do somno me dispertem,
E um diluvio de fogo lance em furia,
E Napoles calcine n'um só dia.

UMA VOZ (ao longe)

Meus Penates quebrei; co'a nova crença,
Minha fé me sustenta. Oh Januario,
Estende a mão sagrada, impede as iras
D'esse abutre de fogo, que nos ares
Devastadoras azas desenvolve,
E nas prezas ardentes some, esmaga
Oppulentas cidades!

OUTRA VOZ

O prescripto, ha de ser: é lei eterna.

TODOS:

Morte, destruição, silencio, chaos!
Só Deus é sempiterno, forte, e justo.

EPILOGO

Na ampulheta dos evos, cada bago
Um evento clausura. Mão celeste
N'ella encerra sapiente mil constrastes,

Que da urna perenne do destino
Descolloca incessante.
Dos evos a ampulheta indefinita
Sobre estas ruinas sacras
Da desditosa Cumas
Milhares de estações tem derramado:
Primaveras de amor, de alma esperança;
Estios creadores de grandezas;
Outonos de abundancia, precursores
Do inverno e de ruinas!
Dize, oh soberba Cumas,
Que vento te soprou, varreo-te o esmalte?
D'onde veio o diluvio que esbroou-te?
Que ferro, ou que brandão lançou-te a morte?

Subito, d'entre as ruinas e dos arbustos
Um vapor se levanta, e um borborinho,
Qual de incendio que a chuva irrita e augmenta,
Ou de muro que estalla, treme e fende.
A terra se abre, fumo desenrola,
E uma flamma se eleva, brilha, e esvai-se!

D'entre as frestas se eleva lento e lento
Um feretro funereo;
Mil luzes o rodeiam vagueando,
Ora azues, ora flavas, ora roxas;
Na delirante marcha se emmaranham,
E como larvas do sepulchro erguidas
Com gemidos e ais enchem o espaço,
O feretro se alarga, avulta, empola,
E arrebenta no ar; medonho estrondo
Todo o espaço vibrou, repercutindo
Entre nuvens de enxofre!
Tres phantasmas descobre, hirtos, e firmes,
Envolvidos em mantos luctuosos,
Qual em Roma, no Foro, inda se ostentam
Da Grecostasis ermas
Tres columnas corinthias!
Nas medulas me coa um pavor frigido!
Mas a voz da coragem surge d'alma.
Os braços se despegam, levantando
As amplas togas de funesto aspecto
Do primeiro retalha-se a roupagem;
Grupo horrivel se antolha!

Vibrando ardente gladio,
Que menos scintillava que seus olhos
De infernal labareda alimentados.
Conculcava um mortal cheio de augustias,
De fadiga curvado, ardendo em sede,
Envolvido n'um manto auri-purpureo,
Moribundos arrancos exhalando:
„Ou bronze derretido, ou carambina
„A meus labios encosta; tenho sede.“
Assim bradava; e o lictor de prompto
Sobre a coma lhe applica a mão sinistra,
E o suspende no ar; co'o fatal ferro
Lhe decepa a cabeça; jorra o sangue
Da cerviz em cordões, átro e corrupto.
A cabeça suspensa tiritando,
Os olhos revolvendo, a boca, e a fronte
Do remorso a expressão horridos pintam!
No concavo de um craneo apara o sangue,
O Demonio, e outra vez pondo a cabeça,
Sobre o tronco a cabeça cola e sara:
E aos labios encostando-lhe a ossea taça,
Bradou com rouca voz: „Bebe o teu sangue,

„Já que os homens assaz nunca to deram
„No patibulo, guerras, e torturas
„Para bem saciar os teus furores!“
Reluctando o tyranno, pouco a pouco
Na terra se aprofunda e disparece
Entre lettras de fogo, que diziam:
— Despotismo dos grandes.

Do segundo phantasma cai a fronte,
E em cepo sanguinario e n'um cutello
Sobre o chão se transforma.
Abre-se a meio, forca representa,
E ferreos espigões surgem dos dedos,
Que levantam cabeças juguladas
De moços, virgens, velhos, e meninos;
E ao redor Anjos mil ledos voltijam
Do martyrio entoando
O epinicio do céo, a gloria eterna.
Ao longe, caso estranho!
Abre-se a terra, e um clarão se espande,
Qual volcão que rebenta um mar de flammas;

Aurea cupula, de astros marchetada,
Se levanta brilhante, suspendendo
Coruscantes columnas que a rodeam;
Em renques aureas tripodes circulam
Um solio adamantino,
Que no centro se eleva. Sobre mesas
Coroas, sceptros, mitras, e grancruzes
Em profusão se viam, offuscando
A multidão curvada que apinhôa
Os degráos d'esse templo das Grandezas,
Sem ver que o alicerce que o sustenta
É de sangue coalhado.
O templo foi subindo, alta montanha
Após elle surgío, rasgando a terra.
Formigueiro de humanos a encobria,
E á porfia, açodados,
Almejavam subir ao cume excelso.
Mas uns de rojo aos outros se impediam,
Qual em putrido charco se revolvem
E se investem premados vis insectos.
Um rapido rumor percorre a turba,
Que estatica dardeja á base os olhos

Sobre um novo varão, que se apresenta
De corajosa audacia, reluctando.
Seu olho lampejava á turba insana,
Que suspensa o mirava; volve os passos
Vai á estatua da Intriga, e se prosterna.
Cai da estatua a trombeta da fallacia,
Envolvida no fio de Ariadna.
Lá se ergue enriquecido, e muda o passo
Para o lado em que enxerga a Hypocrisia;
Beija-lhe o pedestal, e de repente
Novo Jano se mostra; muda a cara;
Pela frente é cordeiro, em retro é lobo.
Mede o monte e o templo, ensaia os membros
Contra essa multidão emmaranhada,
E á montanha se arroja.
Dos braços, pernas, mãos, espadas surgem,
Cada poro lhe brota uma baioneta,
Té nas plantas dos pés punhaes pullulam!
Co'a morte em torno vai abrindo estrada;
E cadaveres rolam sotopostos,
Quaes serpentes que em lucta se desabam
De alcantilada rocha sobre as aguas,

E enroscadas se ferem, se devoram.
Já supino o varão galga a montanha,
Os degráos ja franqueia; sóbe ao throno,
Toma a corôa e o sceptro, toma a purpura,
(Suas vestes de sangue a cor ja tinham,)
Seu olho era um canhão, a voz mitralha,
E seu verbo uma lei, sem mais appello!
Do throno sobre a turba a vista espraia,
E o hymno da victoria ufano entôa.
Eis que o ar se escurece, a terra treme,
E a montanha se abala; cai o templo,
Esmagando-o de um trago; jorra o sangue,
E na terra desenha em vivas lettras
Esta vera inscripção, baldado exemplo:
Ambição dos humanos!

O terceiro phantasma immovel fica.
Em torno mil cidades amplas surgem,
Cupulas, parques, templos, paços, thermas,
Artes, industria, paz, concordia, tudo
Em perenne harmonia florescendo.

Firme, oppulento, um semideos parece
Senhoreando azares!
Sem motivo apparente, pouco a pouco
Começa a entristecer-se;
Do senho entumecido empolas surgem
De bilis inflammada que rebentam,
Homens vivos e armados vomitando;
De aspecto furial, insanos todos,
Mal se avistam, se lançam
Em barbara peleja: o pai ao filho,
O irmão ao irmão, o amigo ao seu amigo!
Taes, armados de archotes
Impios lançam o incendio nas cidades;
Outros, o cadafalço manejando
Dão a morte a innocentes, immolados
Á calumnia e á suspeita.
Alça o pé o phantasma, rompe a marcha,
E a terra em cada passo abre uma cova.
Com as pontas da toga vai varrendo
Cidades, frotas, campos, e officinas,
Que rolam a seus pés e se submergem
Nos sepulchros que cava em sua marcha;

E o deserto colloca onde inda ha pouco
Emporios floresciam!
Sumio-se. Negra nuvem, vento intenso
Varrêo n'um turbilhão scena tão fera!
Um Anjo apparecêo, Anjo terrivel,
De espada fulminante, aspecto grave,
E esta voz lhe surgio do forte peito:

ANJO:

Mortaes, eis vossa obra — A Civil Guerra!

TODOS:

Morte, destruição, silencio, ruinas!
Só Deos é sempiterno, forte e justo.

Napoles, 1835.

O POUSO.

A scena é no valle ronteiro á habitação do Marquez de S. João Marcos, juncto a estrada dos Botaes, na margem do rio de Sancta Anna.

O TROPEIRO:

Na serra dos Botaes o sol já dorme;
Descancemos, amigos!
Á trípode silvestre pendurada,
A marmita fumegue.
Conduze a tropa ao verdejante pasto;
As forças refocile,
Que a jornada amanhã será mais longa.
Iremos á Pavuna.

Sus, Fabricio, depressa juncto ao rio
O ambulante aposento
Precautos levantemos n'esta gleba.
O vento humido sopra;
A noite de bulcões estende o manto,
E envolve as serranias.
Não ouves na floresta o cavo estrondo
Do trovão, que alêm sôa,
E como sobre os pantanos morbosos
Fuzila o vagalume?
Má noite nos espera! — Mas que importa?
A eminente borrasca
Seguros aguardemos. Dá-me, amigo,
A viola, que eu gosto
De mesclar minha voz á voz dos ventos.
São duas tempestades:
Sóbe a minha do peito á boca em hymnos,
E a outra se desaba
Pela voz do trovão. Cantemos junctos.

Saudades pungentes eu quero cantar,
Cantar meus amores ao som do trovão;
Co'o pranto do céo a voz afinar,
E unir meus queixumes ao rijo aquilão.

Agora que eu ouço cantar o urutáo
Seu canto funéreo no tronco fronteiro,
Eu quero, ó Fabricio, como o bacuráo,
Soltar sobre a terra a voz do tropeiro.

Limpido rio que desces
Por essas serras altivas,
Murmurando entre espessuras
As tuas aguas esquivas;

Retrocede, os montes sóbe,
E vai sonoro outra vez
Do Paty nas altas serras
Recordar á minha Ignez:

Que vou sempre noite e dia
Por seus olhos suspirando,
E que ao som da melodia
Nosso amor vou avivando.

Vento, que rijo assobias
Com teu halito friento,
Leva á Ignez os meus suspiros,
Dize á Ignez o meu tormento

Ao roçar pelo sapé
Do seu rancho venturoso,
Dize-lhe, ó vento, que eu canto
N'um som gemente e saudoso.

Nuvem cinzenta, que cobres
Aos meus olhos as estrellas,
Ah! não encubras a lua
Que prateia as faces bellas

Da minha amada querida,
Da virgem que eu amo e adoro,
D'aquella que é minha vida,
E por quem tão longe chóro.

A terra tão bella, ao sol tão formosa,
Deserta parece; a terra é agora
Um antro medonho, que a noite engrandece,
E que minhas penas augmenta nest'hora.

Ditoso o que frue no rancho paterno
Os dias tranquillos, e juncto da esposa,
Da deosa que o enche de ternos amores,
A vida perfuma em labios de rosa.

Saudades, receios, cruentos pezares,
Não acham asilo na doce morada
Do par carinhoso que juncto da prole
Seus dias deslisa em paz fotunada.

Bate a chuva, Fabricio! o vento geme
Nos esteios do rancho vacillante.
Da parca refeição gozemos ambos;
E tu, amigo, canta ao som da viola
Essas coplas saudosas, que minha alma
Leda conduz á juventude amavel.
Mas quem bate, e nos falla?.. É voz estranha!

O BOIADEIRO.

Comvosco seja a Virgem do Rozario,
Aquella que em minha alma trago sempre,

E que adoro nas varzeas da Campanha.
Dai-me fogo, vos peço, que a tormenta
O meu fogo apagou: gela-me o frio.

O TROPEIRO.

Quem és tu, que me fallas da Campanha.
Da Virgem do Rozario?! Entra, amigo,
Que a pobreza e a patria nos irmanam.
Na curva guampa beberás comnosco
Da loura cana a cordial essencia,
E no prato que vês, e que fumega,
A fome matarás; isqueiro e fumo
Nos alforges abundam; que mais queres?

O BOIADEIRO.

Bemdita seja a Virgem do Rozario,
Que me estende os teus braços generosos.

O TROPEIRO.

Oh céos! É Sigismundo, o meu Colasso?

O BOIADEIRO.

Bernardino?

O TROPEIRO.

Sou eu, irmão querido.
Oh! que encontro feliz, e inesperado:
Não te posso abraçar, veda-me o tecto,
Mas aperta esta mão do teu amigo.

O BOIADEIRO.

A flôr da caneleira sete vezes
No bosque recendêo; o ingá nectareo
Os niveos favos debruçou na estrada,
Opiparo festim ás aves dando,
E ao calido e poento boiadeiro.
Sete vezes no campo renasceram
Essas flores sem nome, que as princezas
Presariam no seio, sem que eu tenha
De ti novas havido. Que saudades
Em meu peito se abriam quando á lua
Na estiva noite a somnolenta rede
Ao tronco atava da figueira annosa,
E só, como um rochedo despenhado
Do alto do Tinguá, alli me achava

Repensando o passado, em ti scismando,
E as horas que já foram, ressurgiam
No almo gremio da vital memoria.

Onde era a tua voz, irmão querido,
Que em gêmeo canto, em solitaria noite,
Na doce infancia, no concento harmonico,
Elevava minha alma? Fugitiva
A noite se encurtava, té que a fresca
D'alva serena nos beijasse a fronte,
E nos olhos co'a nevoa matutina
O mundo nos cobrisse. Oh! bellos dias
De virgineo pensar, em que dos labios
Nem o fogo do amor, nem seus queixumes
Lhe tisnavam a flôr com vãos suspiros.
Hoje que ao mento a lidadora barba
Veio o viço espanar da juventude,
E ao trabalho chamar-me, outros pensares.
Outro mundo já piso, que seria
Um ermo ingrato, um fatigante exilio,
Se amor me não viesse carinhoso
Outra vez remoçar, abrir a infancia

D'esta vida que sinto, que amo, e adoro,
Que me punge com dôr, mas dôr que eu amo,
E me alenta na estrada a vida acerba.

O TROPEIRO.

Tu amas, Sigismundo?

O BOIADEIRO.

Ah! meu Colasso,
Com que amor, que no mundo me desterra
Se ausente d'ella vou trilhar um passo.
É um espinho que dóe quando penetra,
Que fere como o dente da serpente,
Mas que o seio repassa de delicias.
Amor é inquietação que não se acalma,
Um continuo soffrer entre sorrisos,
Um punhal que me fere, e que eu sustenho;
É throno e cadafalço, leito odoro
De rosas e de espinhos; o perpetuo
Altar onde se immolla a propria victima
Que se adora, e deseja eternisar-se.

O TROPEIRO.

Não prosigas, amigo! essas palavras
São raios que me ferem, que em meu peito
A flamma ateiam de um incendio horrivel.
Voltemos o pensar aos patrios lares,
Mutuas delicias recordemos hoje.
Remocemos agora sobre as azas
Da innocente memoria: eis o banquete
Que o amigo te offerta; é pobre e curto,
Frugal como o tropeiro, e igual sómente
Nos desejos a um rei. No mesmo prato,
Como outr'ora na infancia, na Campanha,
Reunam nossas mãos as nossas almas
Em conjuncto feliz: recorda agora
Co'o teu primeiro amigo os dias de ouro,
E as noites deleitosas quando á lua,
Nossa avó nos contava antigos casos,
E ás lendas encantadas misturava
As guerras da conquista, o sangue, os crimes,
Que o ávido emboaba praticára.

O BOIADEIRO.

Tudo já se acabou, tudo é tristeza;
E a imagem d'essas eras tão risonhas
Que em nossa alma revive, para sempre
N'um dia ha de acabar. Na bella vargem
A informe capoeira alarga os ramos;
O veado passeia onde era a horta,
As cotias se entocam nas ruinas
Do forno da olaria: as pacas crescem
Nas taperas, que outr'ora foram messes;
Morto o nosso perreiro, os cães fugiram,
E o fogo devorou a nossa casa.

O TROPEIRO.

Basta, basta, não mais; cobre a meus olhos
Esse triste painel que chama o pranto.
Agora, n'este leito transitorio
A noite passaremos, té que o gallo
No páteo do Marquez disperte a aurora,
E o seu canto nos mande alçar da cama,
Os lotes alinhar, vingar a serra;

E um adeos, um abraço, e uma lagrima
Nos estreitem, nos unam, nos separem,
Té que o céo outra vez queira junctar-nos.

O BOIADEIRO.

O somno me deixou; dormir não posso.
Quero ouvir a bosina do crepusculo
Dispertar na sanzala o afro escravo,
Que a terra doura ao fazendeiro activo.
A tormenta declina; a madrugada
Fresca e bella será; o gaturamo
Com seus meigos trinados sobre os troncos
O scenario do dia ha de contente
Abrir, e recamar estes lugares
De festivas canções. Vale esta noite
Sete annos de vida.

O TROPEIRO.

Bebe um pouco,
Completa a refeição: café teremos,
E um amavel charuto, o companheiro
Da tacita vigilia.

O BOIADEIRO.

Ahi não bebo!
Jurei á minha amada, em quanto vivo,
Em quanto seu não fôr, perante a Virgem
Do Rozario, que em vaso estranho os labios
Jamais eu tocaria. A mão mimosa
Esta cuia adornou, colhida da arvore
Que ella mesma plantára, de saudades
Formosa tarja lhe bordou na orla,
E aqui, n'um coração farpado, Angelia
Gravou seu lindo nome; unio-lhe a fonte,
O ipé frondoso, e as sonoras palmas
Do irriçado tucum, que symbolizam
O mutuo affecto que jurado havemos.
Eis um lenço, inda mais, que ella bordára
Com arte peregrina, destinado
A meus labios limpar, seccar-me a fronte,
Sem que eu possa laval-o, assim mo ordena,
Té que volte a seus lares venturoso.

O TROPEIRO.

Afina-me a viola, ó meu Fabricio!
Sinto o estro pungir-me; cantar quero
Á minha bella coplas que hei sonhado
Á sombra olente da ramagem grata
Da roxa grumixama, que o meu rancho
Bemfazeja ennobrece. Escuta, amigo,
Escuta, Sigismundo, estes reflexos
De um amor que nos labios se enfraquece
Quando aspira animar-se em melodias.

Como a rola gemebunda,
Desgarrada na espessura,
Na estrada de noite e dia
Chóro a minha desventura.

Ao crebro som do sincerro,
Que o meu lote vai guiando,
Pela estrada taciturno
Vou gemendo e suspirando.

Vou gemendo e suspirando
De saudade e de afflicção;
Que a dôr para mim é vida,
E o penar consolação.

Ás flôres que vou colhendo,
Aos rios que vou passando,
Ás aves que vou ouvindo,
Meu amor lhes vão narrando.

De vez em quando meus olhos
Pelo céo passeio errantes;
Que a côr do céo é relogio;
Marca as horas aos amantes.

Vou lendo sempre nos astros
A vida da minha amada,
Seus cuidados, seus descanços,
Té que venha a madrugada.

Té que venha a madrugada
Os seus paineis repetir;
Té que o dia desfaleça,
Té que eu comece a dormir.

Téque volte, e encurte as horas
Que tão longas hei passado;
Té que em seus olhos me espelhe,
E me sinta endeosado.

Como a rola gemebunda
Desgarrada na espessura,
Assim vivo, ó Sigismundo,
N'esta minha desventura.

Chega a linda primavera,
Tudo na terra é mudança;
Só não chega, só não brilha
O meu dia de esperança.

Longas estradas hei feito,
Incansavel, com ardor,
Mas oh! como é longa a estrada
Do pouso do meu amor!

É qual lume de coivara,
Que parece perto estar,
Mas que illude, e que é preciso
Muitas legoas caminhar.

É como a ferrea araponga
No alto do tronco annoso,
Que o tiro baldando foge
Ao caçador afanoso.

É como do céo o termo
Que da montanha se encherga,
E que ao vingar outro monte
Parece que foge, e verga.

Eu sou ave gemebunda,
Desgarrada na espessura,
Não tenho esposa, nem ninho,
Não tenho ainda ventura.

Não posso mais; estala-me no peito
O coração. Cantemos ora juntos
As coplas aprendidas n'outra quadra,
N'esses dias da infancia: outros amores
Se despertem no peito, e reavivem
Sagradas horas, quando ao gremio unidos
De nossa mãe commum hemos gozado.
Tempéra as cordas que afrouxou meu pranto:

Figuremos o rancho, e a mão rugosa,
A espalmada figueira, o curto aprisco,
E o prado ameno que medio teus passos,
E os meus passos na infancia. Alli, sentados,
Cantemos a Mãe do Ouro, ou de Anhanguera
Nos incultos sertões a prompta argucia.

BOIADEIRO.

Para que recordar essas venturas
Que o tempo consumio, que o mesmo tempo
Já reavivar não póde? Vêr taes scenas,
É banhal-as de pranto, é deslustral-as
Do viço juvenil, da virgindade
De seu bello existir, tão bello e sancto.
Almejo sepultal-as no silencio;
Desejo clausural-as no meu peito
Como um grave segredo, e resurgil-as
Em horas aziagas, quando esta alma
Abatida, offegante, ao céo implore
Um doce linitivo a seus penares;
Um broquel para os golpes d'este mundo,

Que de instantes a instantes põe azares
Ante os passos da vida. Tu cantaste
Teus amores, amigo; deixa agora
Que o triste Sigismundo tambem possa
Sobre as azas da terna melodia
Soltar sua alma em amoroso enleio.

Ingrato inda não fui ao meu passado,
Nem tão pouco á memoria veneranda
De nossa velha mãe, nem do Prelado
Bemfazejo, que as letras conduzio-nos,
Sem pensar, sancto homem, que avultava
Nossas penas no estado da pobreza,
Da misera orfandade em que jazemos.

TROPEIRO.

Mas uma gota, amigo, e desprezemos
Vaidosos sonhos, que da lei da morte
Não livra os reis e os ávidos tyrannos.
Somos pobres de ouro, mas tão ricos
Como as aves e Creso: livres somos

No temporario transito; que terra
Sobeja temos para o pouso eterno,
Para o leito da morte, sem que a gana
Da avareza nos faça amar a vida
Atada a um poste de ouro e de cuidados.
Como as aves do céo livres nascemos,
E como ellas erramos....

BOIADEIRO.

Deslembrados
Da escopeta e da flecha, ou da fumaça
Do lume da fogueira?! Não, amigo!
Na mente esclarecida o pranto é duplo,
Maior a tempestade, os ais profundos!
Nem sempre o céo é justo,

TROPEIRO.

Ah! não maldigas
Os decretos de Deos: livres nascemos
Mais que o rico, surrão de prata e ouro.
Na mente e peito mil thesouros temos:
É victoria o soffrer inabalavel.

Bemdita seja a hora em que o Prelado
Gonsaga nos mostrou, ou que Lindoia
Entreabrio-nos na tella magestosa,
Que o Gama excelso debuchara ao vivo.
No catre de Camões e de Pacheco
Tambem se deitam Reis: isto consola.
Para o homem que aspira, nunca é tarde.
Quantos tropeiros em salões dourados
Vemos hoje dormir, e ser bem quistos
De orgulhosos barões?

BOIADEIRO.

Basta: fechemos
Esse livro que encerra azar e sorte.
Cantemos, que o cantar espalha as sombras
Do nublado porvir, e a paz concede.

TROPEIRO.

Pois canta, Sigismundo, os teus amores:
De teu peito os gemidos sonorosos
Quero, amigo, escutar. Toma a viola.

BOIADEIRO.

Eu não tenho um corcel prateado,
Nem um pagem que as redeas lhe tome;
Boiadeiro pedestre e coitado,
Rude chão os meus passos consome.
O céo é minha tenda,
O chão meu pavimento,
Um seixo meu assento,
E o espaço o meu solar.
Sou rei, não tenho servos,
Nem naves, nem armada;
Por sceptro esta aguilhada,
Por throno o meu amor.

Quando o vento me solta as madeixas,
E o trovão o meu gado dispersa,
Lédo eu canto de amor mil endeixas,
Affrontando a Natura adversa.
Á minha voz o gado
Se aúna e tranquillisa,

E a noite se deslisa
N'um placido sismar;
No meio da tormenta
Que o céo todo enegrece,
Formoso resplandece
O meu constante amor.

TROPEIRO.

Perdôa interromper-te. Alça a cortina,
Prestimoso Fabricio. Clara a noite
Se tornou, e tranquilla! Um céo sereno
Nos debucha a Natura entre seus véos.
A lua estanha o rio, que murmura
De encontro aos lenhos da arruinada ponte.
Volta a asperença co'o surgir da lua.
Saúda, amigo, esse astro bemfazejo
Com alguma canção que nos alegre.

BOIADEIRO.

Eu gosto de chorar; gemer eu quero
Ao pallido clarão da lua occidua,
Que ora fere as arestas dos penhascos,

Como um cirio funereo sobre a campa
Do sol, que hontem ouvira os meus queixumes.
N'um dia, dia aziago, de meus labios
Este canto sahio: foram saudades,
Foi um véo de tristeza e de amargura,
Um celicio que o peito lacerava,
E nos labios verteo estas endeixas.

Captiva minha alma n'um carcer profundo,
Em triste orfandade, só sabe chorar.
Qual penna de fumo, que o céo vai tocar,
Fugindo do mundo,
Assim meus gemidos da terra fugindo
Da terra que odeio, ao céo vão subindo.
Eu quero gemer,
Soltar minha dôr;
Mitiga o soffrer
O pranto de amor.

Sem ella, sem ella, sem sua alliança
No abysmo da morte meus sonhos sepulto;
O mundo que dóe-me, o mundo que occulto,

A minha esperança,
Os votos sagrados, as meigas visões,
Escondo nos antros de escuras prisões.
Eu quero gemer,
Soltar minha dor;
Mitiga o soffrer
O pranto de amor.

Qual chumbo coalhado, as azas da mente
Eu sinto pesar-me... No meu triste ser
O frio da morte já sinto correr;
E como a serpente
Bravando em meu peito seu tredo punhal,
Nas veias m'infiltra veneno mortal.
Eu quero gemer,
Soltar minha dor;
Mitiga o soffrer
O pranto de amor.

Adeos, minha bella, adeos, meu tormento,
Por quem sobre a terra assaz suspireí,
Por quem só vivi, por quem só sonhei;

Chegou o momento,
Momento terrivel de tudo deixar,
Não ver mais teus olhos, meus olhos fechar.
Eu quero morrer,
Soltar minha dor;
Mitiga o soffrer
O pranto de amor.

TROPEIRO.

Não pares, Sigismundo! que os teus labios
São pura melodia: um fogo estranho
A mente te incendeia, e se derrama
Em magica harmonia: as tuas dôres
Ora são minha dôr; atada ao canto,
Que fluiste, minha alma captivada
Com suspiros as notas compassou-te.

TROPEIRO.

Desgraçado passarinho,
Deixo o ninho
No verdor da mocidade

Minha idade
Caducou, sem velho ser:
Vou morrer.

Passarinho peregrino,
O meu hymno
Como o cysne moribundo,
Pelo mundo
Vai pennoso discorrer:
Vou morrer.

Como a brisa, que cheirosa,
Amorosa,
Pelos valles vai perdida,
Minha vida
Foi na terra; e sem querer
Vou morrer.

Como o rio que murmura
Na espessura,
Incansavel noite e dia,

Sem ter guia,
E no mar vai-se esconder,
Vou morrer.

Como a paina que volante
Vai errante
Perdendo a sua brancura
Na espessura,
Até por terra jazer;
Vou morrer.

Sem saber do meu destino,
Peregrino,
Vou morrer de ti ausente
De repente.
Como foi o meu river,
Vou morrer.

O azul do céo, e o teu rosto
E o composto
Do teu vulto divinal,

Sem igual,
Nunca mais os hei de ver...
Vou morrer.

O TROPEIRO.

Bravo, amigo, brilhaste! Mas escuta
No páteo do Marquez sôa a bosina
Na mão calosa do feitor adusto;
É hora da partida, e n'este ensejo,
Que talvez não renove o fado austero,
Uma copla da infancia não cantamos?

BOIADEIRO.

Sim, cantemos, irmão, por despedida
A Montanha encantada, a Pedra negra,
A Mãe d'Ouro, talvez, circumvoando
De monte em monte, qual perdida estrella,
Nas rochas encravando com mysterio
Seu luzente metal? ou d'Anhanguera
O pavor do gentio?

TROPEIRO.

Sim, desejo
A lenda de Anhanguera; amo os combates,
As crenças do gentio, a voz do piaga
Nos incultos sertões. Dá-me a viola,
E tu, como na infancia, o canto avulta
No delgado machete. Comecemos:

OS DOUS.

Sóbe o fumo, nos ares discreve
Um phantasma terrivel, medonho!
Não é medo cobarde, nem sonho,
Oh guerreiros da tribu Pury.
Eu vi, eu vi, eu vi
Por entre o nevoeiro,
Cantar ledo o sacy
Piar mocho agoureiro;
Sem flecha retorcer-se
Na terra o sabiá,
E n'esta mão fender-se
Calado o maracá.

Como uma anta, a quem pica a mutuca,
Anhanguera nos ares passeia,
As florestas e o rio incendeia,
É seu braço peior que o trovão.
Seu pé geme no chão,
Nas grotas vai troando
Ingente furacão,
Os troncos arrancando;
No monte as rochas fende,
O rio faz voltar,
Seu bafo ao céo se estende
E tólda todo o ar.

Nossas flexas se embotam contra elle;
Nenhum homem, nem fera o abala;
Verga os dardos que o braço lhe impelle,
E em seu peito o pelouro resvala.
Quando elle canta, ou falla,
Da bocca lança fogo;
Á sua voz se cala
A serpe e o tigre logo,
E como juritís

Mansinhas, sem tardar,
As suas plantas vis
Apressam-se a beijar.

Põe nos ventos a rede em que dorme
O emboaba que o mar expellio;
Todo o ouro da terra engolio
Esse monstro cruel e desforme.
Eu vi-lhe a fronte enorme
No céo nuvens rasgando,
E abrir a bocca informe
E os raios devorando.
Fujamos da espessura,
Que a terra elle devassa,
E cava, onde elle passa,
Aos homens sepultura.

TROPEIRO.

Minha alma remoçou, ah! n'ella abriste
Um cofre de delicias: reverdece
O fogo juvenil, sinto a innocencia

Bafejar-me a fragrancia de outras eras:
No gremio da saudade hei renascido
Neste dia feliz.

BOIADEIRO.

Da-me um abraço,
Que inda aqui me demoro: um servo acena
Da porta do Marquez. Vamos, minha alma,
Vêr um grande da terra, e lá submisso
Vergar a fronte ante os tufões do orgulho:
A esteira em que nasci não desconheço,
Mas não posso curvar-me ante esses grandes
Que desprezam as pobres creaturas.

TROPEIRO.

Ah! vai, que encontrarás o homem nobre;
Sim, vai, que encontrarás o homem grande,
Que á modestia e candura enlaça o brio
Avito que o exorna: alli descançam
Dous sec'los de nobreza, e o não devora
Vergonhoso passado. Ante um Rei luso
Seus avós se sentaram, quando outr'ora

A esmeralda brasilia, e ouro em copia
Dos sertões perlustrados lhe off'receram.
De taes homens o pobre não receia,
Antes lucra, e se eleva. Teme o homem
Da miseria impellido a um posto honroso
Pelo ouro, baixezas, ou caballas:
É vaso azinhavrado que envenena
O licor que recebe; fóge d'elle:
É cego a seus amigos, surdo ao pranto
Da irmã descalça, ou do parente pobre;
N'elle não pousa do passado a imagem
Com suave brandura, e co'o sorriso
De brilhantes laureis. Como um remorso
De crime impune, que o segredo ampara,
A lembrança do berço o atemorisa;
Odeia aquelles que na infancia o viram,
E á voz da gratidão se irrita e inflamma.
Encosta-te ao meu peito, irmão querido,
Unamos nossas almas, confundamos
O prazer e a dôr n'uma só lagrima.

BOIADEIRO.

A lagrima com que me humedeceste
A face adusta, o coração penetra,
Que é seu vaso sagrado, n'elle fica,
Que elle somente conserval-a póde.
Um favor, meu irmão, te peço agora.

TROPEIRO.

Dize?

BOIADEIRO.

Serei servido?

TROPEIRO.

Ah! não duvides,
Que tu és outro eu.

BOIADEIRO.

Pois bem, amigo.
Virás ao meu consorcio; que igualmente
No dia em que de amor tú triumphares

Ao teu lado serei. Á pia sancta
Meu filho levarás. Quero na ausencia
Mais fortes vincular sagrados laços.
Adeos, ó Bernardino, adeos amigo.

OS DOUS.

Bemdita seja a Virgem do Rozario,
Que adoramos nas varzeas da Campanha,
Que é nossa padroeira, e nosso amparo.

Maio de 1850.

EPITHALAMIO.

AO MEU PRESADO AMIGO

Domingos José Gonsalves de Magalhaens

no dia do seu casamento

Com a Ex.ma Senhora

D. Januaria de Sá Pinto Ribeiro.

Em 23 de Outubro de 1847.

Como a hostia do universo
Sobre uma ara de crystal,
Se ergue a lua pura e bella
Co'uma pompa sem igual.

No zimborio transparente
Do Guanabara ditoso,
Expande listões de lume
Da noite o astro formoso.

Na onda molle e fremente
Que sorve o meigo clarão,
Nadam mil perlas, inveja
Da esposa de Salomão.

Oh templo sumptuoso
Da vastidão sidérea,
A tua cup'la aérea
E altar maravilhoso
Outorga n'este dia
Ao Brasilio cantor
Com singular magia
Um premio ao seu amor.

A lampada celeste que accendera
Do vate peregrino o estro em Roma
Entre as ruinas cesareas,
De seu limbo fagueiro um raio envia
Por entre o ciciar cadente e odoro
Da virente alameda, em frente ao templo. [1]

---

1) Antiga Igreja de S. Anna, no campo da Acclamação, em frente a qual havia uma bella alameda de casuarinas. Foi demolida para dar logar a uma estação do caminho de ferro.

E donoso poisando, beija a fronte
Da virginea consorte, prateando
Com magica doçura
Sua candida face, e o véo nitente,
E a c'roa do hyminêo, que a enthronisam
De amor casta rainha,
Do vate digna esposa!

Era um hymno de luz! celico embora
Que o teu consorcio a festejar baixara
Do recesso divino!
Era um hymno de luz, pura, suave,
Que do gremio dos astros deslisara;
D'esse gremio sublime,
Onde tua alma em arroubado adejo,
Vate christão, fruira em ondas de estro
A sagrada harmonia,
Que em teus labios o genio perpetúa.

Ao macio fulgor da luz argentea
Que o templo tapetava,
E á luz dos cirios do altar sagrado,

Rutilava nas franjas de azeviche,
Que da virgem os olhos engrinaldam,
A lagrima de amor, filha do peito,
Quando ella pudibunda,
Da sagrada união firmando o laço
Sobre a estola do Antiste,
Dêo-te a dextra, sua alma e seu destino.

N'essa lagrima, oh vate, se irisava
Um mundo todo amor, todo amizade.
N'esse instante solemne, um véo abrio-se
E ante os olhos da esposa a tua face
Rutilou como nunca. Já não via
No rosto teu do amante a expressão dubia,
Mas sim do protector, do amigo certo
A imagem veneranda.

E tú, claviculario
Dos mysticos thesouros
Do amoroso sacrario,
Junctavas aos teus louros,
N'essa hora triumphal,
Mais essa pura gemma

Que esmalta o teu diadema
De preço sem igual.
Tua alma convergindo mil encantos,
Adejando feliz, meiga sorvendo
Ineffaveis torrentes de delicias,
Pela primeira vez sentio que os labios
Não exprimem a insolita harmonia
D'esse encontro de astros invisiveis,
Cuja luz, entre arcanos reflectida,
Só sente-a o coração, elle somente.

N'esse ensejo de encantos, de victoria,
A timida incerteza
Não deslumbra da phenis da esperança
As azas fulgurantes.
Do fragil mundo, trabalhado, inquieto,
Ouve-se o borborinho
Soar qual vaga ausente, qual o echo
Que nos ares diffunde
Fagueira viração entre os perfumes
De florido triclinio,
Que entremeia ao tinir rorante e alegre

De opiparo banquete
Alegria e prazer, que amor enlaça,
E o futuro deslembra.

O clarim da victoria
Não vibra em peito de aço um som mais grato,
Um influxo tão nobre,
Como esse echo invisivel, encendido,
Que agita no teu seio
Um mundo de venturas e delicias;
A chamma do vesuvio
Trovejando em rescaldos, não supera
Esse fogo internado
Que em teu peito se abrasa, e lança a mente
N'um vortice donoso,
Alheia aos sonhos de um passado incerto.
D'essa fria existencia
De artistico ouropel, ermo brilhante,
Aonde o coração, orgam sagrado
Do templo da amizade, não soara
De amante e esposo ignotas harmonias:
D'essa vida mental basta-te a gloria.

De galas nupciaes, feliz, risonho,
Vai, renato, gozar de altriz futuro.

A rosa pudibunda
Sorrindo á luz do dia,
Expande com magia
O seu suave olor.
O puro azul do ether,
Que anima a luz do céo,
É como um sancto véo
Que acolhe o teu amor.

Nunca a aurora tão bella e feiticeira
Em tua alma verteo luz tão suave
Tão bella e esperançosa,
Tão grata e lisongeira,
Como a aurora em que abriste á luz os olhos,
E te viste na terra acompanhado.

Tal o pai da humanidade
Vendo a esposa extasiado,

Dice a si: sou rei da terra,
  Já não sou um desterrado.

Nas pupilas radiantes
  Da divina companheira,
Novo eden contemplava
  De outra luz mais lisongeira.

Preso á coma fluctuante
  Que no ar doce ondulava,
Todo amor, todo caricias,
  Com seus beijos a afagava.

Aura celeste, meliflua
  De seus labios recolhia,
E de amor entre os deliquios
  O tempo ante elle fugia.

A vida do filho do homem
  Devera assim começar,
Devera assim acabar,
  Ser toda um hymno de amor.

Ante a face de Deos treme abatido,
Rodeado de trevas, de remorsos,
Aquelle que nas aras do adulterio
Impuro incenso queima.
No cháos rolando, o misero não sente
Acalentar-lhe um Anjo o brando somno,
Nem da fronte o suor meiga enxugar-lhe
Da cara esposa a dextra.
No charco impuro de feroz orgia,
Entre o fumo e o vinho e as gargalhadas
Que magoam o céo, e a terra infamam,
O monstro se revolve.

Quão ditoso não sente o esposo a vida
Ao penetrar, cançado,
O calmo lumiar, onde o esperam
A consorte fiel e os caros filhos
Co'um sorriso na face e amor nos labios?
Quão feliz se não sente
O que foge do mundo, e ao ver a esposa,
Roja o celicio com que o mundo o opprime,
E em seus braços encontra a flicidade?

Acaso sobre a terra
Entre sonhos de fogo a mente humana
Vio em seus devaneios e esperanças
Brotar mais pura e candida grinalda,
Que a vida adorne e enlace,
Que este encontro ditoso? O plaustro de ouro,
Do qual ungira o eixo humano sangue,
Ao Capitolio sóbe triumpante,
Precedido de um coro de gemidos,
Das exequias de um throno, da agonia
De um rei, e de um exercito vencido;
O hymno do captiveiro e do exterminio,
O retimtim das armas, e os remorsos
Essa pompa acompanham;
Mas nunca os risos da innocencia amada,
E os carinhos do amor e da amizade.

Hei colhido nos pincaros dos montes,
Que entre os céos e a terra as nuvens beijam,
De candidas vellozias
Um virginio festão, para offertar-te,
Que as rosas do Sarão vence no aroma;

Rosciado do halento matutino,
Colhi o manacá, e engrinaldei-o
No teu thoro feliz. Sobre elle desça.
O perfume do céo, de Deos a bençam.

Mutua, e grata oblação, amigo, aceita
Do apoucado cantor, em cuja dextra
O plectro de ouro se marêa, e exhala
Em rude escala incultas harmonias;
Mas canto de amizade grandiosa,
Solemne, heroica, firme, sempre estavel,
Como provada ha sido
Em conjuncturas varias
Do inconstante destino;
E que sempre o será em quanto o pendulo
Da existencia bater dentro em meu peito.

Ante o altar, remanço sacrosancto,
O teu Anjo de amor as brancas azas
Desdobrando, occultou mesto passado
Nest'hora de triumpho; teus desejos,

Brilhantes germens de amorosos sonhos,
Findaram neste dia.
O cháos brilhante, incerto, vago, immenso
Onde em trevas risonhas te emergias,
E alternadas visões cadenciavas,
Já não é mais um sonho!
Á luz do templo realisou teus votos:
Radiante de amor, de um sancto enlevo,
Brilha em teu céo a estrella desejada,
A virgem promettida: Januaria!

Profanas illusões, votos errantes,
No seu berço de luz, hoje sepulcro,
Se extinguem para sempre; á flamma sacra
Que vela o sanctuario, as vitreas azas
Chamuscaram, caindo quaes phalenas
Sobre o chão que ora pisa graciosa
A triumphante esposa.

Tudo está consummado. Altos deveres,
Que conheces, ja pousam no teu peito.

Como estrellas no céo, sobre o teu thalamo,
A voz de Deus pendentes, se equilibram
As almas de teus filhos, aguardando
O momento feliz de a terra virem
Colher teus beijos na amorosa fronte,
E os ternos mimos da bondosa madre.

OBLAÇÃO.

Do Senhor, que no espaço luzente
O universo fecundo creara,
Desça a mão ao teu leito, clemente,
Como outr'ora ao de Abrahão ja baixara.

Teu thalamo sancto
Risonhos,
Formosos
Vidonhos
Ditosos
Adornem de encanto.

Como o céo brasiliano,
Sempre puro, e sempre igual,

O rosto da tua esposa
Co'um sorriso conjugal
Corôe a tua existencia
De inalteravel bondade,
Corôe a tua velhice
De perenne f'licidade.

O VEADEIRO.

Retine já pelos ares
Dos sahycos o pipito;
Já nos céos em bandos rufa
O chilro do perequito:
Perreiro, toca o apito,
Para a matilha ajuntar.

A cornea incude ja trôa
Da araponga sonora,
E a madrugada saudando,
Saúda tambem a aurora.
Caçador, chegou a hora
Do teu pouso abandonar.

Que madrugada serena,
Que ar tão puro e perfumado!
Caçador, aprompta as armas:
Da matta sai o veado.
La vai elle para o prado
Sua manja procurar.

Ao teu tiracol encruza
O chumbeiro e o polvorinho,
Que arreiado o veloz baio
Salta como um passarinho;
Relincha, olhando o caminho,
Pois sente que vai caçar.

Late em torno, de alegria,
Pula. e lambe o pegureiro
O caçador apressado
Que já pisa no terreiro.
Solta os mestres, ó perreiro,
Que a caça vai começar.

Eis que por valles e montes
Bate o rastro a malta e brama

Como louca, e leda fica
Vendo do veado a cama,
E alêm, ao travez da rama
O matteiro perpassar.

O matteiro vai fugindo,
Dando saltos desmedidos!
Em torno ao vasio leito
Os cães rodam com latidos.
Caçador, prega os sentidos
No cão que ves farejar.

Caçador, caminha avante;
Essa malta, esse alarido
Acompanha a passo vivo,
Com teu olho e teu ouvido;
Que um veado perseguido
Azas tem para voar.

Mas eil-o que o monte galga,
E entra na capoeira;
Já lá desce, vôa, e salta

Para a outra ribanceira.
Caçador, uma carreira,
Se não, te pode escapar.

Eil-o outra vez que volta,
Esbelto, nobre, ligeiro;
E do alto a altura mede,
O salto mede e o ribeiro.
Caçador, anda ligeiro,
Que o veado has de apanhar.

La vai, removendo as ventas,
De orelha em pé, estendida,
Fugindo aos alados galgos
Que o perseguem na corrida.
Caçador, a tua lida
Stá quasi para findar.

Um salto, parece um vôo!
Na matta se entranha, e vara,
Ao rio se lança, e nada;

A matilha ladra e pára.
Caçador, arma na cara,
Vais o veado matar.

Lá cahio! foi na cabeça,
Alvo de tiro certeiro!
Arregaça as tuas calças,
Vai buscal-o no ribeiro.
Como está lindo o matteiro,
Que custou tanto a alcançar!

As mãos nos labios concerta,
Sopra e trina a capoeira;
Chama os teus cães espalhados,
Que elles já veem de carreira.
Tira a faca carniceira
Para o veado estripar.

Abre o ventre, e os intestinos
Aos teus cães brinda ligeiro,
Pois já ladram, pois já mordem
O pobre, exângue matteiro;

A lingua dá ao perreiro
E o resto deves guardar.

Parabens, gente de brio,
Eis vossa lida acabada;
Parabens, ó veadeiro,
Da tua feliz caçada.
Volta á casa, e á tua amada
Vai o veado offertar.

Fazenda de São Pedro, 29 de Janeiro de 1844.

SAUDADE.

A luz brilhante do dia
Se esvaéce acinzentada;
Nos montes nitheroyenses
Surge a lua prateada.

Em chamalote ceruleo
Reflecte a onda fagueira
Longa serpente de fogo,
Que agita a brisa ligeira.

A sensitiva mimosa
Suas folhas contrahio,
E a trombetinha arroxada
A corolla retrahio.

No ramo da laranjeira
O Sabiá já dormita;
E o bacoráo pelas varzeas
Esvoaçando pipíta.

Sobre as navas, sobre os brejos
Fuzilam mil pyrilampos;
Cinéreo vapor da terra
Encobre o esmalte dos campos.

Já não trôa da cigarra
A trombeta clangorosa;
Só martella em negro charco
O coaxar da rã fanhosa.

Como garças amorosas,
Se cruzam no mar vogando
Mil fustas, ao som das coplas
Que os remeiros vão cantando.

Ave Maria, nos ares,
A voz do sino annuncia!
Da noite o pallio sombrio
Já cobre a face do dia.

Como argenteo escudo argivo,
Róla a lua pelo céo,
Rasgando das brancas nuvens
O brando, ondeado véo.

Ao som da guitarra amiga,
Leda e mansa companhia
Deslembra as diurnas lides
Nos gozos da melodia.

Entre a esperança e o receio,
Palpita o peito amoroso,
Vendo eternisar-se a hora
Do seu prazo venturoso.

Entretanto, annosa dextra
Seu Oratorio illumina,
E em voz alta preces manda
Com fervor á Mãe Divina.

Alli quedo, qual estatua,
Juncto á lucerna vigia
O avarento os thesouros,
Que usurpou durante o dia.

Que contrastes, que ironias
Esta hora delineia!
Como a noite os engrandece,
E o silencio os patenteia?

D'alli ouço agudo pranto
E gemidos de agonia;
D'acolá mil gargalhadas,
E o tripudio de uma orgia.

Um vaso de estranhos mixtos
O meu coração semelha!
Favo de amor e sicuta
Colhido por falça abelha.

Sinto dor, tristeza sinto,
E mais que tudo, saudade!
Sinto um vasio, um deserto,
No centro d'esta cidade!

Falta-me um peito de amigo
Nesta amarga e triste lida.
És tu, parte de minha alma,
Quem me torna assim a vida.

Volta, amigo, vem ao gremio
Da sacrosancta amizade;
Vem dar lenitivo á mágoa,
Vem mitigar-me a saudade.

CONSOLAÇÃO.

Quando a teu lado vejo o tempo alegre
Tranquillo deslisar; quando ao teu seio
O meu encosto, e que tua alma á minha
Se allia no consorcio sacrosancto
Da mente e coração; deslembro a terra,
A patria de Cain, a estancia amarga
Onde as lagrimas d'alma o pão azedam.

Quando a teu lado, na apoucada mente
Sinto o lume das artes reanimar-se,
E em ti, amigo, vejo erguida a musa,

Que a esperança e a coragem reanima
Com brandos meios, e incentivos doces,
Esqueço os monstros que a sanhuda inveja
Contra mim levantára; esqueço as trevas
De um passado, que eu só talvez lastime;
Que eu só lastimo n'esta ingrata plaga,
Onde a voz da calumnia é prophecia,
O empenho é lei, e o ouro divindade;
Onde as flores do campo exhalam iras,
E no adro sagrado odios pullulam!

Quanto a teu lado me ennobreço e elevo?!
Á terra não pertenço, e á raça infesta,
Terrena e sem escopo, que o destino,
Para escarneo maior, deo-lhe por berço
Este Elysio sem par, grande, e sublime,
Onde tudo é divino, excepto o homem.

O BEIJO MATERNAL.

Que flor é essa que expande
Da innocencia o puro riso,
Flor que não perde o esmalte,
Como a flor do paraizo?

Que nectar distilla ella,
Que o teu labio avaro liba?
Bella mãe, tu a contemplas
Como quem amor preliba!

Colhendo o mel das corollas
A jatahi não te excede,
Nem o colibrio mimoso
Nos beijos que á flor só péde.

Sinto, sim, ora o mysterio
D'essa flor, flor peregrina;
O nectar que d'ella colhes
Ao coração se destina.

Beija, beija carinhosa,
Feliz mãe, essa creança,
Frue o amor nos seus labios,
Frue a ternura, e a esperança.

AO BAPTISMO DE UM MENINO.

Na fronte mimosa do infante querido
A Graça resplende seu lume celeste,
A Graça Divina! que a onda sagrada
A mancha lavou-lhe, que a carne reveste.

Levita innocente, sorrio-se no templo,
E á voz do Antiste o céo encarando,
Na nuvem de incenso, que ao céo remontava
Mostrou-se-lhe um Anjo formoso adejando.

Seu Anjo da Guarda, vestido de lume.
No ar tremulando as azas cadentes,
Que o templo innundavam de doce harmonia,
E a fé avivavam nos peitos dos crentes.

Com voz caroavel o Anjo cantava,
Sorrindo ao menino, e assim lhe dizia:
„Ao pé do teu berço, beijando os teus labios,
„Serei o teu guarda de noite e de dia.“

1851.

A CALUMNIA.

As almas dos nescios são vasos porosos,
Aonde a calumnia seu fel deposita;
Tressuam veneno, que a serpe maldita
Sanhuda infiltrára com gestos manhosos.

Metal mareado, por fino que seja,
Não mostra o brilhante da sua pureza,
E a estima já perde, já perde a belleza
Aos olhos do parvo, que é primo da inveja.

O mal se acredita, veloz se diffunde,
Veloz como o raio; é planta que cresce!
O tempo incansavel, que tudo esclarece,
Mui tarde triumpha, e os erros confunde.

No ouvido de Cesar, fecundo terreno,
Labora a Calumnia, sorrindo ou chorando:
E o rei indolente, que a vai escutando,
Mal sabe que sorve iniquo veneno.

Engole a mentira, e crê que é verdade,
E contra o innocente severo se ostenta;
O amigo sincero do throno afugenta,
E ao vil intrigante concede amizade.

Que importa á Calumnia que a honra feneça,
Se applaca seu odio, se sente delicias?
Que importa á Calumnia urdir mil sevicias?
Que importa a seus olhos que o justo pereça?

Cisterna insondavel de escura vingança;
Calinico fogo, que nunca se extingue;
Serpente sem olhos, que nada distingue;
Abysmo e sepulchro de toda a esperança.

Eu vi a Calumnia matar, pranteando!
Da estola sagrada, fingida, adornar-se;
No céo pondo os olhos, em prantos tornar-se,
E á occultas co'a dextra o ferro cravando!

Na fronte serena, na voz carinhosa,
Verias um Anjo da terna amizade,
Se acaso não visses luzir-lhe a maldade
Nos olhos incertos, na boca manhosa.

Conheço-a vestida, e o como trajára!
Já vi seus triumphos impunes no mundo:
É um monstro, estou vendo-o, que vai gemebundo
Lamber o cadaver que ha pouco immolára.

CONSUMMATUM EST.

O sangue do Cordeiro immaculado
A missão sigillou sobre o Calvario.
A fatidica voz de cem Prophetas,
Do tumulo das eras resurgida,
Firmou aos pés da Cruz o grande annuncio.

Pregado no madeiro, onde elle abraça,
Como filha querida, a humanidade;
O rosto macerado
Alça da terra ao céo, e ao Pai exclama.
„Tudo está consummado.“

Na lacerada e gotejante espadoa,
Onde pesara o doloroso lenho,
Reclina a fronte, e um suspiro exhala,
Suspiro que o universo inteiro encerra.

A sua voz gemente, novo Fiat,
Os ferreos eixos do passado quebra,
Abre ao futuro um radiante lume,
Ao homem rompe os vinculos de lodo,
E á etherea mansão sua alma eleva;
Á Gehenna de pranto as portas fecha,
Lança um raio de luz no limbo escuro,
Reveste a morte de esperança e gozo,
E resgata a mulher do captiveiro!

O orbe antigo rue, e desparece
No oceano do tempo.
Ante o porvir se abysma envolto em trevas
O throno do passado. A voz do Christo
Em mutuo amplexo os homens fraternisa.

Convulso mingua nas caducas aras
Da impura idolatria o fallaz cirio.

Na aurora do porvir a cruz se estampa,
C'roa-lhe o cimo o Anjo da victoria:
O equeleo dos réos, a cruz da infamia
(Singular peripecia!)
Sobe a fronte dos reis legisla, impera,
Conquista os mares, novos mundos acha,
E o homem regenera.

Tudo está consummado.
Dos colossos do Egypto, dos barrentos
Artefactos de Belo, do helio mármor
Por Phidias e Praxiteles talhado
Esvaeceo-se o influxo.
No cimo do Hymalaia empallidecem
Os Multifrontimanos, que do Ganges
As aguas turvam com embuste e sangue.
Nos porticos a noite broxuleia;
E a aranha solitaria adorna os atrios
Com tabidos festões, que ermos accusam.
Dos gentilicos templos,
Nos adytos as viboras se acoutam.

Não vês, Roma oppressora, não presentes
Dos Cesares em baculo mudada
A espada carniceira? Não destingues
A fatidica voz que te annuncia
O ermo vaticano, e erguido aos astros
O templo d'ouro, o centro do Evangelho?
Não ouves n'esses antros tenebrosos,
Sepultura de victimas sem conta,
Retumbar triumphante a voz do pranto,
E um mundo que vencer deve o teu mundo?

Tudo está consummado!
Surgem do pó dos evos, mutilados,
Fuliginosos deoses,
Como escravos jungidos ao triumpho,
Em terra estranha vão ornar das artes
Os templos, e profanos cultos terem:
O lapis é seu lituo, e a patera
Na palheta irisante encontra herdeira.

Do fero Capitolio, amedrontado,
Deserta ao ninho augusto, e se encaverna

Encouchado nos antros do exterminio
O abutre do universo.: Aguia Romana
Pousa do Pescador na pedra-ungida
Co'o sangue do Messias. Sobre as ruinas
Das sete frontes da tyranna extincta
Nesses delubros do pomposo imporeo
Do orbe escravo, paira, e luz derrama
O Seraphim do Golgota.

Tudo está consummado.
A contristada e misera Solima
N'um pelago de sangue afoga os labios.
Entre selvas de fogo, fumo e enxofre
Cruzam nos ares architraves, cupolas,
Bronzeas columnas, inflammados cedros;
Que o Archanjo da morte nas alturas
Sopra, e lapida da cidade a fronte.

Incredula Solima! Do jazigo
Resurge Jeremias; emmudecem
Os canticos e as harpas; novo anathema
Co'a voz da eternidade te fulmina.

Tuas palmas odoras, e oliveiras,
Ludibrio do futuro,
Com sangue regarás: ante o Messias
Como Jano bifronte caducaste.
Nos teus olhos, a nevoa do peccado
Empana a luz divina, que da fronte
Moysés te darda do Sinai terrivel.

Descrida, escravisada, em teu deserto
Leito impuro serás de errante prole.
Humilde a supplicar irás perjura
Cem Regulos ferozes; nunca um riso
Na mesta face, criminosa, e curva
Virá de ingenua gloria abrilhantar-te.

Abre-te, ó valle de Mello,
Trevas medonhas vomita;
Dos Levitas na garganta
Dos psalmos a voz sopita.

Arborea flamma das nuvens
Cai no teu templo, ó escrava,
O sanctuario incendeia,
Que a Arca sancta guardava.

De Geão, de Siloé
Seccou-se a clara corrente;
Como o fogo dos infernos
Te abrasas de sede ardente.

Das entranhas do Calvario
Um craneo de condemnado
Surge á face, e o sangue apara
Do Christo crucificado.

Em teus labios moribundos
Da noite o anjo terrivel
O emborca, e o sangue bebes
Na tua agonia horrivel.

Dos teus pulsos orgulhosos,
Triste madre d'Israel,
De novo as carnes te rasgam
As cadêas de Hazàel.

Geme, geme a tua sorte,
Que do alto do Tabor,
Mostrando-te o captiveiro,
Vem Nabuchodonosor.

Serás de Alarves errantes
Escrava, e mixta colonia:
Teus filhos em toda a terra
Serão sempre em Babilonia.

Tua Arca sancta, e de Moysés as taboas,
Sob a profana planta esmigalhadas,
O ermo juncarão, que hade assentar-se
Nas ruinas do teu sagrado templo.

A luz nega-te o sol, cidade ingrata,
A lua o disco enlucta; a voz das harpas,
Que teus threnos sagrados roborava,
Se cala eternamente.

Do deserto a serpente furibunda
A socia do peccado,
Vem no teu funeral, no teu exicio,
Sibilando, aspergir átro veneno.

Como o intenso simún remoinhando,
Espessa nuvem tomba de improviso,
E súbito suffoca a luz do dia!
És a filha da noite. Mal rutila,
Empapado de trevas, moribundo
O sol, que meio occulto no horizonte
Simula argivo escudo ensanguentado.

Em trevas magestosas envolvidos
O mar, a terra, e ceos, unidos bradam:
„Cáia em Solima o sangue do Messias;
„Maldição, maldição eternamente.

O Sol empallidece! surge a noite
N'um momento enluctando a luz do dia;
Treme a terra de medo; erram confusos
Exorbitados astros pelo espaço;
A Natureza inteira estremecendo,
Geme, e pranteia o transito do Ungido.

O Libano se abala, sacudindo
Entre raios os cedros millenarios;

O oceano, de horror, recúa em montes,
E arrojando-se ás cupulas de Tyro,
As frotas do universo despedaça.

Como as cordas de uma harpa, ondulam, gemem
As grimpas do Ararat, onde entre nuvens
O novo Adão pousou na nova idade.
Por cem bocas o inferno brada, e sólta
Temerosos trovões; gladios de fogo
Talham os ares, diffundindo a morte.

America gentil, teus altos Andes
Pelos olhos vulcanicos jorraram
Prantos de fogo e de metaes preciosos.
O Christo o vio, e para ti volvendo
Piedosos olhos, prometteo remir-te.

No Golgotha chorando, em ampla curva,
Celestes Cherubins descem, tecendo
Co'as niveas azas luminoso palio,
Que a cruz ampara, em quanto genuflexas
As sombras dos Prophetas,

Em profundo silencio, em dor eterna,
Aguardam que do Christo a Alma divina
O debil laço rompa que o humanava.

A Victima expirou!... És livre, ó homem,
Que suspenso na terra,
Entre os céos e o inferno abandonado,
Vês na cruz o ostensor da eternidade.

Coberta de cinza a fronte,
Que David ornou de louro,
Chora, Solima, o teu crime,
Rasga as tuas vestes de ouro.

Geme, e bebe, ó miseranda,
No teu calix de agonias
O pranto que despresaste
Do divino Jeremias.

Teus hombros estão despidos
Da purp'ra de Salomão,
N'elles pesa a cruz do Christo,
Vertem de sangue um Jordão.

É teu throno uma caveira,
Imagem da tua sorte;
De Saul o máo espirito
No teu peito infunde a morte.

Verte lagrimas de fogo
Jerusalem desgraçada;
Rude foste á voz celeste;
Vive pois excommungada.

Serás cem vezes escrava,
Serás liberta n'um sonho,
Serás de novo arrazada,
Serás deserto medonho.

Juncto ao sepulchro do Christo
Os evos tu vingarás,
Sempre abatida e tristonha
Como escrava existirás.

De Jesabel o manto criminoso
Cobre os teus muros, infiel cidade.
Agora mesmo, em confusão horrenda,
Surge do limbo um coro de vagidos

A imprecar teu porvir: pendente a espada
Do canibal Herodes relampeia,
Como infausto cometa em tua fronte.

Findaram teus prophetas, que o Messias,
Ultimo garfo da vidente prole,
O circulo fechou dos vaticinios.
Já do alto da cruz remio a terra,
Já do alto da cruz ao homem dice:
„Regenera-te á sombra do madeiro,
„Que ennobreceo meu sangue; ergue-te e marcha.
„Quebrei do limbo as portas tenebrosas;
„Remi da noite eterna os Patriarchas,
„E abri-lhe a luz do céo, a luz eterna.
„A voz da salvação livre te acclama;
„N'um bivio eterno puz da morte o throno:
„Peregrino da terra, vem commigo.

Tudo está consummado.

19 de Março de 1848.

A UM JOVEN.

Que pretendes de mim, mancebo alegre,
Conviva insonte do festim da vida,
Risonho esposo da esperança varia?

Que pretendes de mim, anjo donoso,
Que o ser fluctuas em risonhas alvas
De uma aurora sem fim? Pedes um verso,
Um verso, uma harmonia de minha alma,
D'esta alma recurvada pelas magoas,
Mirrada ao bafo de um cruel destino?

Os bellos dias de amoroso enlevo,
De gratas illusões, se escureceram
N'um abysmo de dor e de infortunios.

Na cupola sonora do intellecto,
Onde as magoas e penas se asilaram
E a triste realidade, já não cruzam
Sonoros echos da eternal belleza.
Gelado o coração por desenganos,
Ferido o corpo pela mão do tempo,
Morta vejo a Natura. Os poros d'alma,
Retrahidos de dor, não bebem lume,
Nem reflectem harmonicos a imagem
Do Fiat immortal. O sacro fogo
Semimorto flammeja, como a lampada
Que ao céo levanta intermittente chamma
No tugurio do pobre. Os olhos d'alma,
De sombrios crepusculos envoltos
Só colhem lucto e sensasões tristonhas.
No horisonte da vida já não fulgem
De outr'ora os dias, em que a mente em flores
Não via os fructos da cançada vida.

Mil vezes mais feliz quem deixa o mundo
Na quadra da esperança, quem no gremio
Da mãe que o ama com risonhos labios
Unge-lhe as faces de nectareos beijos,
Os olhos fecha e socegado dorme
O somno eterno do resgate d'alma.
Flor que á aurora do céo se abrio n'um dia,
Que a gleba perfumara onde nascera,
Sem curvar-se aos tufões do inverno ingrato.

Outr'ora, n'este involucro terreno,
Como um echo dos céos, passava ás vezes
Solitaria harmonia de almo encanto;
Mas hoje, caro amigo,.... só gemidos!
A estrella que eu sonhei, pulverisou-se;
Brilhou, mas foi nas trevas que a extinguiram.
Adejei-a amoroso sobre os votos
Da mais pura innocencia, amor celeste
A fazia expandir-se entre as delicias
De ineffaveis desejos.... Mas,... sonhava!

E onde, amigo, achar chrysol que apure
Uma alma que nasceo sem liga, e a faça

Voltar ás regiões em que vivera?
Onde a esperança e a paz?... Na sepultura,
Porta do céo e do descanço eterno;
Ou entre as feras n'um escuro valle,
Onde o homem não pouse um só momento.

Em teus olhos formosos, que embellecem
De flores o deserto; em teus ouvidos
Onde tudo se aduna em harmonias,
Parece estranho o meu pensar! Os annos,
O borborinho sordido de um mundo
Composto de illusões e de injustiças,
Cisterna impura que só verte lagrimas,
Mais tarde te dirão se isto é verdade,
E se a vida, ao pender da juventude,
Não é fardo pesado, insupportavel
Para aquelle que vê de perto o mundo.

Bem te dice, mancebo, que na fronte
Já não tenho harmonias. Não sou vate!
Apagou-se o luzeiro; só me restam
Amargas cinzas do cruel passado.

VIGILIA.

Estou só; tudo dorme. No universo
Velam minha alma, e o trovão longinquo,
Saccudindo o brandão das tempestades
No sinistro horisonte.

Minha alma se dilata e se engrandece
No campo ethéreo das visões fecundas,
Que a noite envolve de mysterio e encanto,
De horror e de esperanças.

Monologos de amor, de ardentes votos,
Morrem no coração cheio de angustias,
Quando lhe foge no arrebol da vida
A estrella desejada.

Prêsa ao cilicio da cruel vigilia,
Róla minha alma de um abysmo a outro;
Acurva ao peso da injustiça humana,
Revolve-se, e debate.

Meu leito e minha paz é hoje um Taurus:
Immovel Prometheo, creando mundos,
Sinto o lume fugir; senhor do espaço,
Mas escravo da terra.

Não sinto rutilar na mente exhausta
A flamma creadora, e nem passarem
Em tacito concento as melodias
Que outr'ora me afagaram.

Mal desponta o sorriso, vem o pranto!
Rôta nuvem, que o céo a furto mostra,
E estala, rebentando a tempestade,
Ao meu ser se assimilha.

A creadora, artistica harmonia,
Que o ser eleva ás regiões sublimes,
Calou-se, como a corda sonorosa
De lyra fulminada.

Nesta vaga aridez só vejo um limbo
De espessas trevas, de mortal silencio,
De esteril vida, de um morrer continuo,
De incessante agonia.

Aguardemos a aurora! A luz é vida;
Discurso o dia; a Natureza orquestra;
E o céo azul encanto e desafogo,
E espelho da esperança.

27 de Desembro de 1851.

A SEPULTURA DE CAMÕES.

NA IGREJA DE SANCTA ANNA, EM LISBOA.

A pedra, que a mente de um Phidias transforma
Na imagem do genio, se o tempo a esborcina,
É muda, sem alma, sem moto, sem norma;
Cadaver de pedra; o que é que ella ensina?

Escarneo da gloria, affronta ao passado!
O lume da mente, a essencia immortal
A pedra a não lança; que á pedra é vedado
Brotar pelos poros a luz divinal.

Camões era um Cesar; o seu cenothaphio
Avulta na lyra, de idade em idade.
A pedra, que exara mesquinho epithaphio,
Mostrar jamais pode tão grande entidade.

O nome que a lousa ao tempo encarece,
Que encerra esse nome? Da morte o imperio;
De luz um relampo, mas luz que fenece
Nas trevas do tempo, ou de um vituperio.

O nome do vate no espaço resôa,
O tempo o exorna do lume da gloria;
Se a inveja dos homens na vida o nodôa,
A morte o restaura com dupla memoria.

A musa que exalça dos seus o empenho
Em lides famosas, a patria ennobrece;
Se o feito abrilhanta co'o sol do engenho,
É um canto divino, que nunca perece.

Na estancia sidérea da eterna memoria,
A que elle, bom filho, a patria elevara,
Maior do que todos no nome e na gloria,
Camões lá resplende, estrella preclara.

O tempo e os homens e o vario destino
A uma sobre elle o aresto firmaram:
Os evos são d'elle; seu nome é divino;
A morte, o olvido ante elle cessaram.

Que importa a seus ossos marmorea grandeza?
Orgulho dos homens, tardia lembrança!
O mundo votou-lhe maior realeza:
A eterna memoria, a eterna vingança!

Amo essa pedra despida
Sem uma lettra mendaz,
Sem epithaphio fallaz,
Sem uma phrase mentida.
Ah! não foi envilecida
Co'uma futil inscripção!
Amo esse liso, esse chão,
Essa lage, sem vaidade,
Porque ahi vejo a humanidade
Na pedra da ingratidão.

Vejo ahi calcada a palma
Do martyr da intelligencia;

Vejo a gloria na indigencia!
Ai, não foi da terra essa alma
Tão sublime e grandiosa;
Foi da estancia luminosa,
Que baixou para soffrer,
Para amar, e renascer
Na morada gloriosa.

Mostrou n'elle a Divindade
Quanto é grande e poderosa;
Pois n'essa alma generosa
Adunou a potestade
De uma rara dualidade!
Deo-lhe patrio amor ao peito,
Deo-lhe braço ás armas feito,
Deo-lhe mente ás musas dada,
Deo-lhe a gloria, — mas atada
Nos espinhos do seu leito.

Em seus olhos contrapostos,
Se estamparam dous fadarios:
O que encerra almos sacrarios,

O dos males sotopostos
Que na vida o flagelaram;
Os thesouros d'alta mente
Na desgraça do indigente;
Alternado claroescuro!
Era um rei para o futuro
O mendigo do presente.

Malfadada Lusitania!
Vio dous reis abandonados
Perecerem desgraçados:
O das armas, pela insania,
Sobre o chão da Mauritania,
Sem um sepulchro real!
O da lyra sem igual,
Sobre a enxerga em que expirou,
Como um vil que se atirou
Ás portas de um hospital!

Foi terrivel punição
Após tanta heroicidade;
Foi a voz da Divindade

Quem te deo a maldição!
De teus reis a ingratidão
Foi tamanha em plenitude,
Que a Galvão deo servitude,
A Albuquerque a iniquidade,
A Pacheco a crueldade,
E a Camões despreso rude.

1859.

O POETA.

Opprobio ao Vate que profana a lyra!
Opprobio, infamia a quem insulta o Vate!
Magalhaens. Susp: Poet:

A plebe altanada de insultos te assoma!
De escarneo lhe serve teu nome sagrado!
És hoje o vencido dos tempos de Roma,
Coberto de lama, de opprobrio, e curvado.

Teu nome á utopia se empresta, zombando;
Tua arte á mentira o nome acoberta;
Tu és um proscripto aos olhos do mando,
Um louco, insensato, uma alma deserta.

Fugir só te cumpre, e os labios cerrar.
No templo de Themis Mercurio se assenta;
E a prole de Cacco, invade o altar,
Das aras sagradas o antiste afugenta.

A nuncia das trevas, a torpe ambição,
Só quer mando e ouro, e a vida animal;
Do bello e sublime detesta a lição,
As artes proscreve, proscreve a moral.

Nas eras burlescas teu canto é baldado,
Que peitos mesquinhos á gloria não leva;
Porque és, ó poeta, no templo sagrado
Levita de um culto, que em ruinas se eleva.

As artes no imperio da mesta anarchia
São filhas espurias á raça que impera;
São monstros inuteis, não tem serventia
No mundo terreno, pois são de outra esphera.

Se queres, ó vate, sér livre e senhor,
Conviva, sentar-te no grande festim,
Não digas que a Musa de eterno explendor
A fronte adornou-te no ethéreo jardim.

Despreza a natura, detesta a verdade,
Co'o manto te adorna do torpe egoismo;
Repele a virtude, abraça a maldade,
Proclamma o intresse, e nega o heroismo.

Confessa que és parvo, que escravo nasceste,
Que adoras as trevas, que és fraco mortal;
Não digas que és vate, que endeixas teceste,
Se não,... vê a morte n'um pobre hospital.

Renega esse mundo sublime, e sereno,
Concento formoso de pura harmonia;
Procura o velabro do egoismo terreno,
Permuta a materia, despreza a poesia.

As lettras de cambio são aureos diplomas,
Brazões de nobreza, que afastam desdouro;
São versos da biblia dos nossos Mafomas,
Prophetas da bolça, do culto do ouro.

Comer, divertir-se, eis sua doctrina:
A patria são elles; o mando ventura;
A honra conceito de vã disciplina,
E a gloria um indicio de grande loucura.

Na campa, onde cessa da insania o tumulto
O vate renasce, não tem ostracismo;
A mão que o ferira, adora o seu vulto
Nas posteras aras do patriotismo.

Em gloria converte-lhe as dores da vida;
Seus ais e seu pranto em alta harmonia,
E o leito de dores, a triste jazida
Em marmor, e em hymnos a extrema agonia.

Que importa? Marchemos á uma, cantores,
Que é nosso o futuro, cantemos unidos;
Cantemos a patria e os nossos amores,
Á inveja praguenta não demos ouvidos.

Na aurora brasilia o céo está limpo!
Marchemos, que o vate tambem tem poder:
Com hymnos desthrona do ephemero olympo
Os deoses de lodo, que o querem vencer.

O canto edifica, idéas infunde,
Os homens renova, as almas allia,
Sem ferro, sem flamma, tyrannos confunde,
Proclamma a justica, e a terra extasia.

Nós somos os echos do bello e da gloria,
E não os arautos do torpe egoismo;
Cantemos, que o canto é o hymno da historia,
A auréola sublime do grande civismo.

INDICE.

	Pag.
Observação	1
Canto Genethliaco	5
A Destruição das Florestas	45
O Corcovado	85
O Harpoador	152
O Céo	173
O Voador	184
Ao Meu Amigo Magalhaens	199
A Voz da Natureza	213
O Pouso	257
Epithalamio	293
O Veadeiro	307
Saudade	313
Consolação	318
Beijo Maternal	320
Ao Baptismo de um Menino	322
A Calumnia	324
Consummatum est	327
A um Joven	340
Vigilia	344
A Sepultura de Camões	347
O Poeta	353

m

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Dec. 2008

PreservationTechnologies
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 012 203 199 8